

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO



**NOVA VISÃO DO IDEÁRIO LINGUÍSTICO
DE FERDINAND DE SAUSSURE**

Marlene da Conceição Vasques Loureiro

**Dissertação de Mestrado em
Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas**

Vila Real, Julho de 2007

It has become clear to the serious students of the 19th-century linguistic thought that its history needs to be rewritten completely, both in content and form, and much work has still to be done to realize the desired goal (Koerner 1975: 717).

On peut donc affirmer que si le nom de Saussure et les thèmes principaux de son oeuvre sont très connus, cette connaissance reste en général superficielle. Cet état de choses est habituellement expliqué par les insuffisances et les maladresses de la rédaction et de la composition du Cours de linguistique générale lui-même. (Bronckart 1995: 85).

Ao João.
Aos meus pais, avós e irmão.

Preâmbulo

O presente estudo, intitulado *Nova visão do ideário linguístico de Ferdinand de Saussure*, tem como objectivo primeiro a aquisição do grau de Mestre em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas.

A ideia deste trabalho aflorou num seminário de Linguística Portuguesa III, durante o qual o Professor Doutor Gonçalo Fernandes apresentou a obra *Écrits de linguistique générale* e mostrou o seu interesse por um futuro estudo que se debruçasse sobre a referida obra em comparação com o *Cours de linguistique générale*. Relembrando as disciplinas de licenciatura, Introdução aos Estudos Linguísticos e História da Língua, cujos conteúdos programáticos relevavam acentuadamente o pensamento e o linguista Ferdinand de Saussure, recordámos o interesse que este linguista suscitava em nós. Após uns dias a adormecer sobre o assunto, delineámos uma dissertação de Mestrado. No fundo, o que pretendíamos era explorar em que medida o *Cours de linguistique générale* obedecia às ideias linguísticas de Ferdinand de Saussure, agora presentes nesta nova obra. Decidimos então explorar o tema, entusiasmados pelo interesse e pela curiosidade que nos incutia, resolvendo *deitar mãos à obra...*

Sabíamos, à partida, que a realização deste trabalho implicaria a leitura e a análise de uma extensa bibliografia, dificultando o grau de execução do mesmo, tornando-o um processo moroso. Por isso, por vezes o desânimo chegou... Mas o apoio dos que nos rodeiam foi essencial! Destacamos, desde já, o Professor Doutor Gonçalo Fernandes, ao qual, devemos um agradecimento muito especial pela atenção, pelo apoio e pela forma estimulante como acompanhou e orientou o nosso trabalho.

Distinguimos ainda o Director do Mestrado, o Prof. Doutor Carlos Assunção, por coordenar um curso tão proveitoso, por nos ter apoiado ao longo do Mestrado, e ainda pelos conselhos e pelos alertas que nos dirigiu.

Agradecemos também o apoio, o amor e o carinho com que o João acompanhou todos estes dias de incessante trabalho e cansaço.

Agradecemos ainda todo o apoio e carinho dos pais, avós e irmão.

A todos um bem-haja!

Sumário:

A contribuição de Saussure para a Linguística é inegável, sendo o *Cours de linguistique générale* (1916) um marco incontornável nos estudos linguísticos. Esta obra, redigida e publicada pelos seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye, foi a principal forma que tivemos, até agora, de aceder e divulgar as teorias saussureanas.

No entanto, recentemente foi descoberta uma série de textos, manuscritos por Saussure, que nos permitirão conhecer o seu verdadeiro pensamento. Assim, no presente trabalho, faremos uma análise comparativa das obras *Cours de linguistique générale* (1916) e *Écrits de linguistique générale* (2002). A partir daí, apresentaremos os princípios comuns a ambas e sublinharemos os aspectos do ideário saussureano que surgem nos escritos entretanto encontrados e que Charles Bally e Albert Sechehaye não registaram ou registaram de forma incompleta e/ou parcial ou totalmente errónea.

Abstract:

Saussure's contribution to the Linguistics is undeniable and its *Course in General Linguistics* (1916) is fundamental to Linguistics' studies. This book was written and published by his lectures Charles Bally e Albert Sechehaye and it has been till now the main way to accede to and to divulge Saussurian theories.

Meanwhile, some texts handwritten by Saussure were discovered and they will allow us to get knowledge about the real Saussure's thoughts. So, at the present work we will do a comparative analysis of the two books: *Course in General Linguistics* (1916) and *Écrits de linguistique générale* (2002). After that we will show the common ideas and we will emphasize all the aspects of Saussurean *idearium* which appear in his handwritten found but that C. Bally and A. Sechehaye didn't write in their book or, perhaps, they wrote it in an incomplete or partial way or even in a totally contradictory way.

Índice

0. Introdução	3
1. Síntese biográfica de Ferdinand de Saussure.....	6
1.1. Saussure e a sua época	8
2. <i>Cours de linguistique générale</i>	14
2.1. A língua como objecto da Linguística	16
2.2. A Semiologia	20
2.3. A dicotomia <i>langue / parole</i>	21
2.3.1. A linguística interna e a linguística externa.....	25
2.4. A dicotomia sincronia / diacronia	27
2.4.1. Pancronia.....	31
2.4.2. Linguística Sincrónica	32
2.4.2.1. A língua como sistema.....	33
2.4.2.2. A teoria do signo linguístico	35
2.4.2.2.1. A arbitrariedade	36
2.4.2.2.2. A linearidade do significante	39
2.4.2.2.3. Carácter discreto	40
2.4.2.2.4. Mutabilidade e imutabilidade	40
2.4.2.3. As entidades concretas da língua	43
2.4.2.4. Identidades, realidades, valores	44
2.4.2.5. A noção de valor linguístico	46
2.4.2.6. Relações sintagmáticas e relações associativas	48
2.4.3. Linguística Diacrónica	49
2.4.3.1. A fonologia e a fonética.....	51
2.4.3.1.1. Princípios de fonologia	52
2.4.3.1.2. As modificações fonéticas	54
2.4.3.1.3. A analogia	57
2.5. A linguística geográfica	61
2.6. Representação da língua pela escrita	62
3. <i>Écrits de linguistique générale</i>	65
3.1. O signo e a linguagem.....	66
3.1.1. Sema, apossema e parassema.....	69
3.1.2. A diversidade do signo.....	70
3.1.3. Características do signo	72
3.2. Valor, sentido, significação e forma	73

3.3. A língua como sistema.....	74
3.3.1. As unidades da língua	77
3.4. Sincronia e diacronia.....	78
3.5. A continuidade e a transformação da língua.....	81
3.6. A língua / linguagem como objecto de estudo.....	87
3.7. Linguagem, língua e fala.....	90
3.8. Discurso e frase.....	91
3.9. Semiologia	93
3.10. Fonética e fonologia.....	94
3.10.1. As modificações fonéticas	96
3.10.2. A alternância	97
3.10.3. A analogia	98
3.11. A articulação e a teoria da sílaba	98
3.12. Morfologia	101
3.12.1. Mudança morfológica	104
3.13. Representação da língua pela escrita	105
3.14. Estilística.....	105
4. Nova visão do ideário linguístico de F. de Saussure	108
4.1. Delimitação do objecto de estudo	108
4.2. Distinção entre linguagem, língua e <i>parole</i> /fala.....	109
4.3. Distinção entre <i>parole</i> efectiva e <i>parole</i> potencial	110
4.4. O signo	111
4.4.1. A realidade extra-linguística.....	112
4.5. A língua como sistema de diferenças.....	113
4.6. A noção de valor	113
4.7. A continuidade e a transformação das línguas.....	114
4.8. Fonética e Fonologia.....	115
4.9. Quatro pontos de vista para analisar a língua	116
4.10. Semiologia	117
4.11. Morfologia	118
4.12. Estilística.....	119
Conclusão.....	121
Referências Bibliográficas	127

0. Introdução

O pensamento de Saussure, depois de cerca de um século de estudos, pode ser agora totalmente revisitado. E a obra *Écrits de linguistique générale* será o ponto de partida para novas investigações sobre o verdadeiro ideário linguístico de Saussure.

Até aqui, todas as teorias saussureanas baseavam-se principalmente nos apontamentos dos seus alunos reunidos e compilados na obra *Cours de linguistique générale*. Uma vez que não foi Saussure quem escreveu a referida obra, será que os seus discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye, conseguiram compreender e abarcar todo o pensamento do linguista suíço? Por outro lado, nada nos garante que Saussure lhes expusesse todas as suas teorias.

É partindo destes pressupostos que analisaremos e interpretaremos os manuscritos de Saussure presentes na obra *Écrits de linguistique générale*. Não obstante, esta análise terá sempre em atenção a obra *Cours de linguistique générale*. Assim, do estudo que nos propomos realizar constará:

- uma introdução, na qual se observará, de um modo geral, a importância de Saussure e o seu contributo para a Linguística enquanto ciência;

- um desenvolvimento ou estudo propriamente dito, que se dividirá em três partes: numa primeira, analisaremos as principais ideias de Saussure partindo da obra *Cours de linguistique générale*; numa segunda, compararemos o estudado na obra de Bally e Sechehaye com os manuscritos saussureanos recentemente encontrados; e, por fim, numa terceira parte, apresentaremos sistematizadamente o verdadeiro pensamento de Saussure;

- e uma conclusão.

Desta forma, este estudo de replicação procura, primordialmente, dar a conhecer uma nova visão, mais completa, do ideário de Ferdinand de Saussure.

Até aqui, seguindo de perto o *Cours de linguistique générale*, que consideramos um livro nada fácil de ler (Holdcroft 1991: 1), podemos dizer que, na maior parte dos casos, a apresentação de Saussure limita-se à apresentação das suas grandes dicotomias ou oposições: “langue – parole, synchronie – diachronie, syntagme – paradigme, forme – matière, etc” (Bronckart 1995: 85). Abrangendo todas estas dicotomias, está a linguagem enquanto objecto de estudo primordial da Linguística.

Na linguagem, Saussure distingue o seu aspecto social, *la langue*, e o seu aspecto

individual, *la parole*¹. Saussure traça, assim, uma teoria bipartida relativamente ao objecto de estudo da Linguística. Deste modo, a linguagem é uma faculdade de que todos os homens, dotados de aparelho fonador, dispõem e procuram usar. Bronckart (1995: 103) salienta a comparação do *Cours*, segundo a qual esta faculdade humana da linguagem é comparada à faculdade de que dispõem os pássaros para cantar, reiterando que existe uma faculdade humana de linguagem. A *langue* seria, assim, um sistema, isto é, um conjunto de unidades relacionadas umas com as outras, que obedecem a um conjunto de regras (François 1980: 68). Por sua vez, a *parole* seria “o ato de fala, através do qual o falante expressa suas ideias usando o código da língua e o mecanismo psicofísico a seu serviço (Câmara Jr 1986: 107). Constatando as diferenças destas duas vertentes da linguagem, o linguista suíço vai propor a existência de duas linguísticas: uma linguística da *langue* e uma linguística da *parole* (François: 1980: 69), sendo o estudo desta última considerado secundário (Bronckart 1995: 105). Desta forma, o linguista suíço tem sempre presente que “a língua é, simultaneamente, o objecto e o material da investigação” (Crystal 1977: 101), pois só se analisa a língua fazendo uso dela.

Neste seguimento, distingue ainda duas dimensões fundamentais do estudo linguístico: a sincronia e a diacronia. Deste modo, um estudo linguístico sincrónico “concebe a linguagem como totalidade viva, existente como «estado», num determinado período de tempo (um *état de langue*, como diz Saussure)” (Ibidem: 193). Por sua vez, o estudo diacrónico tem em conta a evolução da uma língua através do tempo. De facto, a originalidade de Saussure foi aplicar o estudo sincrónico na Linguística:

L’originalité de Saussure a été d’appliquer la méthode scientifique à la langue considérée à un moment donné dans le temps, indépendamment de toute évolution historique. Saussure est donc le fondateur d’une nouvelle linguistique, la linguistique synchronique ou interne (Bronckart 1995:91).

Efectivamente, antes de Saussure, dominava o estudo diacrónico das línguas:

Antes de Saussure, o estudo das línguas limitou-se frequentemente aos problemas da sua evolução, ora parece normal que se deva estudar o seu funcionamento antes de se procurar saber porque e como elas se modificam (Baylon e Fabre 1979: 76).

A presença no *Cours de linguistique générale* desta defesa saussureana da primazia do estudo sincrónico relativamente ao diacrónico (Holdcroft 1991: 1) conduziu a que esta obra, e mesmo Ferdinand de Saussure, fossem vistos como críticos dos linguistas anteriores:

¹ À semelhança de tantos outros estudiosos de Linguística, optámos por não traduzir os termos *langue e parole*, para evitar confusões terminológicas. No entanto, podemos acrescentar que por *langue* podemos entender, genericamente, como a *língua propriamente dita*, e por *parole*, *discurso* ou *fala*.

Yet much of *CLG* has to be seen as a critique of the nineteenth-century historical and comparative linguistics, which did indeed assume that one can engage in historical and comparative studies without grounding them in synchronic ones. This negative thrust of Saussure's argument is puzzling to a modern reader unaware of the context in which he wrote (*Ibidem*: 1 – 2).

Não obstante, Saussure dedicou mais importância ao ponto de vista sincrónico, essencialmente porque tinha sido sempre negligenciado pelas correntes anteriores, que não perceberam que este ponto de vista era o único que tinha existência na consciência dos falantes:

Saussure accorde une importance plus grande au point de vue synchronique, non seulement parce que celui-ci a été négligé par la plupart des courants linguistiques antérieurs, mais surtout parce qu'il est le seul qui ait une réalité dans la conscience de sujets parlants (Bronckart 1995: 102).

Não esqueçamos também que o próprio Saussure fez estudos partindo do ponto de vista diacrónico. O que ele pretendia era mostrar que estes dois pontos de vista, o diacrónico e o sincrónico, se complementavam.

É importante ter consciência de que, ao se opor ao ponto de vista neogramático, Saussure não estava negando a validade da explicação histórica. Ele criou a sua reputação muito moço ainda, com uma reconstrução brilhante do sistema vocálico do proto-indo-europeu; e jamais abandonou seu interesse pela linguística histórica. O que ele afirma em suas conferências de Genebra sobre linguística geral era que os modos de explicação sincrónico e diacrónico eram complementares; e que este era dependente daquele, do ponto de vista lógico (Lyons 1981: 203).

É devido a estas e a muitas outras más interpretações, não só dos leitores do *Cours*, mas também dos próprios editores, que se sentiu a necessidade de recorrer ao estudo das fontes do *Cours de linguistique générale* para, dessa forma, se conhecer o verdadeiro pensamento saussureano. Assim, o fez Tullio De Mauro e Rudolf Engler, através das suas edições críticas do *Cours*, bem como Robert Godel, com a publicação da obra *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*, em 1957, que constituiu uma etapa decisiva na descoberta do verdadeiro pensamento saussureano.

A publicação, em 2002, de uma compilação de manuscritos de Saussure, encontrados na sua antiga casa e reunidos na obra *Écrits de linguistique générale*, surge como mais uma fonte de investigação do pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure, o pai da linguística moderna e do estruturalismo depois emergente:

Ferdinand de Saussure (1857-1913) est le père de la linguistique moderne. Dans son *Cours de linguistique générale* (1916), il rompt avec une approche descriptive et historique des langues pour rechercher les règles formelles de son fonctionnement (approche synchronique). Il défend un point de vue «structural», où la langue est étudiée comme un système (Dortier 2001: 16).

1. Síntese biográfica de Ferdinand de Saussure

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, em 26 de Novembro de 1857, e morreu cinquenta e seis anos mais tarde, na sua casa de Vufflens, em Vaud.

Pertencia a uma família genebrina, da qual se destacava o seu pai, o naturalista Henri de Saussure. Nasceu, assim, no seio de uma família de arraigadas tradições de cultura científica, figurando na sua árvore genealógica naturalistas, físicos, geógrafos, etc., orgulhosos de si mesmos (Mounin 1971: 10). Foi neste ambiente rodeado pela ciência que Saussure foi educado. Seguiu Estudos Clássicos em Genebra até aos dezassete anos (1875). Um ponto a ressaltar neste período de estudos foi o facto de Saussure ter manifestado, bastante precocemente, gosto e aptidão para a linguística. Na verdade, tinha apenas quinze anos quando redigiu o seu primeiro trabalho sobre a linguagem – *Essai sur les langues* – abordando a origem das línguas. Este trabalho foi elaborado para Adolph Pictet, filólogo e amigo da família, que introduziu e incentivou o jovem Saussure nos estudos linguísticos (Culler 1976: 7).

Entre 1875 – 1876, Saussure seguiu a tradição e o gosto familiar pelas ciências exactas e naturais e começou os seus estudos universitários em Física e Química. Esta experiência durou somente um ano e, em 1876, partiu para Leipzig, na Alemanha, que, a par de Berlim, era a capital mundial de filologia nessa época. Embora Saussure tivesse, nesse momento da sua vida, recusado seguir a tradição familiar, para Tullio de Mauro (*Cours* 2005: I), a *forma mentis* científica, herdada directamente da família pelo ensinamento do pai, forneceu a base da sua personalidade intelectual e da sua obra, que recusava toda a mistificação e todas as falsas verdades. Efectivamente, Saussure aplicou este comportamento científico à linguística.

Na Alemanha, o genebrino estudou, durante quatro anos, o Sânscrito e outras línguas, como o Iraniano antigo, o velho Eslavo, o velho Irlandês e o Lituano, tendo também acompanhado as tendências e os debates sobre gramática comparada dos *Junggrammatiker* («Novos Gramáticos» ou neogramáticos), como Osthoff, Brugman e Leskien. Com efeito, em 13 de Maio de 1876, tornou-se membro da *Société de Linguistique de Paris*. A sua estância em Leipzig só foi interrompida por um semestre de estudos de Sânscrito na Universidade de Berlim (1878 -1879).

Em 1879, Saussure apresentou o livro *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans le langues indoeuropéennes*, que lhe trouxe, desde logo, notoriedade. Logo no ano seguinte, com vinte e dois anos, apresentou em Leipzig a sua tese de doutoramento – *De l'emploi du génitif absolu en sanskrit*.

Continuando a dedicar-se ao estudo das línguas antigas, entre Março e Dezembro de 1880, Saussure fez uma viagem de estudo à Lituânia. Depois, partiu para Paris, talvez devido à frieza com que o seu trabalho e esforço foram recebidos pelos alemães:

Ciertamente, la frialdad de los alemanes ante sus trabajos influye en su decisión de establecerse en Paris en diciembre de 1880. Este hecho se debe en parte a las decepciones que había experimentado en Leipzig (Mounin 1971: 13).

Koerner (1982: 90) considera que Mounin exagerou um pouco quando se referiu à frieza dos alemães, uma vez que ele possuía lá amizades, com Brugmann, por exemplo. Por outro lado, ao ter-se feito, antes de ir para Leipzig, membro da *Société de Linguistique de Paris*, em cujas *Mémoires* publicou todos os seus artigos, e nunca ter publicado nada em alemão, leva Koerner (*Ibidem*) a afirmar que não existia qualquer indício de Saussure alguma vez ter pensado em permanecer na Alemanha.

Em Paris, onde permaneceria durante onze anos, começou por frequentar os cursos de Michel Bréal, na École Pratique des Hautes Études, onde também leccionou, continuando simultaneamente o estudo do Sânscrito, do Iraniano e da filologia antiga. Michel Bréal confiou-lhe, então, aos vinte e quatro anos, uma conferência de gramática comparada. Em Paris, encontrou um ambiente e um acolhimento diferentes dos de Leipzig, começando a conviver com importantes figuras como Meillet, Passy, Darmsteter, S. Levy e Grammont, que o conduziram a um “cada vez maior afastamento da tradição histórico-filológica, por um lado, bem como da visão comparativista e formalista dos gramáticos” (AA.VV. 1992: 949). Enquanto membro da *Société de Linguistique de Paris*, chegou a ser secretário-adjunto e começou a dirigir as publicações das *Mémoires* desta Sociedade até ao seu regresso a Genebra, em 1891.

Em Paris, Saussure começou também a ensinar gramática comparada do Alemão, depois das línguas clássicas e depois do Lituano. Publicou quase todos os anos notas e memórias importantes, sem, no entanto, publicar nada de muito extenso. Esta actividade intensa foi interrompida durante o curso de 1889 - 1890, durante o qual Saussure foi para Genebra por razões de saúde. Na sua ausência, Meillet foi quem o substituiu nas suas actividades de ensino na École Pratique de Hautes Études.

Em 1891, Saussure abandonou Paris porque a sua nacionalidade suíça bloqueava-lhe o acesso à cátedra de titular em França (Huisman 1984: 2309). Teria que, para alcançar tal, adquirir a nacionalidade francesa, o que Ferdinand de Saussure recusou. Saussure regressou então à Universidade de Genebra, onde lhe foi oferecida uma cátedra de professor extraordinário de História e Comparação de Línguas Indo-europeias. Em Genebra, foi professor de Sânscrito e de Gramática Comparada. Em 1896, conseguiu o cargo de professor

catedrático.

A partir de 1907 até ao final da sua vida, leccionou cursos de Linguística Geral, de cujos apontamentos dos alunos e algumas notas do professor, surgiu a obra *Cours de linguistique générale*, publicada em 1916 pelos seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye.

Durante este período genebrino, Saussure publicou cada vez menos e deixou de comunicar-se com os amigos. Foi durante este período que se dedicou também ao estudo da poesia antiga, o *Cantar dos Nibelungos*, na qual, aplicando o seu espírito perspicaz e sistemático, começou a descobrir certos traços característicos das formas poéticas, a que chamou «anagramas».

Meillet explicou este progressivo silêncio de Saussure, depois de anos de produção fecunda, com o facto de este procurar demasiadamente a perfeição, que o impedia, assim, de escrever. Por outro lado, Saussure tinha a seu cargo o ensino de Linguística Geral, uma área na qual ele não se tinha formado. No entanto, o seu trabalho e ensino de Linguística Geral foi notável pois, embora não tivesse redigido um livro com as teorias e conteúdos que ensinava, os seus alunos fizeram-no por si, surgindo o *Cours de linguistique générale* (1916). Assim, perante esta obra, só nos resta perguntar em que medida nela está presente o pensamento de Saussure (Mounin 1971: 17).

1.1. Saussure e a sua época

Para percebermos o pensamento de Saussure temos, antes de mais, de conhecer a época em que viveu. Por isso, todo o contexto do século XIX revela-se de crucial importância para a formação do nosso linguista, uma vez que muitas das suas ideias e teorias podem detectar-se neste século e mesmo em séculos anteriores (Rei 2005: 26).

O fim do século XVIII traça a mudança na ideologia, na filosofia e em todas as outras ciências que irão desenvolver-se no século XIX. Assim, os métodos comuns de descrição e sistematização são substituídos por uma concepção evolucionista e histórica, por influência das teorias de Darwin. De facto, para Júlia Kristeva, o “*historicismo* vai ser a marca fundamental do pensamento do século XIX, e a ciência da linguagem não lhe consegue escapar.” (Kristeva 1980: 224).

A descoberta do Sânscrito e do parentesco das línguas indo-europeias constituiu a prova que demonstrou que o evolucionismo também estava presente na linguagem e, conseqüentemente, na Linguística. Leroy afirma mesmo que foi “o conceito do parentesco das línguas que racionalizou os estudos linguísticos” (Leroy 1967: 29). Para substituir a

ordenação sintáctica e a lógica dos gramáticos de Port-Royal e dos Enciclopedistas do século XVIII, a linguística do século XIX “propõe uma visão *genealógica* das línguas, que ela agrupa em famílias, fazendo derivar cada membro de uma fonte inicial.” (Kristeva 1980: 227). É a partir desta ideologia que iria nascer e futuramente desenvolver-se a linguística comparada e a linguística histórica.

Com a publicação, em 1816, da obra *Über das Conjugationssystem der Sankritsprache in Vergleichung mit genem der griechischen, lateinichen, persischen und germanischen Sprachen*, Franz Bopp (1791 – 1867) marcou o início dos estudos da linguística comparada e histórica, também conhecida por gramática comparada. Importantes foram também as investigações de Rasmus Rask (1787 – 1832) sobre o parentesco das línguas europeias. De facto, Ramus Rask precedeu Bopp como seu estudo intitulado *Undersøgelse om det gamle nordiske elle Islandske Sprøgs Aprindelse*, terminado em 1814, mas só publicado em 1818, dois anos após o de Bopp. No entanto, embora tivessem trabalhado de forma independente, ambos os estudiosos se dedicavam à linguística comparada, chegando aos mesmos resultados (Leroy 1967: 31). Porém, é Bopp que é considerado o verdadeiro fundador da gramática comparada. Para ele, a língua assemelhava-se a um organismo vivo e que, por isso, os vários idiomas eram resultado de modificações graduais de uma mesma língua, o Indo-Europeu (Mounin 1985: 177). O Sânscrito seria para Bopp um meio de chegar ao Indo-Europeu, uma vez que era uma língua mais antiga e mais simples que o Grego e o Latim.

Também a obra *Deutsche Grammatik*, publicada em 1819 por Jacob Grimm (1785 – 1863), contribuiu para o desenvolvimento do método comparativo e criou as bases da linguística histórica (Fernandes 2002: 416). Nesta obra, Grimm estudou as diferentes fases da língua alemã, através da recolha de textos ordenados ao longo de catorze séculos, e encontrou regularidades nas semelhanças fonéticas. A partir daí, explorou as leis fonéticas de *Ablaut* (alternância vocálica) e de *Umlaut* (mudança de timbre de uma vogal por influência de uma vogal fechada vizinha) e as regras de mutação consonântica.

É necessário ainda salientar, entre outros, Guilherme de Humboldt (1767 – 1835) que considerava que a linguagem era o instrumento do pensamento, sendo estes, por isso, inseparáveis. Humboldt tinha uma visão evolucionista das línguas: elas nasciam, desenvolviam-se e pereciam.

Baseados nestas teorias, os linguistas comparativistas procuravam “então saber – e reconstruir – a língua original ou protolíngua, a *Ursprache*, com base na comparação da morfologia do Sânscrito com várias outras línguas.” (Fernandes 2002: 409).

Este período evolucionista da linguística histórica iniciou uma certa viragem para o positivismo emergente com a constituição dos estudos germânicos, românicos, etc. Destacou-

se então a figura de August Schleicher (1821 - 1868) e as suas obras *Die darwinische Theorie und die Sprachwissenschaft* (1863) e *Über die Bedeutung der Sprache für die Naturgeschichte des Menschen* (1865). Este ficou célebre na história da linguística por tentar desenhar um esquema reconstrutivo da evolução das línguas, tentando chegar às formas mais arcaicas. Para Schleicher, o Sânscrito não era, como até então alguns linguistas ainda consideravam, a língua primeira. Ele acreditava que existiu uma língua indo-europeia primitiva. Por outro lado, considerava que a língua era independente, comparável a um organismo sujeito a leis próprias:

Schleicher considérait que les langues avaient un développement indépendant comparable à celui des organismes vivants (Sanders 1979:10).

Schleicher procurou mesmo traçar a evolução das línguas por meio de uma árvore genealógica, na qual agrupava as línguas em três categorias: isolantes, aglutinantes e flexionais.

No fundo, “estes trabalhos, especialmente os de Bopp e de Schelicher, prepararam o caminho dos neogramáticos (“Junggrammatiker”) (...)” (Fernandes 2002: 417). O historicismo linguístico deu, deste modo, verdadeiramente lugar ao positivismo com o trabalho dos *neogramáticos* August Leskien (1840 – 1916), Berthold Delbrück (1842 – 1922), Hermann Paul (1846 – 1921), Hermann Osthoff (1847 – 1909) e Karl Brugmann (1849 – 1919). “Os neogramáticos non concentran o seu interesse no plano descritivo da lingua, mais no percurso evolutivo, de onde se infere que para eles a linguaxe é, antes de mais, evolución histórica” (Rei 2005: 31). Eles vieram explicar as alterações fonéticas que a linguística comparada de Rask, Bopp e Grimm apresentaram. Para aqueles “essas transformações são leis necessárias como as da física e da biologia” (Kristeva 1980: 244), apresentando, assim, uma visão regulamentada da língua. Não obstante, os neogramáticos não deixaram de postular uma certa posição histórica na análise linguística. Dominava, desta forma, um historicismo positivo, que teve o seu apogeu com a obra de Hermann Paul, *Prinzipien der Sprachgeschichte (Princípios da Linguagem)*, publicada em 1880, onde são expostas as teorias dos neogramáticos.

Entretanto, com o desenvolvimento da psicologia, acompanhada pelo interesse que os linguistas lhe dedicavam, surgiu, no campo da linguística, o tema da significação. Vários linguistas se dedicaram à significação, nomeadamente Wundt (1832 – 1920), que fez a distinção entre forma fônica e sentido; Schuchardt, que opôs a *onomasiologia* (estudo dos nomes) à *semântica* (estudo do sentido); Michel Bréal (1832 – 1915) que definiu a semântica como devendo ocupar-se das leis que regem as mudanças de sentido. Depois das diversas

tendências apresentadas pelos histórico-comparativistas e pelos neogramáticos, “a língua surgiu como um sistema que se estende tanto ao presente como ao passado, tanto ao foneticismo, à gramática, como à significação” (*Ibidem*: 247). Esta visão da língua como sistema foi então dada por Ferdinand de Saussure, que havia sido discípulo de Bréal, tido contacto com neogramáticos, como Brugmann e Osthoff, e conhecido a obra dos linguistas anteriores. Não esqueçamos que, imbuído pelos neogramáticos, Saussure realizou escreveu a obra *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879). No entanto, esta obra demonstra já uma certa independência das teses neogramáticas, na mediada em que interpreta os fenómenos linguísticos como sendo sempre partes inerentes ao sistema (Černý 1998: 138).

Com Saussure, fundou-se também a Linguística geral, que ultrapassou a linguística histórica, conciliando a gramática descritiva e a histórica. A partir de então, a Linguística orientou-se definitivamente para o estudo do sistema actual de uma língua. Importante também para a fundação da Linguística geral foi a obra do americano W. D. Whitney (1827 – 1894), particularmente a obra *The Life and the Growth of Language* (1875). Neste texto, aparecia já a noção de *signo*, um esboço dos sistemas de comunicação, em estudo das estruturas linguísticas, etc. Convém aqui ressaltar que Saussure era um admirador de Whitney e da sua obra e que chegou mesmo a preparar uma artigo sobre ele.

O século XIX caracterizou-se, também, pelo florescimento das ciências humanas, como a sociologia, a psicologia, a economia política e a linguística histórica. E o pensamento de Saussure denotou nitidamente a influência das ciências sociais emergentes. O primeiro aspecto a salientar foi o “sociologismo de Saussure” (Mounin 1971: 17), que se demonstra principalmente pela presença das ideias de Émile Durkheim. A primeira obra de Durkheim data de 1893, *De la division du travail social*, mas a obra que verdadeiramente tornou a sociologia uma ciência foi a obra que publicou em 1895, *Règles de la méthode sociologique*. Segundo Mounin, a sociologia era então uma ciência dominante, ligada já à análise linguística desde Whitney, do qual Saussure era admirador:

Sin embargo, es preciso no olvidar que, en esa época, el sociologismo se respiraba en el ambiente; y tampoco hay que olvidar que, en lingüística, un sociologismo no tan elaborado en cuanto tal, pero quizá más orgánicamente ligado al análisis lingüístico, estaba en circulación por lo menos desde Whitney, al que Saussure había leído, con toda certeza, durante su estancia en Leipzig (*Ibidem*: 19).

Saussure foi assim influenciado pelo sociologismo de Durkheim, mas também pelo de Whitney. Koerner argumenta que o sociologismo de Saussure é uma influência whitneyana, visto que há no *Cours* referências explícitas a Whitney, que não existem relativamente a Durkheim:

Hay tres referencias explícitas en el *Cours* al gran lingüista americano del siglo XIX, Whitney (...), pero, en contraste, ni una sola referencia a Durkheim (Koerner 1982: 142).

Não obstante, Koerner admite que a influência de Durkheim deve ser realçada, pois ela marcou definitivamente o pensamento e a ideologia do século XIX (*Ibidem*: 317).

As opiniões dos linguistas são divergentes relativamente às influências de Saussure. Contudo, é comumente aceite a forte presença da sociologia no ideário de Saussure. Este sociologismo está presente nas ideias repetidamente enunciadas de que a linguagem é um feito social e que a língua é uma instituição social. No entanto, diferente de todas as outras¹. Para Saussure, a diferença essencial entre a língua e as outras instituições reside no carácter convencional dos signos que compõem o sistema que é a língua.

Por outro lado, Saussure manifesta influências da psicologia, quando expressa e defende o lado individual da linguagem. Efectivamente, é partindo desta ideia da importância do indivíduo que Saussure chegará à oposição *langue / parole*. Mounin realça, neste ponto, a ascendência de Jean-Gabriel de Tarde (1843 – 1904) e das suas obras *Lois de l'imitation* (1890) e *Psychologie économique* (1902) para a oposição *langue / parole*, bem como para a noção de valor:

Quizá sea, pues, a Tarde y a la insistencia con que subrayó el papel del individuo particular en la psicología social, a lo que Saussure deba el especial relieve que otorga a los hechos de habla. Uno de los hechos que más contribuyen a que nos persuadamos de esta influencia, y Godel tiene razón en subrayarlo, es el del papel que Saussure atribuye a la noción de valor en semántica, y su insistencia (para explicar esta noción) en emplear comparaciones de origen económico – estas formas del intercambio que Tarde había descrito en 1902, en su *Psychologie économique* (Mounin 1971: 22).

Mounin aponta ainda um terceiro aspecto crucial na formação de Saussure: a importância da matemática e a sua introdução na linguística (*Ibidem*). De facto, a matemática é utilizada pelo linguista como um método para chegar ao conhecimento. Assim o fez na *Mémoire*, onde Saussure demonstrou algebricamente a necessária existência de um fonema indo-europeu. Foi devido essencialmente ao seu método que esta obra saussureana foi admirada na Alemanha e em França:

Esta afición matemática era completamente ajena a los lingüistas de la época. Así se explica que todo el mundo, tanto los alemanes como el mismo Meillet, hayan admirado, en la *Mémoire*, mucho más los resultados o, como máximo, superficialmente, el método, que el principio mismo (*Ibidem*: 23).

A presença matemática está ainda presente no *Cours*, nas suas exposições sobre a

¹“Tandis que le langage est un fait social”(Saussure 2005^a: 21); “La langue n’est pas qu’une institution sociale en tous points semblables aux autres” (*Ibidem*: 26); “La langue est une institution sociale; mais elle se distingue par plusieurs traits des autres institutions politiques, juridiques, etc.” (*Ibidem*: 33).

língua¹.

Vemos, assim, que o século XIX propiciou o desenvolvimento das ciências naturais e sociais que, naturalmente, tiveram uma grande influência no desenvolvimento da linguística e, no caso específico, do pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure, transposto no *Cours*. Por outro lado, todas as ideias e princípios defendidos por Saussure são o resultado não só da época em que estava inserido, mas também dos estudos dos linguistas que o precederam (Koerner 1982: 315).

¹ “La langue est pour ainsi dire une algèbre qui n’aurait que des termes complexes” (*Ibidem*: 168).

2. *Cours de linguistique générale*

A importância histórica de Ferdinand de Saussure é devida, essencialmente, à publicação, três anos após a sua morte, do *Cours de linguistique générale*, editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Para prepararem esta publicação, Bally e Sechehaye serviram-se dos seus próprios apontamentos e das anotações de outros estudantes que haviam tido a oportunidade de seguir algum dos três cursos que Saussure leccionou, entre 1907 e 1911, na Universidade de Genebra (Černý 1998: 139).

Na introdução do *Cours*, os editores explicam as dificuldades que tiveram para preparar o texto. Inicialmente, eles esperavam encontrar as notas preparadas pelo mestre para leccionar as suas aulas. Contudo, ficaram desiludidos quando descobriram que o mestre nada tinha deixado registado:

Après la mort du maître, nous espérons trouver dans ses manuscrits, mis obligeamment à notre disposition par Mme de Saussure, l'image fidèle ou du moins suffisante de ces géniales leçons; nous entrevoyons la possibilité d'une publication fondée sur une simple mise au point des notes personnelles de Ferdinand de Saussure, combinées avec les notes d'étudiants. Grand fut notre déception (Bally e Sechehaye 1915: 7).

Efectivamente, parece que Saussure não preparava, ou melhor, não preparava um registo escrito de apoio às aulas que leccionava. De acordo com o testemunho de Antoine Meillet, Saussure “nunca parecia trazer às aulas uma verdade definitiva e sua plateia era mantida em suspense diante de um pensamento em atividade, pensamento esse que era, definitivamente, elaborado e formulado no exato momento em que era emitido” (Câmara Jr. 1986: 105). Por sua vez, Robert Godel, na análise que fez das fontes manuscritas, afirma que Saussure redigia algumas das suas aulas, não o fazendo, contudo, para todas:

Les notes de cours ne forme qu'une partie du dossier et ne contiennent que la matière de quelques leçons, entièrement rédigées ou simplement esquissées. Celles qui se rapportent au troisième cours donnent l'impression que Saussure rédigeait volontiers les première leçons, ou celles dont le sujet ne présentait pour lui aucune difficulté, et qu'en revanche il hésitait à mettre par écrit des idées qu'il n'avait pas eu le loisir de méditer suffisamment: il se bornait alors à noter un schéma, une réflexion, quelques exemples (Godel 1969: 36).

Acrescentando que Bally e Sechehaye não frequentaram todas as aulas de Saussure, tiveram que recorrer às notas dos restantes alunos. Apesar destes serem poucos, encontraram nos apontamentos de quatro estudantes uma excelente fonte de informação, pois estavam admiravelmente completos:

Il fallait donc recourir aux notes consignées par les étudiants au cours de ces trois séries de conférences. Des cahiers très complets nous furent remis, pour les deux premiers cours par

MM. Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard et Albert Riedlinger; pour le troisième, le plus important, par Mme Albert Sechehaye, MM. George Dégallier et Francis Joseph (Bally e Sechehaye 1915: 8).

No entanto, a tarefa dos editores continuou difícil, uma vez que a informação era repetitiva, mas, ao mesmo tempo, constantemente inovadora. Tentaram, pois, acompanhar o pensamento do mestre, cujas ideias estavam em constante evolução.

Et puis Ferdinand de Saussure était de ces hommes qui se renouvellent sans cesse; sa pensée évoluait dans toutes les directions sans pour cela se mettre en contradiction avec elle-même. Tout publier dans la forme originelle était impossible (*Ibidem*: 9).

Decidiram-se então redigir uma obra o mais unificada que conseguissem, procurando fazer uma espécie de síntese de todo o material recolhido. Para tal, teriam como texto base o terceiro curso, completando sempre que necessário, com material dos outros dois e com as poucas notas de Saussure:

Decidiram compor uma obra unificada, tentar uma síntese, conferindo precedência à terceira série de conferências mas extraindo o máximo possível do material das outras duas e das notas pessoais de Saussure (Culler 1976: 10).

É devido ao facto de não ter sido Saussure o autor do *Cours* e de este ter sido redigido após tantas dificuldades levantadas aos seus editores, que se levantam tantas polémicas. Černý resume a esse respeito que “en la obra por lo general bastante clara existen también partes menos claras, algunos comentarios se repiten, excepcionalmente hasta se contradicen” (Černý 1998: 139). Não obstante, Tullio de Mauro, na Introdução à leitura do *Cours*, afirma que “Le Cours est donc la somme la plus complète de la doctrine saussurienne, et il est probablement destiné à le rester” (Mauro 2005: V). No entanto, foram os próprios editores que reconheceram a dificuldade da tarefa a que se haviam proposto, como também se responsabilizaram orgulhosamente pelos erros ou falhas da obra¹.

Portanto, graças ao *Cours de linguistique générale*, as ideias do linguista de Genebra chegaram até aos nossos dias e a todo o mundo. Por outro lado, a influência linguística das ideias saussureanas, tal como surgem no *Cours*, foi extremamente abrangente, destacando-se a influência que exerceram na Escola de Genebra (Bally, Sechehaye, A. Burger, H. Frei, R. Godel, etc.), de Praga (em Troubetzkoy, Jakobson, etc.), de Copenhaga (Hjelmslev, Brøndal, etc.) e em muitos outros linguistas importantes, como Meillet, Martinet, Emile Benveniste, Leonard Bloomfield, etc. (Amacker 1975: 9). As ideias de Saussure estão ainda presentes na semiologia moderna (E. Buyssens, L. J. Prieto) e na recente linguística italiana (M. Lucidi, G.

¹ “Cette responsabilité, nous l’acceptons tout entière, et nous voudrions être seuls à la porter” (Bally e Sechehaye 1915:11).

Derossi, G. Lepschy, T. de Mauro, R. Simone, etc.).

Deste modo, fica atestada a importância de Ferdinand de Saussure no desenvolvimento da linguística, e, primeiramente, na transformação da linguística numa ciência, uma vez que foi Saussure quem primeiro procurou definir o seu objecto de estudo.

2.1. A língua como objecto da Linguística

O *Cours* inicia-se com a preocupação de definição do objecto de estudo da linguística, pois só tendo um objecto de estudo definido a linguística se podia tornar uma ciência. Para tal, é-nos apresentada uma breve história da linguística. Apresentada inicialmente como a ciência constituída à volta dos factos da língua¹, a linguística passou por três fases antes de definir o seu verdadeiro e único objecto de estudo.

Assim, numa primeira fase, temos a «grammaire», herdada dos Gregos, e que tem por características essenciais ser fundada na lógica, desprovida de qualquer vertente científica e desinteressada da língua ela mesma, sendo, por isso, uma disciplina normativa que dita regras para distinguir as formas certas das incorrectas.

Numa segunda fase, aparece a filologia que remonta ao século XVIII. A filologia não tem por único objecto a língua, mas procura, acima de tudo, fixar, interpretar e comentar textos, mas também a história literária, os costumes e as instituições. Portanto, o seu método é a crítica. Se aborda questões linguísticas, é essencialmente para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua particular de cada autor, etc.. Ou seja, a filologia debruça-se demasiadamente sobre a língua escrita.

Já numa terceira fase, a par da descoberta do sânscrito e da possibilidade de comparação entre as línguas, surge a gramática comparada. A obra de Franz Bopp, *Über das Cnjungationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechen, lateinischen, persischen und germanischen Sprachen* (1816), que estuda as relações que unem o Sânscrito ao Germânico, ao Grego, ao Latim e ao Persa, marcou o desenvolvimento da gramática comparada. Desta forma, para Saussure, ao lado de Bopp, salientaram-se outros linguistas: Jacob Grimm, Pott, Kuhn, Benfey, Aufrecht, Max Müller, G. Curtius e August Schleicher. Não obstante os trabalhos profícuos realizados no campo da comparação das línguas, esta escola não conseguiu tornar a linguística uma ciência autónoma:

Mais cette école, qui a eu le mérite incontestable d'ouvrir un champ nouveau et fécond,

¹«La science qui s'est constitué autour des faits de langue» (Saussure 2005^a: 13).

n'est pas parvenue à constituer la véritable science linguistique. Elle ne s'est jamais préoccupée de dégager la nature de son objet d'étude (Saussure 2005^a: 16).

Partindo da gramática comparada, surgem os neogramáticos (*Junggrammatiker*), K. Brugmann, H. Osthoff, W. Braune, E. Sievers, H. Paul, Leskien, com os quais Saussure havia contactado quando esteve a estudar em Leipzig, e ainda Whitney, cuja obra enuncia – *The Life and Growth of Language* (1875). Para o linguista de Genebra, todos estes linguistas foram importantes na medida em que a língua passou a ser vista como produto do espírito colectivo dos grupos linguísticos, e não como um organismo que se desenvolve por si mesmo:

Grâce à eux, on ne vit plus dans la langue un organisme qui se développe par lui-même, mais un produit de l'esprit collectif des groupes linguistiques (*Ibidem*: 19).

No entanto, embora estes linguistas tenham sido louvados, a verdade foi que somente lançaram uma luz, pois muitos dos problemas da linguística continuaram à espera de resposta¹.

Por isso, procurando responder às necessidades da linguística, Saussure vai procurar definir o seu objecto de estudo. O *Cours* começa por afirmar que o objecto de estudo da linguística é constituído por todas as manifestações da linguagem humana e todas as suas formas de expressão:

La matière de la linguistique est constituée d'abord par toutes les manifestations du langage humain, qu'il s'agisse des peuples sauvages ou des nations civilisées, des époques archaïques, classiques ou de décadence, en tenant compte, dans chaque période, non seulement du langage correct et du «beau langage», mais de toutes les formes d'expression (*Ibidem*: 20).

Após a leitura desta definição do objecto de estudo da linguística, “Saussure parece ter dificuldade em propor um critério adequado devido à complexidade dos fenómenos linguísticos” (Collado 1980: 19). Por isso, a sua preocupação fundamental será sempre a construção de uma definição que abarque a multiplicidade de aspectos da linguagem.

Dans le CLG Saussure pose d'abord la question de l'objet de la linguistique. Sa préoccupation fondamentale est de formuler par une construction théorique le principe d'unité qui domine la multiplicité des aspects du langage qui, pris dans son tout, appartient à la fois au domaine individuel et au domaine social (Hirsbrunner 1972: 4).

Portanto, Saussure propõe que a tarefa da linguística seja:

- fazer a descrição e a história de todas as línguas, reconstituindo assim as famílias de línguas, bem como as línguas-mãe de cada família;
- procurar os universais linguísticos e as leis comuns a todas as línguas;
- limitar-se e definir-se a ela própria.

¹ “Aujourd'hui encore les problèmes de la linguistique générale attendent une solution” (*Ibidem*: 19).

Efectivamente, devido ao facto de a linguística ter relações muito próximas com outras ciências (como com a filologia, a antropologia, a história, a sociologia, etc.), deve procurar tornar-se uma ciência autónoma, sobretudo pelo seu objecto de estudo: o fenómeno da linguagem (Godel 1969: 37). É na procura desse objecto que o *Cours* fecha, atestando que a linguística tem por único e verdadeiro objecto a língua encarada nela própria e por si própria¹. Não obstante, esta frase que serviu de estandarte ao estruturalismo (Amacker 1975: 27), não foi pronunciada por Saussure:

La phrase finale, souvent citée, du *Cours de linguistique générale*: «a linguistique a pour unique et véritable objet la langue envisagée en elle-même et pour elle-même» n'est pas de Saussure, mais des éditeurs (Godel 1969: 181).

No capítulo III do *Cours*, a questão do objecto da linguística mantém-se, tornando-se cada vez mais complexo. Assim, tendo como apoio que o ponto de vista cria o objecto², o objecto de estudo da linguística surge como algo confuso e heteróclito:

Ou bien, si nous étudions le langage par plusieurs côtes à la fois, l'objet de la linguistique nous apparaît un amas confus de choses hétéroclites sans lien entre elles (Saussure 2005^a: 24).

Perante todas estas dificuldades, Saussure opta por distinguir linguagem e língua, uma vez que a linguagem é algo multiforme e heteróclito (*Ibidem*: 25), enquanto a língua é a linguagem articulada. A língua é, deste modo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adoptadas pelo corpo social, que permite o exercício dessa faculdade pelos indivíduos. Por isso, Saussure diz que a linguagem tem um lado social e um lado individual, não podendo um existir sem o outro³. É assim conferida à língua, como um todo em si e como princípio de classificação⁴, a primazia entre todos os factos linguísticos, preconizando-se o estudo científico da língua enquanto estudo da linguagem⁵.

Para explicar o lugar da língua nos factos da linguagem, Saussure socorre-se do circuito da comunicação, que exige, no mínimo, a existência de dois indivíduos e cujo ponto de partida é o cérebro de um deles. Partindo deste circuito da comunicação, chegou à distinção entre *langue* e *parole*. A *parole* diz respeito ao lado individual da língua, pois são os indivíduos que põem em prática a língua pela emissão de sons – a fala. A partir daqui, traçou-se a diferenciação entre a *langue* (língua) e a *parole* (fala). Assim, a língua é considerada um

¹ “La linguistique a pour unique et véritable objet la langue envisagée en elle-même et pour elle-même” (*Ibidem*: 317).

² “Bien loin que l'objet précède le point de vue, on dirait que c'est le point de vue qui crée l'objet” (*Ibidem*: 23).

³ “Le langage a un côté individuel et un côté social, et l'on ne peut concevoir l'un sans l'autre” (*Ibidem*: 24).

⁴ “La langue, au contraire, est un tout en soi et un principe de classification” (*Ibidem*: 25).

⁵ “Pour attribuer à la langue la première place dans l'étude du langage (...) c'est la langue qui fait l'unité du langage” (*Ibidem*: 27).

tesouro depositado pela prática da fala nos sujeitos falantes pertencentes a uma mesma comunidade, com um sistema gramatical que existe virtualmente no cérebro de cada um, mas que é similar e comum a um conjunto de indivíduos. A língua não existe em cada um individualmente, mas em massa no seu conjunto:

C'est un trésor déposé par la pratique de la parole dans les sujets appartenant à une même communauté, un système grammatical existant virtuellement dans chaque cerveau, ou plus exactement dans les cerveaux d'un ensemble d'individus; car la langue n'est complète dans aucun, elle n'existe parfaitement que dans la masse (*Ibidem*: 30).

Deste modo, ao distinguir a *langue* da *parole*, separa-se o que é social do que é individual, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. Consecutivamente, há a necessidade de separar o estudo da *langue* do da *parole*. Embora o primeiro se sobreponha ao segundo, esta teoria culminará na divisão entre linguística interna, respeitante à *langue* e que exclui tudo o que for estranho ao seu sistema, e a linguística externa.

De forma sucinta, o *Cours* caracteriza a língua como um objecto bem definido dentro do conjunto heterogéneo dos factos da linguagem. A língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo e, por isso, distinta da fala/ *parole*, que deve ser estudada separadamente. Assim, sendo certo que a linguagem é algo heterogéneo, a língua assim delimitada é de natureza homogénea: é um sistema de signos onde o essencial é apenas a união do sentido e da imagem acústica e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas:

Tandis que le langage est hétérogène, la langue ainsi délimitée est de nature homogène. C'est un système de signes où il n'y a d'essentiel que l'union du sens et de l'image acoustique, et où les deux parties du signe sont également psychiques (*Ibidem*: 32).

É devido ao facto de a língua ser um objecto de natureza concreta que a torna algo vantajoso para o seu estudo.

De forma sucinta, e tendo como escopo o esclarecimento das três noções apresentadas – *langage*, *langue* e *parole* – seguiremos a proposta de Bronckart (1995). Assim, a primeira, a linguagem, é a faculdade da espécie humana, a língua (*langue*) é a forma particular que a linguagem toma numa dada comunidade social e a *parole* é o comportamento do indivíduo quando utiliza a língua:

Pour nous résumer simplement, nous dirons que le langage est la faculté de l'espèce humaine, que la langue est la forme particulière que prend le langage dans une communauté sociale donnée, et que la parole est le comportement de l'individu qui met en œuvre sa langue. D'une autre manière, on peut concevoir que le langage est une construction théorique à laquelle correspondent deux réalisations, l'une de nature sociale qui est la langue, l'autre individuelle, la parole (Bronckart 1995: 104).

No que diz respeito ao lugar da língua no plano dos factos humanos, contrariamente à linguagem, verifica-se que ela faz parte daqueles, uma vez que a língua é considerada uma instituição social, tal como havia afirmado o linguista Whitney na sua obra *The Life and Growth of Language* (1975). No entanto, Saussure distingue a língua das demais instituições sociais¹. Para compreender esta natureza especial da língua é preciso entrar numa nova ordem de factos, isto porque, sendo a língua um sistema de signos que exprimem ideias, assemelha-se à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos sinais militares, etc. Contudo, ela surge como o mais importante destes sistemas:

La langue est un système de signes exprimant des idées, et par là, comparable à l'écriture, à l'alphabet des sourds-muets, aux rites symboliques, aux formes de politesse, aux signaux militaires, etc., etc.. Elle est seulement le plus importante de ces systèmes (Saussure 2005^a: 33).

A ideia da existência e da importância dos signos na vida social conduziu à necessidade de criação de uma nova ciência que os tivesse como objecto de estudo. Para Saussure, essa ciência chamar-se-ia semiologia.

2.2. A Semiologia

Saussure foi dos primeiros investigadores a postular a necessidade de criar uma ciência que estudasse a vida dos signos dentro da sociedade:

On peut donc concevoir *une science qui étudie la vie des signes au sein de la vie sociale*, elle formerait une partie de la psychologie sociale, et par conséquent de la psychologie générale; nous la nommerons *sémiologie* (du grec *sēmeion*, «signe») (*Ibidem*: 33).

Também Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), filósofo e matemático norte-americano seu contemporâneo, sentiu essa necessidade. Porém, concebeu essa nova ciência sob o nome de Semiótica. Peirce não era um linguista e, por isso, criou a Semiótica “como um estudo da linguagem enquanto lógica, (...) uma lógica dialética e não aristotélica (como a de Saussure)” (Pignatari 2004: 19).

A nova ciência de Saussure, apelidada Semiologia, estudaria, além da língua, todos os sistemas de sinais em geral, entre os quais a escrita, o alfabeto dos surdos-mudos, os ritos simbólicos, as formas de cortesia, os sinais militares, etc. Portanto, estudaria em que consistem os signos e quais as regras que os regem². Como a língua é um sistema de signos, o

¹ “La langue n'est pas une institution sociale en tous points semblables aux autres” (*Ibidem*: 26).

² “Elle nous apprendrait en quoi consistent les signes, quelles lois les régissent” (*Ibidem*: 33).

mais importante até, a linguística fará parte da semiologia¹, sendo que as leis descobertas pela semiologia seriam aplicáveis à linguística.

De facto, a língua é acima de tudo alvo de estudo da semiologia e só se descobre a verdadeira natureza da língua quando se discernir tudo o que ela tem de comum com os outros sistemas da mesma ordem:

Le problème linguistique est avant tout sémiologique, et tous nos développements empruntent leur signification à ce fait important. Si l'on veut découvrir la véritable nature de la langue, il faut la prendre d'abord dans ce qu'elle a de commun avec tous les autres systèmes du même ordre (Saussure 2005^a: 34 – 35).

De acordo com Collado (1980: 22), só quando todos os outros sistemas forem conhecidos, ficará conhecida a verdadeira natureza da língua.

A teoria saussureana sobre a semiologia e a linguística como fazendo parte dela está estreitamente relacionada com as suas teorias sobre a língua enquanto sistema e sobre o signo linguístico (Černý 1998: 146).

2.3. A dicotomia *langue / parole*

É na tentativa de apresentar de forma coerente e sintética o fenómeno da língua que Saussure define a língua como um sistema de formas linguísticas opostas umas às outras, focalizando o seu estudo no sistema em si enquanto tal, independente de tudo o que o envolve. No entanto, esta visão entra em choque com a realidade da fala, na qual deparamos uma constante variação e inconsistências de falante para falante (Câmara Jr. 1986: 107). A solução apresentada por Saussure foi a distinção entre língua e fala, isto é, de acordo com a terminologia saussureana, *langue / parole*.

Para explicar esta dicotomia, a língua é comparada a uma sinfonia. Assim, a sinfonia existe independentemente de ser executada e a sua execução em nada a altera. Desta forma, as várias execuções da mesma sinfonia podem ser comparadas às emissões de fala dos indivíduos; a sinfonia que permanece igual, independentemente da forma como é tocada e por quem é tocada, é comparada à língua:

La phonation, c'est-à-dire l'exécution des images acoustiques, n'affecte en rien le système lui-même. Sous ce rapport, on peut comparer la langue à une symphonie, dont la réalité est indépendante de la manière dont on l'exécute; les fautes que peuvent commettre les musiciens qui la jouent ne compromettent nullement cette réalité (Saussure 2005^a: 36).

¹ “La linguistique n'est qu'une partie de cette science générale” (*Ibidem*).

Portanto, de acordo com o *Cours*, a língua constitui o sistema de todas as regras que devem ser respeitadas pelos falantes da comunidade linguística, ou seja, é um sistema abstracto de regras na generalidade aceite por todos (Černý 1998: 142). Desta forma, a língua é propriedade da totalidade de falantes de uma comunidade, tendo, por isso, um carácter social. A *parole* (a fala), por seu turno, é um fenómeno individual, utilizado/emitido pelo indivíduo num momento concreto de comunicação.

Por conseguinte, o estudo da linguagem implica o estudo de duas partes: por um lado, considerada mais importante, a *langue*, e, por outro, a *parole*. Estas duas vertentes a estudar pela linguística são caracterizadas de forma constantemente dicotómica:

L'étude du langage comporte donc deux parties: l'une, essentielle, a pour objet la langue, qui est sociale dans son essence et indépendante de l'individu; cette étude est uniquement psychique; l'autre, secondaire, a pour objet la partie individuelle du langage, c'est-à-dire la parole y compris la phonation: elle est psycho-physique (Saussure 2005^a: 37).

Embora distintos, estes dois objectos de estudo estão estreitamente ligados, pois a língua só existe na medida em que é falada, mas é a língua que torna a fala inteligível.

Sans doute, ces deux objets ont étroitement liés et se supposent l'un l'autre: la langue est nécessaire pour que la parole soit intelligible et produise tous ses effets; mais celle-ci est nécessaire pour que la langue s'établisse; historiquement, le fait de parole précède toujours (*Ibidem*).

Efectivamente, há uma interdependência entre a língua e a fala, pois aquela é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto desta. Nesse sentido, nós associamos uma ideia a uma imagem verbal porque temos essa informação no nosso cérebro. Por outro lado, essa informação foi adquirida através da aprendizagem da língua, que se realizou e depositou no nosso cérebro após inúmeras experiências. Por último, de acordo com esta teoria saussureana, a fala é que faz evoluir a língua, pois é a partir da comunicação do dia a dia que modificamos os nossos hábitos linguísticos. Não obstante, Saussure não deixa nunca de sublinhar que são dois fenómenos completamente distintos. O problema da afasia que afecta alguns falantes é uma prova que corrobora a necessidade de separar a *langue* da *parole*. Os indivíduos que sofrem de afasia são capazes de compreender a língua falada, já que conhecem o sistema da língua (*langue*). No entanto, são incapazes de formular uma frase concreta (*parole*):

Aux observations faites sur les diverses formes d'aphasie par lésion de ces centres de localisation (...) nous amène à croire qu'au-dessus du fonctionnement des divers organes il existe une faculté plus générale, celle qui commande aux signes, et qui serait la faculté linguistique par excellence (*Ibidem*: 26 -27).

Assim, o *Cours* considera que a língua existe na colectividade sob a forma de uma série de marcas depositadas em cada cérebro, semelhante a um dicionário, cujos exemplares, muito

idênticos, estão repartidos por todos os indivíduos. No fundo, é *qualquer coisa* que está no cérebro de cada indivíduo da comunidade linguística, sendo comum a todos, independentemente da vontade de cada um. A *parole* é a soma do que as pessoas dizem, desde combinações individuais, dependentes da sua vontade, até actos de fonação igualmente voluntários, necessários para a execução destas combinações. Por isso, não há nada de colectivo na fala; as suas manifestações são individuais e momentâneas (*Ibidem*: 38).

Neste contexto, Eugenio Coseriu (1921 – 2002), depois de analisar as teorias saussureanas e pós-saussureanas, concluiu existirem “evidentes e serias divergencias acerca de la definición de los conceptos fundamentales, *lengua y habla*” (Coseriu 1982: 38). Então, partindo dessa análise, deduziu que:

- de forma concreta, a linguagem existe exclusivamente pela fala, como actividade linguística;

- a língua e a fala não podem ser realidades autónomas e distintamente separadas, dado que, por uma lado, a fala é a realização da língua e, por outro, a língua é condição para que se fale;

- as eventuais distinções e oposições que se estabelecem ocorrem, em primeiro lugar, na realidade concreta da língua, ou seja, na fala;

- e, por último, a fala como tal não se pode opor, como realidade distinta, à língua, uma vez que esta está presente na fala e manifesta-se concretamente nos actos linguísticos. Portanto, os termos língua e fala não designam secções autónomas, nem sequer maneiras autónomas de apresentar a língua, mas sim pontos de vista distintos, ou seja, maneiras de encarar o fenómeno linguístico (*Ibidem*: 41 – 42). No entanto, é partindo da dicotomia saussureana *langue/ parole*¹ que Coseriu exporá a sua distinção entre fala, norma e sistema.

Para Eugenio Coseriu, a fala é a única realidade investigável na linguagem. Foi partindo a fala que desenvolveu os conceitos de norma e sistema, mediante uma visão retrospectiva que tinha em conta as relações entre os actos linguísticos e os seus modelos (*Ibidem*: 94). O indivíduo quando fala uma língua, realiza no seu falar moldes, estruturas reconhecidas pela língua da sua comunidade. Num primeiro grau de formalização, essas estruturas são simplesmente normais e tradicionais na comunidade, constituem o que o linguista chamou *norma*. Porém, num plano de abstracção mais elevado, percebe-se nessas estruturas uma série de elementos essenciais e indispensáveis, de oposições funcionais: o que chamou *sistema*.²

¹ “Una segunda serie de sugerencias acerca de la posibilidad y necesidad de distinguir entre norma y sistema, así como acerca del lugar donde hay que establecer la distinción, nos ha llegado de a fuente misma de la oposición fundamental entre *lengua y habla*, es decir, del *Curso* de Saussure” (Coseriu 1982: 43).

² “O sea que el individuo crea su expresión en una lengua, habla una lengua, realiza concretamente en su hablar moldes, estructuras, de la lengua de su comunidad. En un primer grado de formalización, esas estructuras son

Contudo, os conceitos *norma* e *sistema* não são entendidos como termos arbitrários que se aplicam à fala, mas “formas que se manifiestan en el hablar mismo; y el camino para llegar a ellos es el camino que parte del hablar concreto y precede por medio de abstracciones sucesivas, relacionando el hablar, los actos lingüísticos concretos, con sus modelos, es decir, con un hablar anterior, constituido, mediante otro proceso de formalización, en sistema de isoglosas” (*Ibidem*). Portanto, *sistema* e *norma* não são realidades autónomas e opostas à fala, nem tão pouco aspectos da fala, mas formas que se comprovam no mesmo falar, abstrações que se elaboram na base da actividade linguística concreta, em relação com os modelos que utiliza.¹ No fundo, o sistema é o conjunto de possibilidades que o indivíduo tem quando fala e a norma é o que se impõe ao indivíduo, limitando a sua liberdade expressiva e comprimindo as possibilidades oferecidas pelo sistema dentro das realizações normais e tradicionais (*Ibidem*: 98).

Por último, convém ressaltar que Coseriu ponderou que os conceitos de *norma* e *sistema*, tal como ele os entendia, estavam já implícitos no *Cours*:

Nos parece, pues, que existe en Saussure – aunque apenas aludida – una oposición entre los dos conceptos de «lengua» que en su doctrina parecen casi siempre identificarse. La «lengua» como institución social», ligada a otras instituciones sociales, y que contiene también elementos no funcionales (norma), y la «lengua» como sistema abstracto de oposiciones funcionales (sistema) (*Ibidem*: 59).

Porém, no *Cours* e de acordo com Holdcroft Holdcroft (1991: 21-22), podemos sintetizadamente caracterizar a *langue* como sendo um facto social, essencial, passivo (dependente do colectivo), convencional e como um código que fornece um objecto de estudo homogéneo num ramo da psicologia social. Por oposição, a *parole* é individual, contingente, activa (depende da vontade do indivíduo), não convencional, converte em realidade o código e constitui-se como um objecto de estudo heterogéneo que pode ser estudado por diversas disciplinas.

Por todas estas razões, não fazia sentido, para Saussure, a reunião da *langue* e da *parole* num mesmo ponto de vista de estudo, pois, como já se abordou, a linguagem não é homogénea. Desta forma, esta bifurcação conduziu à necessidade de dois estudos diferentes, ou melhor, duas linguísticas: a linguística da *parole* e a linguística propriamente dita – a da *langue*:

simplemente normales y tradicionales en la comunidad, constituyen lo que llamamos *norma*; pero, en un plano de abstracción más alto, se desprenden de ellas mismas una serie de elementos esenciales e indispensables, de oposiciones funcionales: lo que llamamos *sistema*” (*Ibidem*: 94).

¹ “El *sistema* y la *norma* no son realidades autónomas y opuestas al hablar y tampoco «aspectos del hablar», que es una realidad unitaria e homogénea, sino *formas* que se comprueban en el mismo hablar, abstracciones que se elaboran sobre la base de la actividad lingüística concreta, en relación con los modelos que ella utiliza” (*Ibidem*: 95).

On peut à la rigueur conserver le nom de linguistique à chacune de ces deux disciplines et parler d'une linguistique de la parole. Mais il ne faudra pas la confondre avec la linguistique proprement dite, celle dont la langue est l'unique objet (Saussure 2005^a: 38 – 39).

O *Cours* dedica-se quase exclusivamente ao estudo da linguística da língua, deixando de lado a da fala, sendo por isso alvo de críticas, como Bally e Sechehaye reconheceram no prefácio da sua obra¹. Não obstante, efectivamente para Saussure, a fala é sempre um fenómeno secundário, subordinado à língua (Mounin 1971: 31). Com efeito, esta distinção entre *parole* e *langue* tem como função principal e estratégica isolar o objecto de investigação linguística (Culler 1976: 24), que seria, desta forma, a *langue*.

2.3.1. A linguística interna e a linguística externa

A dicotomia *langue* / *parole* surge no pensamento saussureano como uma etapa de um percurso que tem como escopo a autonomia da linguística enquanto ciência. Por isso, a definição de língua enquanto sistema independente e autónomo procura, primeiramente, conferir autoridade e unidade ao objecto de estudo da linguística, que se distingue de outras ciências muito próximas:

En un mot, la définition saussurienne de la langue, et celle-là seule, confère à la linguistique le caractère d'une science autonome et une, distincte de la phonologie d'une part, de la psychologie de l'autre, elle est la science de signes linguistiques: elle est une partie de la sémiologie, et de beaucoup la plus importante (Bally 1965: 152).

A definição de língua como sistema que tem a sua própria ordem² conduziu à necessidade de distinguir entre o que era interno e o que era externo ao objecto de estudo da linguística:

Saussure thought it a pre-condition of linguistic study the distinction between what is internal and external to language as a whole and, consequently, to linguistics as a discipline (Câmara 1995: 32).

No fundo, Saussure viu a necessidade de diferenciar e afastar do estudo da linguística, tudo o que não interviesse no estudo e na análise do fenómeno linguístico. Assim, tudo o que fosse exterior ao sistema da língua seria considerado como fazendo parte da «linguística externa»:

¹ “L'absence d'une «linguistique de la parole» est plus sensible” (Bally e Sechehaye 1915: 10).

² “La langue est un système qui ne connaît que son ordre propre” (Saussure 2005^a: 43).

Notre définition de la langue suppose que nous en écartons tout ce qui est étranger à son organisme, à son système, en un mot tout ce qu'on désigne par le terme de «linguistique externe» (Saussure 2005^a: 40).

Contudo, o linguista de Genebra considera que a linguística externa trata de assuntos importantes nos quais pensamos no estudo da linguagem. Deste modo, dizem respeito à linguística externa os pontos em que a linguística se aproxima da etnologia, todas as relações que podem existir entre a história duma língua e a de uma raça ou civilização, as relações entre a política de um país e a sua língua, as relações que a língua pode estabelecer com outras instituições (Igreja, Escola, etc), a língua literária e tudo o que se relaciona com a extensão geográfica das línguas e a fragmentação dialectal.

Embora considere que é impossível separar todos estes aspectos do estudo da língua propriamente dita, Saussure insiste na separação entre linguística externa e linguística interna. A melhor prova que apresenta para justificar essa necessidade é que cada um destes pontos de vista cria um método distinto¹. A linguística externa pode acumular pormenor sobre pormenor sem sentir que o sistema está saturado. A linguística interna tem um método totalmente distinto, pois não admite qualquer disposição, uma vez que a língua é um sistema que só aceita a sua própria ordem. Por isso, apesar de se considerar o estudo externo fecundo, este não intervém de forma alguma no estudo interno, que se constrói de forma independente:

Nous pensons que l'étude des phénomènes linguistiques externes est très fructueuse; mais il est faux de dire que sans eux on ne puisse connaître l'organisme linguistique interne (*Ibidem*: 42).

Para uma melhor compreensão da diferença entre a linguística externa e a interna, Saussure estabelece uma comparação com o jogo de xadrez. No jogo de xadrez o que é externo pode ser separado do que é interno de uma forma relativamente fácil. O facto de o jogo ter vindo da Pérsia para a Europa é de ordem externa. No entanto, as regras e tudo o que diz respeito ao sistema do próprio jogo é de ordem interna. Por exemplo, se se trocam as peças de madeira por peças de marfim, a alteração é indiferente para o sistema; mas se se diminui ou aumenta o número de peças, essa alteração atinge profundamente o sistema do jogo. Por isso, a primeira alteração é externa, já a segunda é interna. Portanto, ter-se-á como regra o postulado de que é interno tudo o que altera o sistema em qualquer dos seus planos:

Ainsi dans chaque cas on posera la question de la nature du phénomène, et pour la résoudre on observera cette règle: est interne tout ce qui change le système à un degré quelconque (*Ibidem*: 43).

Saussure serve-se deste modo da comparação com o jogo de xadrez, não só como

¹ “La meilleure preuve en est que chacun d'eux crée une méthode distincte” (*Ibidem*).

ilustração da sua teoria, mas essencialmente como substituta de uma aproximação teórica ao tema:

A first point that should be made now, is that Saussure used the chess analogue here, not only as an 'illustration' (...) but as a substitute for a strictly theoretical approach, which he seemed as yet unable to provide in relation to this issue (Câmara 1995: 33).

João Bettencourt da Câmara considera que os pontos de vista externo e interno não dizem somente respeito à língua/ *langue*, mas ao estudo da linguagem no seu geral. Por outro lado, advoga ainda que a linguística externa e a linguística interna estão relacionadas com a linguística diacrónica e com a sincrónica, respectivamente:

In this case the distinction is between what is internal and external to language, the subject-matter of linguistics as a general discipline – which, of course, potentially contains the particular objects of its two particular branches, synchronic and diachronic linguistics (*Ibidem*: 34)

2.4. A dicotomia sincronia / diacronia

Continuando a sua procura da delimitação do objecto de estudo da linguística – a língua, Saussure afirma que o tempo, ou melhor, a passagem do tempo, criava dificuldades e entraves ao estudo da linguística, bem como a todas as ciências que lidam com valores, conduzindo-as por dois caminhos divergentes. A linguística é aquela que sente mais necessidade de delimitar onde se inserem os factos que estuda. Assim, tudo o que está relacionado com o lado estático é sincrónico; e tudo o que tem a ver com evolução é diacrónico. Ou seja, a linguística sincrónica estuda a língua fazendo abstracção da acção que o tempo exerce na língua; a linguística diacrónica estuda a língua e a sua evolução através do tempo:

Nous préférons parler de linguistique *synchronique* et de linguistique *diachronique*. Est synchronique tout ce qui se rapporte à l'aspect statique de notre science, diachronique tout ce qui a trait aux évolutions. De même *synchronie* et *diachronie* désigneront respectivement un état de langue et une phase d'évolution (Saussure 2005^a: 117).

A linguística sincrónica é também apelidada por Saussure como linguística *estática*, em oposição à diacrónica, considerada dinâmica e que Saussure nomeia *evolutiva*.

Tal com postula Lepchy, não devemos interpretar a oposição entre sincronia e diacronia em termos de presença ou ausência da história (Lepchy 1976: 35). Foi a visão da língua como um sistema que levou Saussure a focalizar o estudo linguístico no sistema enquanto tal, independentemente da sua mutação através do tempo (Camara Jr. 1986: 108).

C'est au linguiste que cette distinction s'impose le plus impérieusement; car la langue est un système de pures valeurs que rien ne détermine en dehors de l'état

momentané de ses termes (Saussure 2005^a: 116).

Desta forma, o estudo descritivo da língua, isto é, o estudo sincrónico, foi incluído na linguística como metodologia. De facto, o mérito de Saussure foi ter afirmado a necessidade de ambos os estudos – diacrónico e sincrónico - contrariando a tendência historicista herdada do século precedente:

Contrariamente à perspectiva totalmente histórica da linguagem do século precedente, Saussure realçou a importância de conceber a linguagem de duas perspectivas distintas e bastante exclusivas, a que chamou sincrónica e diacrónica (Crystal 1977: 193).

Efectivamente, Saussure considera imperiosa esta distinção devido à complexidade do sistema linguístico e à forma rigorosa como está organizado, em nada igual a todos os outros sistemas. Embora a linguística seja dominada pelos estudos diacrónicos, Saussure demonstra a necessidade e a importância dos estudos sincrónicos, uma vez que a primeira coisa com que o linguista se depara é um estado de língua. Este é a realidade que envolve o falante e, por isso, para compreender esse estado de língua é necessário ignorar a diacronia:

La première chose qui frappe quand on étudie les faits de langue, c'est que pour le sujet parlant leur succession dans le temps est inexistante: il est devant un état. Aussi le linguiste qui veut comprendre cet état doit-il faire table rase de tout ce qui l'a produit et ignorer la diachronie (Saussure 2005^a: 117).

Para melhor explicar esta distinção, mostrando a autonomia e a interdependência da sincronia e da diacronia, Saussure recorre a comparações. Primeiro serve-se da comparação da sincronia à projecção de um corpo num plano. Com efeito, qualquer projecção depende directamente do corpo projectado, porém, diferencia-se dele. Em linguística tem-se a mesma relação entre a realidade histórica e cada estado de língua, que é como a projecção num dado momento. Não é através do estudo dos corpos, isto é, dos factos diacrónicos, que se conhecerão os factos sincrónicos:

En linguistique, même relation entre la réalité historique et un état de langue, qui en est comme la projection à un moment donné. Ce n'est pas en étudiant les corps, c'est-à-dire les événements diachroniques, qu'on connaît les états synchroniques, pas plus qu'on n'a une notion des projections géométriques pour avoir étudié, même de très près, les diverses espèces de corps (*Ibidem*: 124 – 125).

Da mesma forma, se cortarmos transversalmente o caule de uma árvore, veremos que este tem uma série de fibras longitudinais perpendiculares à primeira. Tal como no exemplo anterior, cada perspectiva depende da outra. Cada secção longitudinal mostra-nos as fibras constitutivas da planta e a secção transversal o seu agrupamento num determinado plano. Assim, a segunda é diversa da primeira porque denuncia certas relações entre as fibras que nunca se poderiam verificar no plano longitudinal. O mesmo se passa relativamente à

sincronia e à diacronia (*Ibidem*: 125).

A última das comparações estabelecidas, muito recorrente ao longo do *Cours*, compara o mecanismo da língua com um jogo de xadrez. Para o linguista suíço, esta é a comparação mais elucidativa pois, tanto num caso como no outro, estamos perante um sistema de valores e assistimos às suas modificações. A partida de xadrez é uma espécie de realização artificial do que a língua nos apresenta sob uma forma natural¹. Assim, cada estado do jogo corresponderia a um estado de língua. O valor respectivo das peças valeria de acordo com a sua posição no tabuleiro de jogo; da mesma forma, na língua, cada termo tem o seu valor porque se opõe a todos os outros. Por outro lado, o sistema é sempre momentâneo, variando de uma posição para outra, e as regras do jogo, que existem antes do começo do jogo e que persistem durante o mesmo, existem também ao nível da língua, são os princípios constantes da semiologia. Por último, para passar de um equilíbrio a outro, isto é, de uma sincronia a outra, basta a deslocação de uma figura, não havendo, contudo, alteração geral.

Deste modo, podemos concluir que:

- Cada jogada da partida de xadrez põe em movimento uma só peça; também na língua as alterações só incidem sobre elementos isolados;
- Cada jogada tem ressonâncias em todo o sistema;
- A deslocação de uma peça é um facto absolutamente distinto do equilíbrio precedente e do equilíbrio subsequente. A alteração não pertence a nenhum dos dois estados e só os estados são importantes.

Tudo isto se aplica à língua, ajudando a estabelecer a distinção entre diacronia e sincronia. Não obstante, esta comparação falha na medida em que no jogo de xadrez existe um jogador que provoca todas as deslocações, exercendo uma acção sobre o sistema. Na língua não se passa dessa forma, pois nada é premeditado, tudo ocorre de forma espontânea e fortuita:

Il n'y a qu'un point où la comparaison soit en défaut; le joueur d'échecs a l'*intention* d'opérer le déplacement et d'exercer une action sur le système; tandis que la langue ne prémédite rien; c'est spontanément et fortuitement que ses pièces à elle se déplacent (...)
Pour que la partie d'échecs ressemblât en tout point au jeu de la langue, il faudra supposer un joueur inconscient ou inintelligent (*Ibidem*: 127).

Efectivamente, a língua é um mecanismo que continua sempre a funcionar apesar das alterações que possa sofrer². Essas alterações incidem sobre um ou outro elemento linguístico, nunca sobre o sistema em bloco e, por conseguinte, só fora deste podem ser

¹ “Une partie d'échecs est comme une réalisation artificielle de ce que la langue nous présente sous une forme naturelle” (*Ibidem*: 125).

² “La langue est un mécanisme qui continue à fonctionner malgré les détériorations qu'on lui fait subir” (*Ibidem*: 124).

estudadas. Estas alterações do nível diacrónico entram na língua por via da fala. Esta é considerada o gérmen de todas as mudanças linguísticas:

Tout ce qui est diachronique dans la langue ne l'est que par la parole. C'est dans la parole que se trouve le germe de tous les changements: chacun d'eux est lancé d'abord par un certain nombre d'individus avant d'entrer dans l'usage (*Ibidem*: 138).

É evidente que cada alteração deixa a sua marca no sistema; mas o facto inicial recaiu sobre um só ponto, não havendo qualquer relação interna entre ele e as consequências que possam advir para o conjunto. Por conseguinte, Saussure assinala que o facto diacrónico é um acontecimento que tem a sua razão de ser nele próprio e as consequências sincrónicas particulares que daí podem advir são-lhe totalmente estranhas:

Donc un fait diachronique est un événement qui a sa raison d'être en lui-même; les conséquences synchroniques particulières qui peuvent en découler lui sont complètement étrangères (*Ibidem*: 121).

Enquanto o facto sincrónico é sempre significativo, fazendo sempre apelo a dois termos simultâneos, isto é, inseridos num estado de língua, o facto diacrónico é justamente o inverso. Ele só se interessa por um só termo, por uma forma nova que apareça, que ficou no lugar de uma forma antiga. Consequentemente, a oposição diacronia/sincronia é atestada de variadas formas, nomeadamente no que diz respeito aos seus princípios, métodos e leis.

Uma vez que a língua é uma instituição social, é regida por regras, caracterizadas, essencialmente, pelo seu carácter imperativo e geral, isto é, são regras que se impõem e se aplicam a todos os casos. Assim, também a lei diacrónica é geral e imperativa. Pelo contrário, a lei sincrónica é geral, mas não imperativa¹.

No atinente aos métodos, estes são distintos de duas formas. Primeiro, a sincronia só conhece uma perspectiva, a dos falantes, e o seu método consiste em recolher o seu testemunho. É exactamente devido a este facto que Saussure considera a sincronia como o estudo mais pertinente para a linguística. De facto, para o linguista, o aspecto sincrónico prevalece sobre o diacrónico, porque a massa falante é a única e verdadeira realidade com a qual o linguista se depara:

Ils n'ont pas une égale importance. Sur ce point, il est évident que l'aspect synchronique prime l'autre, puisque pour la masse parlante il est la vraie et la seule réalité. Il en est de même pour le linguiste (*Ibidem*: 128).

Por sua vez, a linguística diacrónica distingue duas perspectivas: uma, prospectiva, que segue o curso do tempo, e outra, retrospectiva, que visa o passado. Há, desta forma, um

¹ “La loi synchronique est générale, mais elle n'est pas impérative” (*Ibidem*: 131).

desdobramento do método.

A outra diferença advém dos limites do domínio de cada uma das disciplinas. O estudo sincrónico não tem por objecto tudo o que é simultâneo, somente o conjunto de factos que corresponde a cada língua, indo esta separação até aos dialectos e aos subdialectos. Por isso, Saussure considera que o termo mais adequado e exacto para o termo sincronia seria *idiossincronia*¹. A linguística diacrónica, por seu turno, rejeita aquela especialização; os termos que analisa não pertencem necessariamente a uma língua.

Desta forma, podemos parafrasear o *Cours* e afirmar que o fenómeno sincrónico é uma relação entre elementos simultâneos, enquanto o diacrónico é a substituição de um elemento por outro no tempo (*Ibidem*: 129).

A insistência de Saussure em estabelecer a diferença entre a sincronia e a diacronia, e a prioridade da descrição sincrónica no estudo linguístico, não significa que ele estivesse convencido que a língua existia como uma série de estados sincrónicos homogéneos. De certo modo, a ideia de estado sincrónico é uma ficção metodológica, tal como as afirmações relativas à evolução histórica da língua são igualmente fictícias (Culler 1976: 31).

2.4.1. Pancronia

Ao longo da sua exposição sobre a diferenciação entre diacronia e sincronia, Saussure levantou a questão se haveria lugar a um ponto de vista pancrónico no estudo da língua². Quando fala em pancronia, Saussure fala em leis ou regras gerais que sejam constantes na língua, tal como existem nas ciências físicas e naturais.

A resposta à pergunta levantada foi sucinta. Começa por admitir que as alterações fonéticas, uma vez que se produzem e se produzirão sempre, são uma constante da língua, sendo uma das suas leis. Recorrendo mais uma vez à comparação com o jogo de xadrez, o linguista sustenta que há regras que sobrevivem a todos os acontecimentos. São princípios gerais que existem independentemente dos factos concretos. Estes podem ser alvo do ponto de vista pancrónico. No entanto, a partir do momento em que se fala em factos particulares e concretos, deixa de haver ponto de vista pancrónico. Assim sendo, conclui que cada fenómeno fonético está limitado a um tempo e a um território determinados, não existindo em todos os tempos e espaços, inserindo-se, por isso, no âmbito do estudo diacrónico. Ou seja, só

¹ “Au fond le terme de *synchronique* n’est pas assez précis; il devrait être remplacé celui, un peu long il est vrai, de *idiossynchronique*.” (*Ibidem*: 128).

² “En un mot, la langue ne peut-elle pas être étudiée au point de vue panchronique?” (*Ibidem*: 134).

é pancrónico a lei “il se produit et se produira toujours de changements phonétiques” (Saussure 2005^a: 134).

En linguistique comme dans le jeu d'échecs, il y a des règles qui survivent à tous les événements. Mais ce sont là des principes généraux existants indépendamment des faits concrets; dès qu'on parle de faits particuliers et tangibles, il n'y a pas de point de vue panchronique. Ainsi chaque changement phonétique, quelle que soit d'ailleurs son extension, est limité à un temps et un territoire déterminés; aucun ne se produit dans tous les temps et tous les lieux; il n'existe que diachroniquement (*Ibidem*: 135).

Por conseguinte, só os sons das palavras, tomados em si mesmos, podem ser objecto de observação pancrónica¹.

Em suma, o ponto de vista pancrónico não atinge os factos particulares da língua, somente aquilo que Saussure entende por propriedades universais da linguagem (Amacker 1975: 57).

2.4.2. Linguística Sincrónica

A linguística sincrónica geral tem como objecto estabelecer os princípios fundamentais de qualquer sistema idiossincrónico, isto é, os factores constitutivos de qualquer estado de língua (Saussure 2005^a: 141). Portanto, à sincronia diz respeito tudo o que se refere à «gramática geral», pois é através dos estados de língua que se estabelecem as relações dependentes da gramática:

C'est à la synchronie qu'appartient tout ce qu'on appelle la «grammaire générale»; car c'est seulement par les états de langue que s'établissent les différents rapports qui sont du ressort de la grammaire (*Ibidem*).

De uma forma geral, Saussure considera que é mais difícil trabalhar no domínio sincrónico do que no diacrónico, uma vez que os factos da evolução são mais concretos do que os valores e as relações de termos coexistentes². Na prática, a sincronia dedica-se ao estudo de um estado de língua, considerado como um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual o número de modificações ocorrido é mínimo. Neste seguimento, um estado absoluto define-se pela ausência de alterações. No entanto, como a língua se transforma, por pouco que seja, estudar um estado de língua implica que se ignorem as alterações pouco importantes, tal como fazem os matemáticos quando ignoram as quantidades infinitesimais no

¹ “Seuls les sons du mot pris en eux-mêmes donnent lieu à l'observation panchronique; mais il n'ont pas de valeur linguistique” (*Ibidem*: 135).

² “D'une façon générale, il est beaucoup plus difficile de faire linguistique statique que de l'histoire” (*Ibidem*: 141).

cálculo dos logaritmos:

Et tout comme malgré tout la langue si transforme, si peut que ce soit, étudier un état de langue revient pratiquement à négliger les changements peu importants, de même que les mathématiciens négligent les quantités infinitésimales dans certaines opérations, telles que le calcul des logarithmes (*Ibidem*: 142).

A noção de estado de língua só pode ser aproximativa, uma vez que é difícil fazer uma delimitação rigorosa do tempo. Efectivamente, em linguística sincrónica ou estática, tal como na maior parte das ciências, nenhuma demonstração é possível sem uma simplificação convencional dos dados, nomeadamente os estados.

2.4.2.1. A língua como sistema

A noção de sistema, em linguística, remonta à segunda metade do século XVIII. Não obstante, foi com a obra de Franz Bopp – *Conjugationssystem*, em 1816, que o termo sistema entra definitivamente como uma palavra chave para a linguística crescente (Mounin 1971: 51 – 52). Deste modo, Saussure não introduziu nem a palavra, nem a noção de sistema, mas foi ele quem o tornou um termo “operativo” (*Ibidem*) e com uma posição central na teoria da linguagem (Casteleiro Oliveros 2000: 163).

No *Cours*, a língua é considerada um sistema de signos que exprimem ideias¹. Não obstante, não é um conjunto de signos acumulados, é um sistema considerado como um conjunto de unidades linguísticas solidárias umas com as outras e que obedecem a regras (François 1980: 68). Para Saussure, nós não conseguimos identificar e distinguir uma unidade linguística, isto é, um signo linguístico independentemente das outras unidades do sistema a que pertence, mas somente situando-a no lugar que ocupa no sistema. De facto, um signo, por ele próprio, ou seja, fora do sistema ao qual pertence, não tem uma identidade e um significado definidos, uma vez que a identidade e o significado depende da relação de oposição que estabelece com todos os outros signos do sistema (Câmara 1995: 76). Por isso, afirma que a língua é um sistema que não conhece mais que a sua própria ordem².

Para uma melhor compreensão do conceito de língua como sistema, Saussure, mais uma vez, apela à comparação com o jogo de xadrez. Tal como observou Bettencourt da Câmara, a estrutura e o funcionamento do xadrez, ou seja, o modo como os seus elementos são articulados e agem uns com os outros, revela uma grande similitude com o que ocorre com a

¹ “La langue est un système de signes exprimant des idées (...)” (*Ibidem*: 33).

² “La langue est un système qui ne connaît que son ordre propre” (*Ibidem*: 43).

linguagem para Saussure (Câmara 1995: 81). Assim, aquando da distinção entre linguística interna e linguística externa, Saussure apresenta a imagem da substituição das peças do xadrez feitas em madeira por peças em marfim para fundamentar que a troca é indiferente para o sistema, o linguista suíço atesta que o valor das peças (o mesmo é dizer dos signos linguísticos) não depende da substância de que são feitas, senão unicamente das relações que mantêm entre si e da posição que ocupam no sistema:

La valeur respective des pièces dépend de leur position sur l'échiquier, de même que dans la langue chaque terme a sa valeur par son opposition avec tous les autres termes (Saussure 2005^a: 125 – 126).

Consequentemente, tal como advoga Mounin (1971: 55), a noção de sistema integra a noção de valor, conceito que abordaremos em capítulo posterior. Nesse sentido, o *Cours* apresenta também a língua como um sistema de puros valores que nada determina fora do estado momentâneo dos seus termos¹.

Esta noção de sistema estruturado foi ganhando cada vez mais terreno até ser geralmente aceite, sendo também adoptado e utilizada para o substituir o termo estrutura. No entanto, Saussure não recorre no *Cours* ao termo estrutura para substituir sistema. Não obstante, foi a visão saussureana da língua como sistema de oposições linguísticas que conduziu a linguística para o estruturalismo (Câmara Jr. 1986: 110). Efectivamente, tal como o define Lyons (1980), o estruturalismo entende que toda a língua como um sistema de relações:

Ce terme signifie que toute langue est considérée comme un *système de relations* ou plus précisément comme un ensemble de systèmes reliés les uns aux autres, dont les éléments (sons, mots, etc.) n'ont aucune valeur indépendamment des relations d'équivalence et d'opposition qui les relie (Lyons 1980: 41).

Assim, podemos postular que a definição que o *Cours* dá de língua é centrada no signo linguístico².

¹ “La langue est un système de pures valeurs que rien ne détermine en dehors de l'état momentané de ses termes” (*Ibidem*: 116).

² “La définition que donne Saussure de la langue est exclusivement centrée sur le signe” (Bronckart 1995: 107).

2.4.2.2. A teoria do signo linguístico¹

Ao negar que a língua é uma nomenclatura, isto é, uma lista de termos que correspondem a uma outra lista de coisas, Saussure propugna a teoria de que a língua é um sistema de termos interdependentes, distintivos e contrastivos, que forma um conjunto de factos semiológicos e sublinha a existência do signo linguístico como inseparável da noção de sistema (Koerner 1982: 422). Ou seja, a língua é um sistema de signos interdependentes, que se relacionam e opõem entre si.

Saussure concebeu o signo linguístico como a união entre um conceito e uma imagem acústica (Saussure 2005^a: 98). Não se trata pois de unir um objecto com uma palavra, mas sim de unir na nossa mente dois componentes de carácter psíquico (Černý 1998: 147). Desta forma, a imagem acústica não se concebe apenas como um som puramente físico, mas uma representação na nossa mente. O facto de conseguirmos falar mentalmente, sem pronunciarmos um único som, atesta a afirmação anterior relativamente ao lado psíquico da imagem acústica:

Cette dernière [image acoustique] n'est pas le son matériel, chose purement physique, mais l'empreinte psychique de ce son, la représentation que nous en donne le témoignage de nos sens (Saussure 2005^a: 98).

O segundo elemento do signo, o conceito, é ainda mais abstracto que a imagem acústica. O conceito não existe *a priori*, é algo que só existe no momento em que o signo é emitido. Deste modo, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces, que Saussure comparou a uma folha de papel, uma vez que a frente não existe sem o verso, também o conceito não existe sem a imagem acústica e vice-versa.

Não obstante, justificando com a ambiguidade dos termos, Saussure propõe mais tarde substituir os termos *conceito* e *imagem acústica* respectivamente pelos de *significado* e de *significante*:

L'ambiguïté disparaîtrait si l'on désignait les trois notions ici en présence par des noms qui s'appellent les uns les autres tout en s'opposant. Nous proposons de conserver le mot *signe* pour désigner le total, et de remplacer *concept* et *image acoustique* respectivement par *signifié* et *signifiant* (*Ibidem*: 99).

¹ Decidimos abordar primeiramente a noção de sistema em vez da do signo uma vez que, tal como defendeu Bettencourt da Câmara, o conceito de signo pressupõe a existência de um sistema ao qual pertence: “the existence of the system necessarily precedes that of the signs, which are constituted by, and in the system’s particular set of, interrelations. In brief, to study a sign in Saussurean terms, one has to know or to presuppose the system to which it belongs” (Câmara 1995: 76).

Saussure concebeu então o signo como uma relação dialéctica, uma vez que tendo componentes opostas, não é possível separá-las dado que não existem uma sem a outra. Neste seguimento, para explicar a essência do signo linguístico, Saussure atribuiu-lhe três características fundamentais: a arbitrariedade, a linearidade do significante e o seu carácter discreto, às quais se acrescentam a mutabilidade e imutabilidade.

2.4.2.2.1. A arbitrariedade

A arbitrariedade do signo linguístico é a pedra angular da linguística de Saussure e a base que sustenta o seu programa semiológico (Sazbón 1985: 18). Para o linguista suíço, a relação que se estabelece entre o significado e o significante é arbitrária, sendo, por isso, o signo linguístico arbitrário:

Le lien unissant le signifiant au signifié est arbitraire, ou encore, puisque nous entendons par signe le total résultant de l'association d'un signifiant à un signifié, nous pouvons dire plus simplement: *le signe linguistique est arbitraire* (Saussure 2005^a: 100).

Para exemplificar a sua tese da arbitrariedade do signo linguístico, o *Cours* expõe que, por exemplo, a ideia de «soeur» não está ligada por qualquer laço ou relação interior com a cadeia de sons *s – ø – r* que lhe serve de significante; esta relação que se estabelece entre os dois componentes do signo é natural e arbitrária. Por outro lado, o carácter arbitrário da relação entre o significado e o significante é também postulado pelo facto de existir uma variedade de denominações, consoante se diferencia nas diversas línguas, para a mesma realidade significada.

Saussure tem tamanha certeza da sua teoria que afirma que ninguém está em condições de a questionar (*Ibidem*). Não obstante, a verdade é que a tese da arbitrariedade do signo tem sido ao longo dos tempos alvo de muitas discussões e com frequência foi criticada (Černý 1998: 148). Émile Benveniste foi um, entre outros, que se destacou pela interpretação que fez das ideias saussureanas. Para Benveniste, a relação entre o significante e o significado não é arbitrária, pelo contrário, é necessária, porque os dois elementos do signo chegam à nossa mente ao mesmo tempo, são ambos mutuamente evocativos em todas as circunstâncias (Benveniste 1976: 51).

Tal como argumenta Jonathan Culler, do que ficou dito relativamente ao significante e ao significado, poder-se-ia considerar que a língua é uma nomenclatura, isto é, uma relação de nomes arbitrariamente seleccionados e ligados a um conjunto de objectos e conceitos (Culler 1976: 16). Contudo, Saussure nega cabalmente a ideia de língua como nomenclatura

(Saussure 2005^a: 97) e, portanto, os seus significados não são preexistentes, mas conceitos mutáveis e contingentes, que variam de um estado de uma língua para outro. Uma vez que a relação entre significante e significado é arbitrária, não existe nenhuma propriedade caracterizadora que o conceito deva reter a fim de ser considerado como o significado de determinado significante, podendo o significado associado a um significante tomar qualquer forma. Deste modo, também não haverá lugar para a existência de universais linguísticos.

Procurando esclarecer a teoria da arbitrariedade, Saussure esclarece que o signo linguístico é distinto dos signos naturais, como a pantomina. No entanto, tanto uns como outros, como meios de expressão recebidos numa sociedade, assentam num hábito colectivo, o mesmo é dizer, numa convenção. As formas de cortesia, por exemplo, embora por vezes com uma certa expressividade natural, são igualmente fixadas por uma regra e é essa regra que as torna obrigatórias, e não o valor intrínseco que elas possam ter (*Ibidem*: 100 – 101). Neste sentido, os sinais arbitrários são os que melhor realizam o processo semiológico e, por isso, a língua será o sistema mais complexo e importante a estudar pela semiologia:

On peut donc dire que les signes entièrement arbitraires réalisent mieux que les autres l'idéal du procédé sémiologique; c'est pourquoi la langue, le plus complexe et le plus répandu des systèmes d'expression, est aussi le plus caractéristique de tous; en ce sens la linguistique peut devenir le patron général de toute sémiologie, bien que la langue ne soit qu'un système particulier (*Ibidem*: 101).

É estabelecida ainda a distinção entre símbolo e signo, pois, por vezes, o primeiro é utilizado para designar o segundo. Contudo, esta equiparação não é plausível uma vez que o símbolo nunca é completamente arbitrário, há sempre, por mais rudimentar que seja, uma ligação natural entre o significante e o significado. É exemplo o símbolo da justiça, a balança, que não poderia ser substituído por nenhum outro.

Por outro lado, a palavra arbitrário não deve dar a ideia de que o significante depende da livre escolha do falante; muito pelo contrário, o significante é imotivado, ou seja, é arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem qualquer ligação natural (*Ibidem*).

Não obstante, perante o princípio da arbitrariedade, Saussure levanta duas objecções que, desde logo, conclui serem de importância secundária (*Ibidem*: 102). Assim, a primeira objecção que levanta diz respeito às onomatopeias, pois a escolha do seu significante não é sempre arbitrária. Porém, não têm grande relevo no sistema pois o seu número é bastante reduzido. As exclamações ou interjeições constituem-se como a segunda objecção. Também em número reduzido na língua, são consideradas expressões espontâneas da realidade. No entanto, Saussure considera que, para a maior parte delas, pode afirmar-se que não há uma ligação necessária entre o significante e o significado. Para tal, exemplifica com o caso do *ai!* português que corresponde ao alemão *au!*.

Por último, no atinente ao princípio da arbitrariedade, Saussure distingue em cada língua o que é realmente arbitrário, isto é, imotivado, do que não o é radicalmente. Deste modo, afirma que só uma parte dos signos é absolutamente arbitrária¹, admitindo, dessa forma, que o signo pode ser relativamente motivado².

Saussure fornece então os seguintes exemplos: vinte e dezanove. Assim, *vinte* é imotivado, já *dezanove* não o é totalmente, visto que evoca os termos de que se compõe e que lhe estão associados: *dez* e *nove*. Entendidos separadamente, *dez* e *nove* encontram-se no mesmo nível do *vinte*, isto é, são imotivados; associados (*dezanove*) apresentam um caso de motivação relativa. O mesmo se passa com outros exemplos, como *pereira*, que lembra a palavra *pêra*; *laranjeira*, etc. Desta forma, Saussure entra no domínio da morfologia através da exploração de como se formam as palavras. A formação de palavras implica, deste modo, a noção de motivação relativa. Esta implica que se faça a análise de um termo dado, a um nível sintagmático e que se faça apelo a um ou a vários termos associados ao termo em análise. A noção de motivação relativa implica assim a análise de uma relação sintagmática e de uma relação associativa:

La notion du relativement motivé implique: 1.º l'analyse du terme donné, donc un rapport syntagmatique; 2.º l'appel à un ou plusieurs autres termes, donc un rapport associatif (*Ibidem*: 182).

Portanto, até aqui tínhamos falado que o sistema era um conjunto de unidades ou valores que se opunham, agora verificamos que também existem solidariedades que ligam as unidades entre si. Estas podem ser de ordem associativa ou sintagmática, sendo elas que limitam a arbitrariedade:

Jusqu'ici, les unités nous sont apparues comme des valeurs, c'est-à-dire comme les éléments d'un système; et nous les avons considérées surtout dans leurs oppositions; maintenant nous reconnaissons les solidarités qui les relient; elles sont d'ordre associatif et d'ordre syntagmatique, et ce sont elles qui limitent l'arbitraire (*Ibidem*: 182).

Neste seguimento, defende-se que tudo o que se refere à língua deve ser analisado na perspectiva da limitação da arbitrariedade, pois não existe uma língua em que tudo seja motivado. Seria impossível concebê-la como tal. Portanto, os diversos idiomas contêm quer elementos radicalmente arbitrários quer relativamente motivados:

Il n'existe pas de langue où rien ne soit motivé; quant à en concevoir une où tout le serait, cela serait impossible par définition. Entre les deux limites extrêmes – minimum d'organisation e minimum d'arbitraire – on trouve toutes les variétés possibles. Les divers idiomes renferment toujours des éléments des deux ordres – radicalement arbitraires et

¹ “Une partie seulement des signes est absolument arbitraire” (Saussure 2005^a: 180 – 181).

² “Le signe peut être relativement motivé” (*Ibidem*: 181).

relativement motivés – mais dans des proportions très variables (*Ibidem*: 183).

Por conseguinte, considerado o princípio de maior relevo do *Cours* (*Ibidem*: 100), a arbitrariedade do signo é escalonada por Saussure em arbitrariedade absoluta ou radical e arbitrariedade relativa.

2.4.2.2.2. A linearidade do significante

A segunda característica do signo saussureano é a linearidade do seu significante. Com este princípio, Saussure quer dizer que quando falamos – quando emitimos o signo – este se desenvolve no tempo, seguindo a linha temporal. Mais especificamente, estamos a falar do significante, que, sendo de natureza auditiva, se desenvolve temporalmente, representando uma espécie de linha mensurável na sua extensão:

Le signifiant, étant de nature auditive, se déroule dans le temps seul et a les caractères qu'il emprunte au temps: a) *il représente une étendue*, et b) *cette étendue est mesurable dans une seule dimension*: c'est une ligne (*Ibidem*: 103).

Desta forma, se a enunciação se realiza no tempo, depreende-se que dois signos linguísticos não podem ocorrer enunciados ao mesmo tempo por um indivíduo. Por isso, a língua distingue-se de outras classes de sinais visuais, que podem aparecer simultaneamente, sendo ordenados pelo espaço e não pelo factor temporal. Na língua, o significante forma uma espécie de cadeia que se desenrola no tempo, tal como se pode representar pela escrita, pela sucessão de letras em linha:

Par opposition aux signifiants visuels (signaux maritimes, etc.) qui peut offrir des complications simultanées sur plusieurs dimensions, les signifiants acoustiques ne disposent que de la ligne du temps; leurs éléments se présentent l'un après l'autre; ils forment une chaîne. Ce caractère apparaît immédiatement dès qu'on les représente par l'écriture et qu'on substitue la ligne spatiale des signes graphiques à la succession dans le temps (*Ibidem*).

Esta teoria sobre o carácter linear do signo tem para Saussure uma importância equivalente à do princípio enunciado anteriormente, embora não lhe seja atribuída a devida importância entre os linguistas:

Ce principe est évident, mais il semble qu'on ait toujours négligé de l'énoncer, sans doute parce qu'on l'a trouvé trop simple; cependant il est fondamental et les conséquences en sont incalculables; son importance est égale à celle de la première loi (*Ibidem*).

Por isso, este princípio, de acordo com Černý (1998: 149) e Holdcroft (1991: 56), não ofereceu muitas possibilidades de discussão.

2.4.2.2.3. Carácter discreto

Um terceiro traço característico do signo linguístico é o seu carácter discreto. Extraído da terminologia matemática (Mounin 1971: 46), quando Saussure fala no carácter discreto do signo, sinónimo de descontínuo, pretende dizer que o material fónico da língua é amorfo, pois só através da união de um número concreto de sons ordenados de forma concreta e delimitada se forma o signo. Portanto, para Saussure, o signo linguístico é um conjunto de matéria fónica combinada na nossa mente com o pensamento. Estas duas partes correspondem exactamente ao significante e ao significado:

Una forma o signo lingüístico, según Saussure, es entonces una sección bien definida de la materia fónica amorfa, combinada en nuestra mente con una sección definida del pensamiento amorfo. Estos dos secciones delimitadas son justamente significante y significado, es decir, los componentes inseparables del signo (Černý 1998: 150).

No fundo, trata-se de segmentar a realidade extralinguística de forma a opor e a diferenciar os signos linguístico entre si. De facto, o signo linguístico é diferencial, uma vez que se distingue de todos os outros termos de forma opositiva:

Ce qui importe dans le mot, ce n'est pas le son lui-même, mais les différences phoniques qui permettent de distinguer ce mot de tous les autres, car ce sont elles qui portent la signification (Saussure 2005^a: 163).

Por outro lado, por ser diferencial, cada termo exclui todos os outros. Por exemplo o significante *cavalo* significa *cavalo*, *nem mais nem menos cavalo*; por outro lado, quando enunciamos o significante *cavalo*, este exclui pela sua presença todos os significados da língua que não tenham o significado global de *cavalo*. Saussure explicita esta sua teoria associando-a à noção de valor, através da qual se constituem as relações e as diferenças entre os diversos termos da língua. Efectivamente, basta distinguir dois significantes para sabermos que estamos perante dois significados diferentes:

Ce principe est si essentiel qu'il s'applique à tous les éléments matériels de la langue, y compris les phonèmes. Chaque idiome compose ses mots sur la base d'un système d'éléments sonores dont chacun forme une unité nettement délimitée et dont le nombre est parfaitement déterminé. Or ce qui les caractérise, ce n'est pas, comme on pourrait le croire, leur qualité propre et positive, mais simplement le fait qu'ils ne se confondent pas entre eux. Les phonèmes sont avant tout des entités oppositives, relatives et négatives (*Ibidem*: 164).

2.4.2.2.4. Mutabilidade e imutabilidade

O signo linguístico é considerado por Saussure como sendo simultaneamente mutável e imutável. Aquilo que parece um paradoxo surge para explicar que a língua evolui, apesar da incapacidade da massa falante para a alterar¹. Ou seja, anseia-se explicar porque é que as línguas são estáveis, mas também porque mudam e se transformam (Holdcroft 1991: 61).

No que diz respeito à **imutabilidade** do signo linguístico, Saussure começa por afirmar que a língua não é inventada pelos falantes; ela aparece sempre “comme un héritage de l'époque précédente.” (Saussure 2005^a: 105). Por sua vez, os falantes não têm qualquer influência sobre ela e é, por isso, que é reiterada novamente a ideia de que a origem da linguagem não tem a importância que normalmente lhe é atribuída. Efectivamente, o único objecto real da linguística é o estado de língua em que se encontra:

En fait, aucune société ne connaît et n'a jamais connu la langue autrement que comme un produit hérité des générations précédentes et à prendre tel quel. C'est pourquoi la question de l'origine du langage n'a pas l'importance qu'on lui attribue généralement. Ce n'est pas même une question à poser; le seul objet réel de la linguistique, c'est la vie normale et régulière d'un idiome déjà constitué (*Ibidem*).

Um estado de língua é assim um produto de factores históricos que explicam porque se considera que o signo seja imutável. Desta forma, para explorar a imutabilidade do signo, Saussure expõe uma série de factores. Começa por apontar a arbitrariedade do signo, que coloca a língua ao abrigo de qualquer modificação². Por outro lado, a multiplicidade de signos necessários para constituir qualquer língua impede que possam ser substituídos por outros (*Ibidem*: 107). Um terceiro factor é a complexidade do sistema linguístico que, sendo um mecanismo complexo, só pode ser apreendido pela reflexão e só especialistas o conseguem compreender³. De seguida, aparece a inércia da comunidade falante. Como a língua é um sistema de que todos se servem e, contrariamente às restantes instituições, dela todos os indivíduos participam, ela surge como incorporando toda a vida da comunidade que, perante ela, parece inerte:

La langue, au contraire, chacun y participe à tout instant, et c'est pourquoi elle subit sans cesse l'influence de tous. Ce fait capital suffit à montrer l'impossibilité d'une révolution. La langue est de toutes les institutions sociales celle qui offre le moins de prise aux

¹ “Elle fait corps avec la vie sociale, et celle-ci, étant naturellement inerte, apparaît avant tout comme un facteur de conservation” (*Ibidem*: 108).

² “L'arbitraire même du signe met la langue à l'abri de toute tentative visant à la modifier. La masse, fût elle-même plus consciente qu'elle ne l'est, ne saurait la discuter” (*Ibidem*: 106).

³ “Car ce système est un mécanisme complexe; l'on ne peut le saisir que par la réflexion; ceux-là mêmes qui en font un usage journalier l'ignorent profondément” (*Ibidem*: 107).

initiatives. Elle fait corps avec la vie de la masse sociale, et celle-ci, étant naturellement inerte, apparaît avant tout comme un facteur de conservation (*Ibidem*: 107 – 108).

Por último, surge um outro factor relacionado com o tempo. Porque a língua é uma herança que se recebe e os signos são arbitrários, eles permanecem com a tradição. Portanto, também eles fazem parte das nossas tradições e costumes.

No que concerne à **mutabilidade**, isto é, à mudança da língua, Saussure, apesar de tudo o que ficou afirmado anteriormente, admite a sua ocorrência. Assim, o signo linguístico é ao mesmo tempo imutável e mutável. Embora pareça ilógico e paradoxal, de acordo com os editores, a oposição destes dois termos surge como forma de sublinhar que a língua se transforma sem que os falantes a possam transformar. De facto, da mesma forma que é o tempo que assegura a continuidade da língua, é também ele que a altera mais ou menos rapidamente:

Le temps, qui assure la continuité de la langue, a un autre effet, en apparence contradictoire au premier: celui d'altérer plus ou moins rapidement les signes linguistiques et, en un certain sens, on peut parler à la fois de l'immutabilité et de la mutabilité du signe (*Ibidem*: 108).

Assim sendo, o linguista suíço considera que, em última análise, os dois factos são solidários: o signo altera-se porque permanece¹. Por isso, o princípio da alteração assenta no princípio da continuidade.

A transformação pode tomar várias formas, embora se pense logo em modificações fonéticas sofridas pelo significante, ou em mudanças de sentido que atinjam o significado. No entanto, não é assim tão simples. O resultado é sempre um desvio na relação entre significante e significado, “quels que soient les facteurs d'altérations, qu'il agissent isolément ou combinés” (*Ibidem*: 109). A língua, por sua vez, revela-se impotente para se defender das alterações que desviam a relação entre significante e significado, visto que a relação entre estes é arbitrária:

Une langue est radicalement impuissante à se défendre contre les facteurs qui déplacent d'instant en instant le rapport du signifié et du signifiant. C'est une des conséquences de l'arbitraire du signe (*Ibidem*: 110).

É também a arbitrariedade do signo que permite que se possa estabelecer uma nova relação entre significado e significante:

D'autre part, l'arbitraire de ses signes entraîne théoriquement la liberté d'établir n'importe quel rapport entre la matière phonique et les idées (*Ibidem*: 110).

¹ “En dernière analyse, les deux faits sont solidaires: le signe est dans le cas de s'altérer parce qu'il se continue” (*Ibidem*: 108 – 109).

Desta forma, a continuidade do signo no tempo, ligada à alteração no tempo, é um princípio de semiologia geral, tal como acontece com outros sistemas semiológicos:

La continuité du signe dans le temps, lié à l'altération dans le temps, est un principe de la sémiologie générale; on en trouverait la confirmation dans les systèmes d'écriture, le langage des sourds-muets, etc (*Ibidem*: 111).

De uma forma geral, Saussure argumenta que para analisarmos a alteração na língua, devemos ter em atenção dois factores, o tempo e a colectividade social. Apesar de anteriormente se haver referido a inércia da comunidade falante perante a evolução da língua, a verdade é que só existe evolução se houver a combinação do tempo com a existência de uma comunidade falante.

Et pourtant, ce qui nous empêche de regarder la langue comme une simple convention, modifiable au gré des intéressés, ce n'est pas cela; c'est l'action du temps qui se combine avec celle de la force sociale; en dehors de la durée, le réalité linguistique n'est pas complète et aucune conclusion n'est possible (*Ibidem*: 113).

Deste modo, é o tempo que permite que as forças sociais exerçam influência na língua, não só permitindo a sua continuidade, mas também implicando necessariamente a sua alteração:

Dès lors la langue n'est pas libre, parce que le temps permettra aux forces sociales s'exerçant sur elle de développer leurs effets, et on arrive au principe de continuité, qui annule la liberté. Mais la continuité implique nécessairement l'altération, le déplacement plus ou moins considérable des rapports (*Ibidem*).

2.4.2.3. As entidades concretas da língua

As entidades concretas da língua são os signos. No entanto, Saussure sublinha que os signos que constituem a língua não são abstrações, mas objectos reais que, por isso, são as entidades concretas da linguística como ciência:

Les signes dont la langue est composée ne sont pas des abstractions, mais des objets réels; ce sont eux et leurs rapports que la linguistique étudie; on peut les appeler les *entités concrètes* de cette science (*Ibidem*: 144).

Contudo, a entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado. Considerados de forma isolada, os significantes e os significados não são entidades linguísticas (*Ibidem*). Deste ponto de vista, significantes e significados considerados isoladamente são abstrações, o que não quer dizer que sejam entidades abstractas. Assim, para esclarecer em que medida as entidades são concretas, Saussure,

considerando a importância da linearidade do significante, propugna que uma entidade linguística só pode ser plenamente definida se for delimitada, isto é, “séparée de tout ce qui l’entoure sur la chaîne phonique” (*Ibidem*: 145). Estas entidades delimitadas, ou também chamadas *unidades*, opõem-se entre si no sistema da língua¹.

O método para delimitar as entidades da língua consiste em, tendo em consideração o princípio da linearidade, nos colocarmos ao nível da fala, encarada como documento da língua, e representá-la por duas cadeias paralelas, a dos significados e a dos significantes:

Celui qui possède une langue en délimite les unités par une méthode fort simple – du moins en théorie. Elle consiste à se placer dans la parole, envisagée comme document de langue et à la représenter par deux chaînes parallèles, celle des concepts (a), et celle des images (b) (*Ibidem*: 146).

Para verificar o resultado desta operação e ter a certeza de que estamos perante uma unidade é preciso que, comparando uma série de frases em que se encontre a mesma unidade, se possa sempre separar esta do contexto e verificar que o sentido autoriza esta delimitação, ou seja, que ela continua a ter sentido e significado independentemente do contexto em que esteja. Consequentemente, as unidades concretas, sejam elas quais forem, não podem ser identificadas com as palavras, pois nem todas as palavras são unidades concretas (*Ibidem*: 148). Porém, também há muitas palavras que são unidades complexas, em que facilmente se distinguem subunidades (sufixos, prefixos, etc.):

Du reste beaucoup des mots sont des unités complexes, où l’on distingue aisément des sous-unités (suffixes, préfixes, radicaux); des dérivés comme *désir-eux*, *malheur-eux* se divisent en parties distinctes dont chacune a un sens et un rôle évidents. Inversement il y a des unités plus larges que les mots: les composés (*porte-plume*), les locutions (*s’il vous plaît*), les formes de flexion (*il a été*), etc (*Ibidem*).

Por último, Saussure recorre, mais uma vez, à comparação entre a língua e um jogo de xadrez. Tal como o jogo de xadrez é a combinação de todas as diferentes peças, também a língua é um sistema completamente assente na oposição das suas unidades concretas.

2.4.2.4. Identidades, realidades, valores

Identificar a identidade será saber porque em duas ou mais frases a mesma porção de sonoridade está revestida da mesma significação. Para definir a natureza da identidade de dois elementos linguísticos, Saussure faz a distinção entre dois tipos de identidade: a identidade

¹ “Ce sont ces entités délimitées ou *unités* qui s’opposent dans le mécanisme de la langue” (*Ibidem*: 145).

material e a identidade relacional.

A identidade relacional seria aquela cujo lugar no sistema linguístico é idêntico, por oposição aos outros lugares do sistema. Saussure demonstra esta teoria recorrendo ao exemplo do comboio expresso Genebra - Paris das 8h45m da noite. A um dia de distância, nada nos garante que os dois comboios sejam materialmente idênticos (as carruagens, o pessoal, os passageiros...). No entanto, para nós é o mesmo comboio: aquele das 8h45 da noite Genebra - Paris, e não o das 10h45m da manhã, nem o de Paris – Dijon...

Por sua vez, a identidade material é aquela que diz respeito a dois elementos que podem ser materialmente idênticos, mas que não ocupam o mesmo lugar no sistema. Saussure dá o exemplo de palavras homófonas, como “*pomme et paume, goutte et je goûte, fuir et fourir, etc.*” (*Ibidem*: 151).

A identidade linguística não é, desta forma, material, mas relacional. De facto, a ligação entre dois empregos de uma mesma palavra não assenta nem na identidade material, nem na exacta semelhança dos sentidos, mas em elementos que nos reenviarão para as noções de unidades linguísticas e de valor:

Le lien entre les deux emplois du même mot ne repose ni sur l’identité matérielle, ni sur l’exacte similitude des sens, mais sur des éléments qu’il faudra rechercher et qui feront toucher de très à près à la nature véritable des unités linguistiques (*Ibidem*: 152).

No atinente às realidades, Saussure questiona-se relativamente a que elementos concretos ou abstractos da língua se pode dar esse nome. Para ele, a distinção das partes do discurso e a classificação das palavras em substantivos, adjectivos, verbos, etc. é defeituosa e incompleta, uma vez que não consegue abarcar a realidade linguística das entidades concretas da língua:

Donc nous avons affaire ici à un classement défectueuse ou incomplet; la distinction des mots en substantifs, verbes, adjectifs, etc., n’est pas une réalité linguistique indéniable. (...) Pour échapper aux illusions, il faut d’abord se convaincre que les entités concrètes de la langue ne se présentent pas d’elles-mêmes à notre observation. Qu’on cherche à les saisir, et l’on prendra contact avec le réel; partant de là, on pourra élaborer tous les classements dont la linguistique a besoin pour ordonner les faits de son ressort (*Ibidem*: 153).

Todas estas noções até aqui abordadas apontam para a noção de valor, que Saussure explica recorrendo à comparação da língua com o jogo de xadrez. Pensando num cavalo: será que podemos considerá-lo um elemento do jogo de xadrez? Fora do tabuleiro, obviamente que não, uma vez que, na sua materialidade pura, nada representa para o jogador. Só se torna elemento real e concreto quando revestido do seu valor no jogo. Por isso, se no decorrer de uma jogada for acidentalmente destruído, pode ser substituída por outra, uma vez que terá o mesmo valor dentro do jogo e das suas regras:

Prenons un cavalier: est-il à lui seul un élément du jeu? Assurément non, puisque dans sa matérialité pure, hors de sa case et des autres conditions du jeu, il ne représente rien pour le joueur et ne devient élément réel et concret qu'une fois revêtu de sa valeur et faisant corps avec elle. Supposons qu'au cours d'une partie cette pièce vienne à être détruite ou égarée: peut-on la remplacer par une autre équivalente? Certainement: non seulement un autre cavalier, mais même une figure dépourvue de toute ressemblance avec celle-ci sera déclarée identique, pourvu qu'on lui attribue la même valeur (*Ibidem*: 153 – 154).

Desta forma, a noção de valor assume um carácter primordial, englobando as noções de unidade, entidade concreta e realidade¹.

2.4.2.5. A noção de valor linguístico

Os capítulos anteriores demonstraram-nos a necessidade teórica de esclarecer a noção de valor. Saussure considera a língua como um sistema de valores puros², dominado pela arbitrariedade do signo. A noção de valor irrompe assim num quadro puramente semiológico, uma vez que surge aplicada ao sistema linguístico (Amacker 1975: 156).

Inspirado na economia política (Sánchez 1998: 52), o conceito de valor nasce da relação entre duas coisas dissemelhantes que podemos trocar, mas também de outras duas semelhantes que podemos comparar (Gadet 1987: 64). Estes dois factores são necessários para que exista um valor. No que concerne à linguística, o valor, “prise dans son aspect conceptuel, est sans doute un élément de la signification” (Saussure 2005^a: 158). Mas já foi abordada a questão da significação aquando da definição do signo linguístico, na qual o significado era a contrapartida significativa do significante. Qual é então a relação entre significado, significação e valor? A significação encontra-se na relação entre significante e significado, dentro dos limites da palavra que existe por si própria³. O que torna o signo como unidade fechada sobre si própria é o facto de estabelecer relações com os outros signos, permitindo a sua distinção e diferenciação dos demais. Efectivamente, é pela relação que estabelecem entre si que os signos estabelecem e definem o seu valor no sistema:

Mais voici l'aspect paradoxal de la question: d'un côté, le concept nous apparaît comme le contre-partie de l'image auditive dans l'intérieur du signe, et, de l'autre, ce signe lui-même, c'est-à-dire le rapport qui relie ses deux éléments, est aussi, et tout autant la contre-partie des autres signes de la langue.

Puisque la langue est un système dont tous les termes sont solidaires et où la valeur de l'un ne résulte que de la présence simultanée des autres (*Ibidem*: 159).

¹ “Voilà pourquoi en définitive la notion de valeur recouvre celles d'unité, d'entité concrète et de réalité” (*Ibidem*: 154).

² “La langue ne peut être qu'un système de valeurs pures” (*Ibidem*: 155).

³ “Tout se passe entre l'image auditive et le concept, dans les limites du mot considéré comme un domaine fermé, existant pour lui-même” (*Ibidem*: 158 – 159).

Desta forma, a significação nasce da oposição e delimitação que os signos estabelecem entre si dentro do sistema. Assim, no interior de cada língua, todas as palavras se limitam reciprocamente, o mesmo se passando com os sinónimos:

Dans l'intérieur d'une même langue, tous les mots qui expriment des idées voisines se limitent réciproquement: des synonymes comme *redouter*, *craindre*, *avoir peur* n'ont de valeur propre que par leur opposition; si *redouter* n'existait pas, tout son contenu irait à ses concurrents (*Ibidem*: 160).

Deste modo, o valor de qualquer termo é determinado pelos que dele se aproximam¹. O valor é assim o que torna possível a significação, não só ao nível do plano lexical, como também do plano gramatical. No atinente ao plano lexical, está admitido que as significações são o resultado de limitações recíprocas e, por isso, não há sinónimos absolutos (Gadet 1987: 65), pois cada termo toma a sua extensão dentro dos limites que os outros lhe impõem. Do mesmo modo, relativamente ao plano gramatical, o valor é estabelecido pela limitação recíproca que os signos estabelecem entre si.

Com efeito, o valor é estabelecido por relações e diferenças que se estabelecem no sistema linguístico. Por isso, o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fónicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras.

Si la partie conceptuelle de la valeur est constituée par des rapports et des différences avec les autres termes de la langue, on peut en dire autant de sa partie matérielle. Ce qui importe dans le mot, ce n'est pas le son lui-même, mais les différences phoniques qui permettent de distinguer ce mot de tous les autres, car ce sont elles qui portent la signification (Saussure 2005^a: 163).

Podemos então depreender que o valor é um elemento da significação e esta está na dependência do valor. Por isso, um sistema de valores como a língua não é formado por material fónico-acústico e semântico, mas ele próprio cria e dá forma a termos linguísticos a partir de substâncias, isto é, significados e significantes:

Un système de valeurs n'est pas formé de matériaux phonico-acoustiques et sémantiques (deux substances, deux masses amorphes qui ne comprennent pas en elles les principes de leur organisation), mais il crée, en leur donnant forme, des figures linguistiques à partir de substances (Gadet 1987: 68).

Por isso, a língua é considerada “*une forme et non une substance*” (Saussure 2005^a: 157 e 169), uma vez que a combinação entre o som e o pensamento resulta em forma e não em substância. O que Saussure quer sublinhar é a distinção entre a estrutura da língua enquanto sistema e o seu lado material (Câmara 1995: 55).

¹ “Ainsi la valeur de n'importe quel terme est déterminée par ce qui l'entoure” (*Ibidem*: 160).

2.4.2.6. Relações sintagmáticas e relações associativas

Como vimos, num estado de língua tudo se baseia em relações entre as unidades linguísticas, “ tout repose sur des rapports” (Saussure 2005^a: 170). Estas relações podem desenrolar-se de duas formas distintas, cada uma das quais geradora de uma certa ordem de valores. Estas duas ordens de valores ajudam a compreender a natureza de cada uma e correspondem a duas formas da nossa actividade mental:

Les rapports et les différences entre termes linguistiques se déroulent dans deux sphères distinctes dont chacune est génératrice d’un certain ordre de valeurs; l’opposition entre ces deux ordres fait mieux comprendre la nature de chacun d’eux. Ils correspondent à deux formes de notre activité mentale, toutes deux indispensables à la vie de la langue (*Ibidem*).

Por um lado, no discurso, as palavras estabelecem entre si relações que assentam no carácter linear da língua, que excluem a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes dispõem-se, uns após os outros, na cadeia fónica. Estas relações que têm como suporte a extensão são designadas relações sintagmáticas. Num sintagma, o valor de um termo surge da oposição entre ele e o que o precede, ou que se lhe segue, ou ambos:

Ces combinaisons qui ont pour support l’étendue peuvent être appelées *syntagmes*. Le syntagme se compose donc toujours de deux ou plusieurs unités consécutives (par exemple: *re-lire; contre tous; la vie humaine; Dieu est bon; s’il fait beau temps, nous sortirons, etc.*). Placé dans un syntagme, un terme n’acquiert sa valeur parce qu’il est opposé à ce qui précède ou ce qui suit, ou à tous les deux (*Ibidem*: 170 – 171).

A noção de sintagma aplica-se não somente a palavras, mas também a grupos de palavras e unidades complexas de qualquer dimensão e espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frases, frases inteiras, etc.). No entanto, embora a frase seja o exemplo por excelência do sintagma, ela pertence ao domínio da fala e não da língua. Porém, o sintagma não pertence à fala, mas à língua. Por isso, no domínio do sintagma não há limite definido entre o facto da língua, resultado do uso colectivo, e o facto da fala, que depende da liberdade individual:

La phrase est le type par excellence du syntagme. Mais il appartient à la parole, non à la langue (*Ibidem*: 172).

Mais il faut reconnaître que dans le domaine du syntagme il n’y a pas de limite tranchée entre le fait de langue, marque de l’usage collectif, et le fait de parole, qui dépend de la liberté individuelle (*Ibidem*: 173).

Por outro lado, fora do discurso, as palavras que têm qualquer coisa de comum, associam-se na memória e assim se formam grupos, no seio dos quais se exercem relações

muito diversas. Por exemplo, a palavra *ausente*, ao nível da nossa mente, sugere uma série de outras palavras, como *presente*, *ausente*, *clemente*, etc.. Estas relações são completamente diferentes das sintagmáticas, pois o seu suporte não é a extensão, mas o cérebro; elas fazem parte do tesouro interior que a língua representa para cada indivíduo. Este tipo de relações é apelidado de relações associativas:

D'autre part, en dehors du discours, les mots offrant quelque chose de commun s'associent dans la mémoire, et il se forme ainsi de groupes au sein desquels règnent des rapports très divers. (...) On voit que ces coordinations sont d'une autre espèce que les premières. Elles n'ont pas pour support l'étendue; leur siège est dans le cerveau; elles font partie de ce trésor intérieur qui constitue la langue chez chaque individu. Nous les appellerons *rapports associatifs* (*Ibidem*: 171).

Quando falamos de relações associativas, um termo surge como uma constelação à volta da qual todos os outros termos estão ligados, ou pelo radical, ou pelo sufixo, ou por sinonímia ou antonímia, ou por analogia de significados ou simplesmente por semelhança de imagens acústicas (*Ibidem*: 174).

De acordo com este duplo ponto de vista relativo às relações que se podem estabelecer dentro do sistema, uma unidade linguística é comparável a uma determinada parte de um edifício, a uma coluna, por exemplo. Esta encontra-se, por um lado, numa certa relação com a arquitrave que a suporta, lembrando uma relação sintagmática, pois acontece no espaço. Por outro lado, se essa coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com outras ordens (jónica, coríntia, etc.), que são elementos não presentes no espaço. Esta relação é já associativa (*Ibidem*: 171).

2.4.3. Linguística Diacrónica

Contrariamente à linguística sincrónica, que estuda as relações entre termos coexistentes num estado de língua, a linguística diacrónica estuda as relações que se estabelecem entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo¹.

Como a imobilidade absoluta não existe (*Ibidem*: 193), todos os elementos da língua estão sujeitos à mudança, sendo a evolução mais rápida ou mais lenta, sem nunca se pôr em questão este princípio:

Toutes les parties de la langue sont soumises au changement; à chaque période correspond une évolution plus ou moins considérable. Celle-ci peut varier de rapidité et d'intensité sans que le principe lui-même se trouve infirmé (*Ibidem*).

¹ “La linguistique diachronique étudie (...) [les rapports] entre termes successifs qui se substituent les uns aux autres dans le temps” (*Ibidem*: 193).

Contrariamente a muitas más interpretações do *Cours*, Saussure não defende que a linguagem existe e deve ser estudada separada da história. Para ele, a história, a mudança e a evolução são propriedades inerentes à dinâmica do sistema linguístico:

Saussure does not say that the language system exists ‘apart from history’. On the contrary, he constantly emphasizes history, change, evolution and flux as inherent properties of the dynamics of the system (Thibault 1997: 81).

Não obstante, Saussure argumenta que muitas vezes a evolução da língua é velada pela demasiada atenção que se dá à língua literária, que, muitas vezes, se sobrepõe à língua natural. Devido ao facto de permanecer registada pela escrita, adquire garantia de conservação. Porém, a língua literária não é fiável no que diz respeito ao facto de nos poder informar até que ponto são variáveis as línguas naturais. Por isso, a fonética, entendida por Saussure como a ciência que estuda a evolução dos sons, é o primeiro objecto da linguística diacrónica:

La phonétique, et la phonétique tout entière, est le premier objet de la linguistique diachronique; en effet l’évolution des sons est incompatible avec la notion d’état; comparer des phonèmes ou des groupes de phonèmes avec ce qu’ils ont été antérieurement, cela revient à établir une diachronie (Saussure 2005^a: 194).

Por outro lado, o carácter diacrónico da fonética coaduna-se com o princípio de que o que é fonético não é significativo ou gramatical. Efectivamente, para fazermos a história dos sons de uma palavra, podemos ignorar o seu significado, considerando somente o seu invólucro material.

No entanto, não são apenas os sons que se transformam com o tempo. Também “les mots changent de signification, les catégories grammaticales évoluent; on en voit qui disparaissent avec les formes qui servaient à les exprimer” (*Ibidem*). Convém ainda ressaltar que a evolução de qualquer facto da gramática, grupo associativo ou tipo sintagmático, não é comparável à de um som, é muito mais complexa:

L’évolution d’un fait de grammaire quelconque, groupe associatif ou type syntagmatique, n’est pas comparable à celle d’un son. Elle n’est pas simple, elle se décompose en une foule de faits particuliers dont une partie entre seulement dans la phonétique (*Ibidem*: 196).

Evidentemente, embora a fonética intervenha quase sempre na evolução, ela não pode por si mesma dar uma explicação definitiva, daí a necessidade de uma «história da gramática»:

Si donc la phonétique intervient le plus souvent par un côté quelconque dans l’évolution, elle ne peut l’expliquer tout entière; le facteur phonétique une fois éliminé, on trouve un résidu qui semble justifier l’idée «d’une histoire de la grammaire» (*Ibidem*).

Desta forma, a linguística diacrónica propõe duas perspectivas de abordagem: uma prospectiva, que segue o curso do tempo, e outra retrospectiva, que procura as origens:

Tandis que la linguistique synchronique n'admet qu'une seule perspective, celle des sujets parlants, et par conséquent une seule méthode, la linguistique diachronique suppose à la fois une perspective prospective, qui suit le cours du temps, et une perspective rétrospective, qui le remonte (*Ibidem*: 291).

A perspectiva prospectiva é aquela que se emprega quando se pretende escrever um capítulo qualquer de língua histórica, para desenvolver um ponto da história de uma língua. Para tal, recorre-se a todo o conjunto de documentos de que se dispõe. No entanto, esta maneira de praticar a linguística diacrónica revela-se insuficiente ou inaplicável, pois, para podermos fixar a história de uma língua, em todos os seus pormenores, seguindo o curso do tempo, seria preciso uma infinidade de fotografias da língua, tiradas de momento a momento.

O método retrospectivo conduz-nos ao passado de uma língua, para além dos mais antigos documentos. Esta abordagem utiliza a comparação como forma de reconstituir por indução. Através da comparação de signos diferentes mas da mesma origem, consegue-se entrever a unidade diacrónica que os liga um ao outro; o mesmo acontecendo com as diferentes línguas mas com origem semelhante.

Efectivamente, enquanto a prospecção se baseia na crítica de documentos, a retrospecção exige um método reconstrutivo, que assenta na comparação:

Tandis que la prospection revient à une simple narration et se fonde tout entière sur la critique des documents, la rétrospection demande une méthode reconstructive, qui s'appuie sur la comparaison (*Ibidem*: 292).

2.4.3.1. A fonologia e a fonética

Saussure atribui aos termos *fonologia* e *fonética* um sentido diferente do actual. Para nós, a *fonética* estuda sons de uma língua na sua realização concreta, independentemente da sua função linguística. A *fonologia*, por sua vez, estuda os sons de uma língua do ponto de vista da sua função dentro do sistema de comunicação linguística (Sanders 1979: 36). A *fonologia* é, portanto diferente da *fonética*. Saussure, pelo contrário, chama *fonologia* à fisiologia dos sons, e *fonema* à soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatorios, uma vez que a *fonética* aparece ligada à linguística histórica, pois estuda as evoluções dos sons:

La physiologie des sons (...) est souvent appelée «phonétique» (...). Ce terme nous semble

impropre; nous le remplaçons par celui de *phonologie*. Car *phonétique* est d'abord désigné et doit continuer à désigner l'étude des évolutions des sons; l'on ne saurait confondre sous un même nom deux études absolument distinctes. La phonétique est une science historique; elle analyse des événements, des transformations et se meut dans le temps. La phonologie est en dehors du temps, puisque le mécanisme de l'articulation reste toujours semblable à lui-même (Saussure 2005^a: 55 – 56).

Por isso, a *fonética* é uma das partes essenciais da ciência da linguagem. A *fonologia* “n'en est qu'une discipline auxiliaire et ne relève que de la parole” (*Ibidem*: 56). No entanto, esta última disciplina é útil para o linguista, pois permite-lhe representar os sons articulados, não os confundindo com as letras desenhadas graficamente. Relativamente à escrita fonológica, Saussure estabelece, desde logo, que esta deve responder a uma exigência primordial: ela “doit viser à représenter par un signe chaque élément de la chaîne parlée” (*Ibidem*: 57). Deste modo, esta forma de representar os sons evitará equívocos atinentes a confusões na escrita gráfica das palavras.

Partindo da sua teoria da importância da delimitação dos sons na cadeia da fala segundo a impressão acústica, Saussure vai estabelecer uma série de princípios de *fonologia*.

2.4.3.1.1. Princípios de fonologia

Para Saussure, é na cadeia acústica que se diferenciam os sons, uma vez que só assim podemos perceber se um som se mantém semelhante ou não semelhante a si próprio enquanto algo homogêneo¹. Sob este ponto de vista, o alfabeto grego surge como alvo de admiração, pois cada som simples é representado por um só símbolo gráfico. Desta forma, a delimitação dos sons da cadeia assenta na impressão acústica. Todavia, para fazer a sua descrição, o linguista ter-se-á que basear no acto articulatorio, isto é, tem de recorrer aos movimentos da fonação, uma vez que as unidades acústicas tomadas na sua própria cadeia não são analisáveis (Mounin 1971: 111).

Assim, na produção dos sons, os factores que podem entrar em jogo são a expiração, a articulação bucal, a vibração da laringe e a ressonância nasal. Os dois primeiros factores enumerados são, para Saussure, “constants, nécessaires et suffisants pour la production du son” (Saussure 2005^a: 69). Os outros dois, por outro lado, podem faltar ou acrescentar-se aos primeiros (*Ibidem*). Será, portanto, necessário estabelecer para cada fonema qual a sua articulação bucal, se comporta um som laríngeo ou não, se tem ressonância nasal ou não, etc..

Neste seguimento, Saussure classifica primeiramente os sons segundo a sua articulação

¹ “C'est dans la chaîne de la parole entendue que l'on peut percevoir immédiatement si un son reste ou non semblable à lui-même; tant qu'on a l'impression de quelque chose d'homogène, ce son est unique” (*Ibidem*: 64).

bucal, isto é, segundo o ponto de articulação. Começa por afirmar que “*quelle que soit la place de l’articulation, elle présente toujours une certaine aperture*” (*Ibidem*: 70). Os sons serão assim classificados indo da abertura mínima à abertura máxima, sendo agrupados em sete categorias designadas pelos algarismos *0,1,2,3,4,5,6*. No fundo, os princípios de fonologia que Saussure nos expõe são classificados primordialmente de acordo com o seu grau de abertura (Sanders 1979: 37). Embora afirmando que não concorda com a terminologia corrente, que considera ilógica e imperfeita, Saussure seguirá os seus termos: guturais, palatais, dentais, líquidas, etc., embora considere que eles “*sont tout plus ou moins illogiques*” (Saussure 2005^a: 70). Por último, no interior de cada articulação, os diferentes fonemas serão distinguidos pelo som laríngeo ou ressonância nasal, cuja ausência ou presença será um elemento de diferenciação.

Deste modo, para a *abertura zero*, Saussure aponta as *oclusivas*. Este grupo compreende todos os fonemas obtidos pelo fechamento total e momentâneo da cavidade bucal. Segundo este ponto de articulação, podem distinguir-se três tipos de oclusivas: o tipo labial (*p, b, m*), o tipo dental (*t, d, n*) e o tipo gutural (*k, g, ŋ*). O primeiro articula-se com os dois lábios; no segundo, a extremidade da língua toca os alvéolos; e no terceiro caso, o dorso da língua entra em contacto com o pós-palato. Acrescente-se ainda que as nasais *m, n* e *ŋ* são oclusivas sonoras nasalizadas (*Ibidem*: 71 -72).

Relativamente à *abertura um*, respeitante às *fricativas* ou *espirantes*, esta é caracterizada por uma oclusão incompleta da cavidade bucal, permitindo a passagem de ar. Aqui Saussure aponta as labiodentais, produzidas pela aproximação do lábio inferior e dos dentes, *f* e *v*; as dentais, que divide em algumas variedades de acordo com a forma que toma a extremidade da língua no estreitamento; enuncia ainda a existência de nasalidade nas fricativas, como no exemplo *inventar* (*Ibidem*: 72 -73).

No atinente à *abertura dois*, Saussure faz corresponder as *nasais* anteriormente apontadas (*Ibidem*: 72).

No que concerne à *abertura três*, encontramos as *líquidas*, nas quais se podem distinguir dois tipos de articulação. Por um lado, temos a articulação lateral, na qual a língua se apoia na parte anterior do palato, mas deixando uma abertura à direita ou à esquerda. Segundo este ponto de articulação, distinguimos o *l* dental, o *λ* palatal e o *l* gutural ou velar. Por outro lado, temos a articulação vibrante, na qual a língua aproxima-se menos do palato do que no *l*, mas vibra. Esta vibração pode ser produzida ou com a ponta da língua aplicada à frente sobre os alvéolos (*r* apical), ou atrás, com a parte posterior da língua (*r* uvular) (*Ibidem*: 74 – 75).

No que diz respeito à *abertura quatro*, entramos num outro domínio. Saímos das

consoantes e passamos a tratar das vogais. Para Saussure, a fórmula de uma vogal é exactamente comparável à de qualquer consoante sonora. Assim, na *abertura quatro* incluem-se as vogais *i, u e y*. Estes sons supõem um fechamento considerável, bastante próximo do das consoantes. Por isso, estes fonemas aparecerão mais tarde com o nome de *semivogais* (*Ibidem*: 75 – 76).

Na *abertura cinco*, encontramos *e, o e ø* cuja articulação corresponde respectivamente à de *i, u e y*. Saussure admite ainda a existência de vogais nasalizadas (*Ibidem*: 76).

Por último, a *abertura seis* corresponde ao *a*, enquanto abertura máxima e tendo também uma forma nasalizada, mas um pouco mais fechada; *ã* (como por exemplo em *grande*) e uma forma surda (como em *ha*). Também aqui Saussure admite dois graus de abertura para a vogal oral (*par e para*) (*Ibidem*).

Em suma, Saussure apresenta-nos uma classificação dos sons de acordo com o seu grau de abertura, pois através deste poderá distinguir os diferentes sons, considerando-os, acima de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas (*Ibidem*: 168). Partindo destes princípios de fonologia, Saussure aborda a questão da delimitação da sílaba (Sanders 1979: 37). Começando por criticar a teoria da silabação de Sievers; Saussure faz a sua própria análise, distinguindo a sílaba do ponto vocálico. A sílaba será então o momento que une uma implosão e uma explosão ou vice-versa, sendo que a implosão é o fechamento e a explosão a abertura. A partir daqui, Saussure estabelece a diferenciação entre sílaba e ponto vocálico (Saussure 2005^a: 86 – 87). Ao ponto vocálico chamou também sonante, chamando consoantes “*tous lessons précédents ou suivants de la même syllabe*” (*Ibidem*: 87). Por último, distinguiu ainda, neste seguimento, os termos vogal e consoante (*Ibidem*).

2.4.3.1.2. As modificações fonéticas

As modificações fonéticas não ocorrem ao nível das palavras, mas dos sons¹. Como a língua é um sistema, embora só se altere um som enquanto acontecimento isolado, tal como todos os acontecimentos diacrónicos, este tem como consequência afectar todo o sistema, uma vez que irá afectar todas as palavras onde esse som figurar. Neste sentido, Saussure considera que todas as modificações fonéticas são absolutamente regulares:

C'est un phonème qui se transforme: événement isolé, comme tous les événements diachroniques, mais qui a pour conséquence d'altérer d'une façon identique tous les mots où figure le phonème en question; c'est en ce sens que les changements phonétiques sont

¹ “ le changement phonique n'atteint pas les mots, mais les sons” (*Ibidem*: 198).

absolutement réguliers (*Ibidem*: 198).

Todavia, estas modificações fonéticas raramente são absolutas, pois não é a espécie fonológica que se transforma, mas o fonema tal como se apresenta no que diz respeito à sua posição na palavra, na sílaba, acentuação, etc.. Por isso, Saussure argumenta que a divisão das modificações em absolutas e condicionais assenta numa visão superficial das coisas, preferindo falar em fenómenos fonéticos espontâneos e combinatórios (*Ibidem*: 199). Os fenómenos fonéticos espontâneos são produzidos por uma causa interna; os combinatórios resultam da presença de um ou vários outros fonemas. Saussure exemplifica afirmando que a passagem do o indo-europeu ao a germânico é um facto espontâneo. Por sua vez, a passagem do latim ct, pt ao italiano tt é um facto combinatório, uma vez que o primeiro elemento foi assimilado ao segundo:

Ainsi le passage de *o* indo-européen à *a* germanique (cf. got. *Skadus*, all. *Hals*, etc.) est un fait spontané. Les mutations consonantiques ou «*Lautverschiebungen*» du germanique sont le type de changement spontané (...). Au contraire, le passage de lat. *ct*, *pt* à italien *tt* (cf. *factum* – *fatto*, *captivum* – *cattivo*) est un fait combinatoire, puisque le premier élément a été assimilé au second (*Ibidem*: 199 – 200).

Consequentemente, se um facto fonético é combinatório, é sempre condicional; mas se é espontâneo, não é necessariamente absoluto, pois pode ser condicionado negativamente pela ausência de certos factores de modificação.

Relativamente às causas das modificações fonéticas, Saussure começa por enumerar as comumente aceites, nomeadamente:

- a raça tem predisposição para traçar antecipadamente a direcção das modificações fonéticas;
- as modificações fonéticas resultam como de uma adaptação ao solo e ao clima;
- a lei do menor esforço ou da economia;
- as modificações de pronúncia são resultado da nossa educação fonética na infância;
- o estado geral da nação em determinado momento;
- a influência do substrato linguístico anterior;
- a influência da moda.

Todas as estas hipóteses são refutadas por Saussure, que considera que entram em diversos domínios, sem, no entanto, conseguirem explicar as causas das mudanças fonéticas. Porém, Saussure não acrescenta mais nenhuma, ficando pela simples nomeação das anteriormente citadas.

Já no atinente às consequências das modificações fonéticas, o linguista afirma que “on voit très vite qu’il est illimité et incalculable, c’est-à-dire qu’on ne peut pas prévoir où ils

s'arrêteront” (*Ibidem*: 208). Esta característica das modificações fonéticas está ligada à arbitrariedade do signo linguístico, pois um som pode evoluir, sem entretanto sermos capazes de dizer antecipadamente até que ponto ele chegará para se tornar irreconhecível. Por outro lado, as modificações fonéticas atingem qualquer espécie de signo, sem fazer distinções entre o adjetivo, o nome, o verbo, etc., entre o radical, um sufixo, uma desinência, etc.. De facto, se a gramática interviesse, o fenómeno fonético confundir-se-ia com a sincronia, o que seria impossível:

Le phénomène phonétique est encore illimité et incalculable en ce sens qu'il atteint n'importe quelle espèce de signe, sans faire de distinction entre un adjectif, un substantif, etc., entre un radical, un suffixe, une désinence, etc. Il doit en être ainsi a priori, car si la grammaire intervenait, le phénomène se confondrait avec le fait synchronique, chose radicalement impossible (*Ibidem*: 209).

É então nesta perspectiva que os fenómenos fonéticos não são detidos por nenhum limite, provocando, deste modo, “une perturbation profonde dans l'organisme grammatical” (*Ibidem*: 210). Efectivamente, uma primeira consequência da mudança fonética é a ruptura do laço gramatical que une dois ou vários termos, nomeadamente no que diz respeito à ideia de que uma palavra é derivada de outra. Perde-se também a noção de compostos e derivados, uma vez que a palavra se torna um todo indivisível.

Por outro lado, o linguista de Genebra defende que para cada forma há uma só evolução, contrariando o postulado de que uma unidade primitiva pode evoluir em duas direcções divergentes e produzir duas formas (como no caso da palavra latina *oculum*, que originou em português *olho* e *óculo*). Para Saussure, uma delas – a última – seria um empréstimo, caso contrário contrariar-se-ia a própria definição de modificação fonética:

Quand on constate l'identité relative de bas lat. *barō*: *barōnem* et la disparité de v. franç. *ber*: *baron*, n'est-on pas tenté de dire qu'une seule et même unité primitive (*bar-*) s'est développée dans deux directions divergentes et a produit deux formes? Non, car une même élément ne peut pas être soumis simultanément et dans un même lieu à deux transformations différentes; ce serait contraire à la définition même du changement phonétique. Par elle-même, l'évolution des sons n'a pas vertu de créer deux formes au lieu d'une (*Ibidem*: 214).

En fait on ne constate nulle part de doublets phonétiques. L'évolution des sons ne fait qu'accentuer des différences existant avant elle. Partout où ces différences ne sont pas dues à des causes extérieures comme c'est le cas pour les emprunts, elles supposent des dualités grammaticales et synchroniques absolument étrangères au phénomène phonétique (*Ibidem*: 215).

Por outro lado, Saussure acrescenta que, do mesmo modo que o fenómeno fonético não explica por si só os pares de palavras divergentes, ele também não é a causa da alternância. “C'est une erreur, partagée par beaucoup de linguistes, de croire que l'alternance est d'ordre phonétique (...) elle appartient toujours à la grammaire et à la synchronie” (*Ibidem*: 217).

Em suma, podemos dizer que a modificação fonética é imprevisível e afecta somente elementos isolados. No entanto, como estes fazem parte de um todo – o sistema da língua – afectam também a língua, uma vez que é um sistema de interrelações. Portanto, tal como no jogo de xadrez, que após uma jogada se redefinem as posições e o valor de cada peça no tabuleiro, o sistema linguístico vai passar de um estado de equilíbrio a um outro estado, no qual se vão redefinir as relações e o valor dos seus elementos. Portanto, embora considere que “le phénomène phonétique est un facteur de trouble” (*Ibidem*: 221), não há rupturas na língua, mas continuidade, pois a língua permanece a mesma.

2.4.3.1.3. A analogia

O efeito perturbador das transformações fonéticas é contrabalançado pela analogia¹. Efectivamente, de acordo com o *Cours*, é devido à acção da analogia que ocorrem todas as modificações normais do aspecto exterior das palavras que não sejam de natureza fonética. A analogia implica um modelo e sua imitação regular. Por isso, uma forma analógica “suppose un modèle et son imitation régulière. Une forme analogique est une forme faite à l’image d’une au plusieurs autres d’après une règle déterminée” (*Ibidem*: 221).

Para explicar o fenómeno analógico, é então fornecido um exemplo latino como sendo analógico – o nominativo *honor*. Depois argumenta: primeiro dizia-se *honos*, *honosem*; depois por rotacismo do *s*, *honos*, *honorem*. O radical passava assim a ter uma dupla forma. Eliminou-se então essa dualidade pela nova forma *honor*, criada seguindo o modelo *orator*, *oratore*. Desta forma, a analogia unificava de novo as formas e restabelecia a regularidade:

On voit donc que, pour contrebalancer l’action diversifiant du changement phonétique (*honos: honorem*), l’analogie a de nouveau unifié les formes et rétabli la régularité (*hono: honorem*) (*Ibidem*: 222).

Do mesmo modo, existem casos na língua francesa, na portuguesa, etc..

Tal como afirmou relativamente às modificações fonéticas, Saussure aponta que, tendo em conta que a analogia se exerce em favor da regularidade, tendendo a unificar os processos de formação e de flexão, não podemos dizer de antemão até onde se estenderá a imitação de um modelo, nem quais são os tipos destinados a provocar o fenómeno analógico, pois nem sempre são as formas mais numerosas que desencadeiam a analogia. Muitas vezes, duas ou três palavras isoladas bastam para criar uma forma geral:

¹ “Heureusement l’effet de ces transformations est contrebalance par l’analogie” (*Ibidem*: 221).

L'analogie s'exerce en faveur de la régularité et tend à unifier les procédés de formation et de flexion. (...) Ainsi on ne peut pas dire d'avance jusqu'où s'étendra l'imitation d'un modèle, ni quels sont les types destinés à la provoquer. Ainsi ce ne sont pas toujours les formes les plus nombreuses qui déclenchent l'analogie. (...) Souvent, deux ou trois mots isolés suffisent pour créer une forme générale, une désinence (*Ibidem*: 222 – 223).

Saussure esclarece ainda que os fenómenos da analogia não são modificações. Enquanto a modificação fonética não introduz nada de novo sem eliminar o precedente, a forma analógica não provoca necessariamente o desaparecimento da que substitui. Por isso, *honōr* e *honōs* coexistiram durante algum tempo e puderam ser empregadas uma em vez da outra. Todavia, como a língua repugna manter dois significantes para a mesma ideia, a forma primitiva, como menos regular, acaba por cair e desuso:

Tandis que le changement phonétique n'introduit rien de nouveau sans annuler ce qui a précédé (*honōrem* remplace *honōsem*), la forme analogique n'entraîne pas nécessairement la disparition de celle qu'elle vient doubler. *Honōr* et *honōs* ont coexisté pendant un temps et ont pu être employés l'un pour l'autre. Cependant, comme la langue répugne à maintenir deux signifiants pour une seule idée, le plus souvent la forme primitive, moins régulière, tombe en désuétude et disparaît (*Ibidem*: 224).

Portanto, a inovação analógica e a eliminação da forma antiga são duas coisas distintas, não havendo qualquer transformação. Por vezes, a analogia produz formas que nada substituem (*Ibidem*: 225). Por isso, a analogia surge no *Cours* como princípio de criação na língua, uma vez “son principe se confond tout simplement avec celui des créations linguistiques en général” (*Ibidem*: 226). Neste seguimento, procura-se então definir o que é e em que consiste a analogia.

Esta é de ordem psicológica, mas também gramatical e é devido a esta última ordem de factos que a analogia supõe que se conheça e que se compreenda a existência de uma relação que une as formas entre si. Enquanto que a ideia não interessa ao fenómeno fonético, a sua intervenção é necessária na analogia. Deste modo, “tout est gramatical dans l'analogie” (*Ibidem*: 226).

Por outro lado, a analogia remete-nos, mais uma vez, para a distinção língua / fala, pois qualquer criação analógica pertence, em primeiro lugar, à fala, já que é introduzida por um indivíduo. Por outro lado, qualquer criação deve ser precedida por uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua:

La création qui en est l'aboutissement ne peut appartenir d'abord qu'à la parole, elle est œuvre occasionnelle d'un sujet isolé. (...) L'analogie nous apprend donc une fois de plus à séparer la langue de la parole (...). Toute création doit être précédée d'une comparaison inconsciente des matériaux déposés dans le trésor de la langue où les formes génératrices sont rangées selon leurs rapports syntagmatiques et associatifs (*Ibidem*: 227).

De facto, para Saussure, nada entra na língua sem antes ter sido experimentado na fala e todos os fenómenos evolutivos têm origem no indivíduo, o mesmo se passando com as inovações analógicas (*Ibidem*: 231). Efectivamente, a língua contém em si todas as possibilidades de uso da fala e também das formações analógicas. No fundo, tal como se conclui no *Cours*, a analogia não é mais que uma interpretação que distingue as unidades para, em seguida, as utilizar, sendo, por isso, totalmente gramatical e sincrónica:

En résumé, l’analogie, prise en elle-même, n’est qu’un aspect du phénomène d’interprétation, une manifestation de l’activité générale qui distingue les unités pour les utiliser ensuite. Voilà pourquoi nous disons qu’elle est tout entière grammaticale et synchronique (*Ibidem*: 227 – 228).

Não obstante, nem todos os fenómenos analógicos são adoptados e subsistem na língua. Por exemplo, as crianças adoptam uma série de analogias, visto que conhecem mal os hábitos linguísticos. Por isso, dizem *fazi* por *fiz*, *morrido* por *morto*, etc.. Porém, também, por vezes adultos criam analogias, como ao substituírem *entreti-me* por *entretive-me*, *manti* por *mantive*. Todos estes exemplos são inovações analógicas. No entanto, a língua “ne retient qu’une minime partie des créations de la parole” (*Ibidem*: 232).

No fundo, o efeito mais importante da analogia é substituir as antigas formações por outras mais normais, compostas de elementos vivos na língua:

Ainsi l’effet le plus sensible et le plus important de l’analogie est de substituer à d’anciennes formations, irrégulières et caduques, d’autres plus normales, composées d’éléments vivants (*Ibidem*: 324).

Por isso, a história de cada língua permite discernir uma larga panóplia de factos analógicos acumulados uns sobre os outros. Não obstante, as inovações da analogia são mais aparentes do que reais. Para o linguista de Genebra, a língua é um vestido coberto de remendos feitos com o seu próprio tecido, pois a inovação, na maioria dos casos, surge a partir dos elementos antigos presentes na língua. Desta forma, a analogia é um factor de conservação da língua:

Les innovations de l’analogie sont plus apparentes que réelles. La langue est une robe couverte de rapiécages faits avec sa propre étoffe. (...) L’immense majorité des mots sont, d’une manière ou d’une autre, des combinaisons nouvelles d’éléments phoniques arrachés à des formes plus anciennes. Dans ce sens, on peut dire que l’analogie, précisément parce qu’elle utilise toujours la matière plus ancienne pour ces innovations, est éminemment conservatrice (*Ibidem*: 235 – 236).

Por último, para uma melhor delimitação do conceito analogia, Saussure estabelece a distinção entre esta e etimologia popular e aglutinação. Assim, embora à primeira vista a etimologia popular não se distinga bem da analogia, elas são diversas. Para o linguista de Genebra, a grande diferença reside no facto de as construções da analogia serem racionais,

enquanto que a etimologia popular procede um pouco ao acaso, provocando transições bruscas e, por vezes, inexplicáveis (*Ibidem*: 238). De facto, apesar de ambas utilizarem elementos significativos fornecidos pela língua, a analogia supõe o esquecimento da forma anterior para que a nova prevaleça; por outro lado, a analogia não vai buscar nada à substância das palavras que substitui. Pelo contrário, a etimologia popular reduz-se a uma interpretação da forma antiga; é a recordação da forma antiga que constitui o ponto de partida para a deformação que sofre. É o caso, por exemplo, de *terçol*, que se tornou *terçolho* por influência de *olho*. Desta forma, a etimologia popular só actua em palavras raras, técnicas ou estrangeiras, que os sujeitos assimilam imperfeitamente. Por sua vez, a analogia pertence ao funcionamento normal da língua:

L'étymologie populaire n'agit donc que dans des conditions particulières et n'atteint que les mots rares, techniques ou étrangers, que les sujets s'assimilent imparfaitement. L'analogie est, au contraire, un fait absolument général, qui appartient au fonctionnement normal de la langue (*Ibidem*: 241).

No atinente à aglutinação, esta é também considerada um factor que intervém na produção de novas unidades. A aglutinação consiste, pois, no facto de dois ou vários termos, originariamente distintos, mas que se encontravam usualmente em sintagma no seio da frase, se unirem numa unidade absoluta. É o caso, por exemplo, de *filho de algo – fidalgo; outra hora – outrora; etc..* O contraste entre a analogia e a aglutinação é, por isso, evidente. Em primeiro lugar, enquanto que na aglutinação duas ou várias unidades se confundem numa só por síntese, ou também, duas sub-unidades passam a formar uma só; a analogia, pelo contrário, parte de unidades inferiores para delas fazer uma superior. Em segundo, a aglutinação actua somente na esfera sintagmática; pelo contrário, a analogia faz apelo às séries associativas tanto como aos sintagmas. Por último, a aglutinação nada tem de voluntário e de activo, é um simples processo mecânico em que a união se faz naturalmente. Pelo contrário, a analogia supõe análises e combinações e uma intenção.

Muitas vezes é difícil dizer se uma forma nasceu por aglutinação ou se surgiu como construção analógica porque estamos longe do momento em que a forma foi criada. Por outro lado, tal como surge em nota de rodapé no *Cours*, “ces deux phénomènes combinent leur action dans l’histoire de la langue; mais l’agglutination précède toujours, et c’est elle qui fournit des modèles à l’analogie” (*Ibidem*: 244).

Em suma, a analogia surgiu, a par das modificações fonéticas, como factor de evolução das línguas com a Escola dos Neogramáticos, que a consideravam o processo pelo qual as línguas passavam de um estado de evolução a outro. Antes dos neogramáticos, os linguistas não haviam compreendido o fenómeno da analogia, apelidando-a de «falsa analogia», pois

para eles tudo o que se afastava da ordem preexistente era uma infração, uma irregularidade. Efectivamente até ali, a língua no seu estado original e primitivo era considerada algo de superior e de perfeito e toda a liberdade que se tomasse perante ela era uma «anomia». A partir de Saussure, a analogia passa a ser considerada, mais do que factor de inovação, como um processo essencial para conservar a língua como sistema (Câmara Jr. 1986: 106 e Gadet 1987: 111).

2.5. A linguística geográfica

A linguística geográfica implica a questão das relações dos fenómenos linguísticos no espaço. Entramos assim no domínio da linguística externa. O que sobressai, desde logo, no estudo das línguas é a sua diversidade, as diferenças linguísticas que surgem de país para país e mesmo de região para região. Desta forma, a diversidade geográfica foi a primeira verificação que se fez em linguística.

Depois de se verificar a existência de diversos idiomas, procurou-se descobrir as analogias entre eles. A observação das suas semelhanças e/ou diferenças permitiu afirmar que, em alguns casos, dois ou mais idiomas eram muito semelhantes, considerando-se que existia uma espécie de laço de parentesco entre eles, isto é, tinham uma origem comum. Um grupo de línguas nestas condições é então designado por uma família de línguas e, hoje em dia, a linguística moderna reconhece as famílias de línguas indo-europeia, semítica, banto, etc.:

L'observation scientifique de ces analogies permet d'affirmer dans certains cas que deux ou plusieurs idiomes sont unis par un lien de parenté, c'est-à-dire qu'ils ont une origine commune. Une groupe des langues ainsi rapprochées s'appelle une famille; la linguistique moderne a reconnu successivement les familles indo-européenne, sémitique, bantoue, etc. (Saussure 2005^a: 262).

No entanto, ao lado desta diversidade de parentesco, existe também uma diversidade absoluta, sem parentesco reconhecido. Estas diversidades linguísticas têm como causa principal, para Saussure, não o espaço físico, mas o tempo. “On oublie le facteur temps, parce qu'il est moins concret que l'espace; mais en réalité, c'est de lui que relève la différenciation linguistique. La diversité géographique doit être traduite en diversité temporelle” (*Ibidem*: 271). Por isso, a unidade dos idiomas da mesma língua só se encontra no tempo¹. Efectivamente, é a partir da acção do tempo num território que surgem os dialectos, que são

¹ “L'unité des idiomes apparentés ne se retrouve que dans le temps” (*Ibidem*: 272).

de difícil delimitação, em diferentes regiões.

Todavia, para Saussure, é difícil dizer em que consiste a diferença entre uma língua e um dialecto e, por isso, afirma que é tão difícil estabelecer as fronteiras entre línguas da mesma família como entre dialectos, sendo que a extensão do território é indiferente¹.

Tal como interroga Saussure, como se poderia representar um limite linguístico preciso num território que, de um extremo ao outro, está coberto de dialectos gradualmente diferenciados. Por outro lado, tal como os dialectos são apenas subdivisões arbitrárias da superfície total da língua, também o limite que se estabelece para separar duas línguas só pode ser convencional (*Ibidem*: 279).

Portanto, o objectivo da comparação linguística não é uma operação mecânica, implica que se ponham lado a lado todos os dados linguísticos para depois fornecer uma explicação. No fundo, a comparação visa sempre uma reconstrução das formas. O objectivo das reconstruções não é restituir uma forma por si mesma, mas chegar a conclusões quanto ao sistema geral de uma língua ou línguas:

Le but des reconstructions n'est donc pas de restituer une forme pour elle-même, ce qui serait d'ailleurs assez ridicule, mais de cristalliser, de condenser un ensemble de conclusions que l'on croit justes, d'après les résultats qu'on a pu obtenir à chaque moment; en un mot, d'enregistrer les progrès de notre science. (...) D'ailleurs, même si la reconstruction restait sujette à révision, on ne saurait s'en passer pour avoir une vue sur l'ensemble de la langue étudiée, sur le type linguistique auquel elle appartient (*Ibidem*: 301).

Desta forma, podemos dizer que conseguimos fazer reconstruções linguísticas e agrupar a diversidade de línguas em famílias de línguas, porque qualquer língua é uma continuação do que se falava antes dela e assim sucessivamente (*Ibidem*: 296).

2.6. Representação da língua pela escrita

Uma vez que o objecto de estudo primeiro da linguística é a língua, o linguista tem necessidade de estudar a representação da língua através da escrita, visto lidarmos com a língua muitas vezes através da escrita e também porque, por vezes, esta é o único meio de acesso a uma língua (como é o caso das línguas mortas). Por isso, ainda que a escrita seja alheia ao sistema interno da língua, é impossível não considerarmos este processo pelo qual a língua está continuamente representada:

¹ “On ne peut pas plus établir de frontières entre langue parentes qu’entre dialectes; l’étendue du territoire est indifférente” (*Ibidem*: 278).

Ainsi, bien que l'écriture soit en elle-même étrangère au système interne, il est impossible de faire abstraction d'un procédé par lequel la langue est sans cesse figurée; il est nécessaire d'en connaître l'utilité, les défauts et les dangers (*Ibidem*: 44).

Efectivamente, a língua e a escrita são dois sistemas de sinais distintos, sendo que a única razão de ser do segundo é o facto de representar o primeiro. Embora o objecto da linguística não seja definido pela combinação da palavra escrita com a falada, uma vez que esta última é que é a verdadeira língua, enquanto objecto de estudo, a palavra escrita é comumente associada à palavra falada de que é imagem. Acaba-se, dessa forma, por dar tanta ou mais importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. Para clarificar esta afirmação, Saussure utiliza a comparação com o facto de se acreditar que, para se conhecer alguém, mais vale olhar uma fotografia do que um rosto. No fundo, estamos perante uma ilusão.

Da mesma forma, também muitos acreditam que um idioma se modifica mais rapidamente quando não há escrita. Na perspectiva de Saussure, nada mais falso (*Ibidem*: 45). Para o linguista, a escrita pode, em algumas ocasiões, atrasar as modificações de uma língua, mas a sua conservação não fica de modo nenhum comprometida pela ausência de escrita:

Ainsi l'on croit communément qu'un idiome s'altère plus rapidement quand l'écriture n'existe pas: rien de plus faux. L'écriture peut bien, dans certaines conditions, ralentir les changements de la langue, mais inversement, sa conservation n'est pas nullement compromise par l'absence d'écriture (*Ibidem*: 45).

Saussure afirma então que a língua é independente da escrita¹. De facto, tal como o *Cours* considera, o erro dos primeiros linguistas foi não estabelecerem a distinção nítida entre a língua e a escrita. Bopp aparece como um exemplo daqueles que não faziam a distinção entre a letra e o som, levando a crer que uma língua é inseparável do seu alfabeto.

Todo este prestígio da escrita é explicado no *Cours* a partir de quatro argumentos. Num primeiro ponto, a escrita, enquanto imagem gráfica das palavras, surge-nos como algo permanente e sólido, mais próprio que o som para constituir a unidade da língua através dos tempos. Num segundo ponto, a escrita, constituindo como impressões visuais, é, para a maioria dos indivíduos, mais nítida e duradoura do que as impressões acústicas. Num terceiro ponto, a língua literária surge como um factor que aumenta a importância da escrita, pois na escola é o livro que domina. Por último, quando há um desacordo entre a língua e a ortografia, a forma escrita prevalece:

Enfin, quand il y a un désaccord entre la langue et l'orthographe, le débat est toujours

¹ “Cela seul suffit pour montrer combien la langue est indépendante de l'écriture” (*Ibidem*: 45).

difficile à trancher pour tout autre que le linguiste; mais comme celui-ci n'a pas vu au chapitre, la forme écrite a presque fatalement le dessus, parce que toute solution qui se réclame d'elle est plus aisée; l'écriture s'arroge de ce chef une importance à laquelle elle n'a pas droit (*Ibidem*: 47).

As causas que explicam o desacordo entre a grafia e a pronúncia são inúmeras, limitando-se Saussure a enumerar apenas algumas. A primeira e grande causa reside no facto de “la langue évolue sans cesse, tandis que l'écriture tend à rester immobile” (*Ibidem*: 48). Por isso, a grafia acaba por não corresponder ao que deve representar. Outra causa do referido desacordo diz respeito ao facto de quando um povo recebe o alfabeto de outro, acontecendo muitas vezes que o sistema gráfico não se coaduna com a sua nova função. Por isso, depois recorre-se a outros expedientes, como, por exemplo, o uso de duas letras para representar um só som. Por último, a preocupação etimológica, que caracterizou certas épocas, impôs certos princípios na grafia, independentemente de serem os mais correctos ou não.

Obviamente os efeitos deste desacordo são inumeráveis, sendo de destacar o facto de existir uma multiplicidade de letras para exprimir o mesmo som, o uso de consoantes duplas (*ll* ou *tt*), que só se utilizam para indicar que a vogal que precede é aberta ou fechada. O resultado de tudo isto é, tal como se afirma no *Cours*, “que l'écriture voile la vue de la langue: elle n'est pas un vêtement, mais un travestissement” (*Ibidem*: 51-51). Por outro lado, “l'écriture représente ce qu'elle doit représenter, plus se renforce la tendance à la prendre pour base; les grammairiens s'acharnent à attirer l'attention sur la forme écrite” (*Ibidem*: 52).

Por fim, Saussure aponta que a escrita influencia a língua e a modifica, acontecendo em maior número nos idiomas mais literários, nos quais o documento escrito tem um papel preponderante:

Mais la tyrannie de la lettre va plus loin encore: à force de s'imposer à la masse, elle influe sur la langue et la modifie. Cela n'arrive que dans les idiomes très littéraires, où le document écrit joue un rôle considérable (*Ibidem*: 53).

3. *Écrits de linguistique générale*

O pensamento saussureano tem sido explorado mormente através de algumas poucas notas que Saussure deixou escritas, notas dos seus estudantes e discípulos e, maioritariamente, através *Cours de linguistique générale* (1916), redigido por Charles Bally e Albert Sechehaye após a sua morte e partindo essencialmente das fontes atrás enunciadas. É com base nestes textos que se tem aclamado a linguística geral de Saussure.

Porém, em 1996, foram descobertos, numa divisão, apelidada *Orangerie*, da antiga casa de Saussure em Genebra, um conjunto de manuscritos sob o título de «livre sur la linguistique générale». Este poderá ser aquele livro sobre a linguagem e linguística geral que Saussure se proporia escrever, tal como se verifica nas afirmações dos *Écrits*: “Car si ce livre est vrai, il montre avant tout qu’il est profondément faux de s’imaginer qu’on puisse faire une synthèse radieuse de la langue” (Saussure 2002: 95). Tal como consideram os editores destes manuscritos – Simon Bouquet e Rudolf Engler - a obra *Écrits de linguistique générale* pode lançar um novo olhar sobre o pensamento linguístico de Saussure. São assim publicados pela primeira vez na presente edição da referida obra em 2002, juntamente com outro conjunto de escritos saussureanos sobre linguística geral guardados na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra.

Portanto, graças a estes textos, pode e deve fazer-se uma nova leitura do ideário linguístico de Ferdinand de Saussure, obrigando-nos a rever o pensamento fixado pelo *Cours de linguistique générale* em e a partir de 1916. Tal como consideram Bouquet e Engler (2002: 9), o linguista genebrino aparece nestes manuscritos essencialmente como um epistemólogo e filósofo da linguagem. Por isso, a reflexão saussureana enfoca em dois estratos, descurados por Bally e Sechehaye: primeiro, uma epistemologia da gramática comparada baseada na epistemologia do século XIX; e, segundo, um filosofia da linguagem a partir da epistemologia do século XVIII. Tendo por base estes dois estratos, reorganizar-se-ia uma ciência da linguagem que deveria tratar, em sincronia, do lado semântico da linguagem, e a gramática comparada, diacronicamente, deveria abordar o lado fonológico. De acordo com esta perspectiva, a linguística abordaria a morfologia, a lexicologia, a sintaxe, a retórica e a estilística. Por outro lado, unificaria todas estas abordagens através de uma semiologia, isto é, uma *gramática geral* que teria como princípio base o da *opositividade intra-sistémica*:

Dans cette perspective, la linguistique à venir devait retrouver, selon Saussure, les objets traditionnels de la morphologie, de la lexicologie et de la syntaxe, mais aussi, découvre-t-on aujourd’hui, ceux de la rhétorique et de la stylistique. Cette linguistique unifierait ces approches dans une sémiologie, c’est-à-dire dans une *grammaire générale* d’un type

nouveau appréhendant ses objets sur la base du principe d'oppositivité intra-systémique (nommé encore *négativité, différence, Kénôme*) et concevant ceux-ci comme les constituants d'une *mathesis linguistica* (Bouquet e Engler 2002: 9 – 10).

Assim sendo, veremos que o pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure é bem menos categórico do que o que surge no *Cours*.

Em suma, os documentos descobertos em 1996 e editados na obra em estudo surgem agrupados em quatro partes (*Ibidem*: 13):

1. Sobre o título «De l'essence double du langage», os textos provêm, na sua maioria, de um envelope que continha conjuntos de folhas da mesma natureza e do mesmo formato, intituladas ou fazendo menção a «De la double essence du langage», «Double essence» ou «essence double (du langage)». Este envelope tinha ainda uma etiqueta com o título «Science du langage».
2. Sobre o título «Nouveau Item», começando também pela palavra *Item*, figuram os textos guardados na Biblioteca Pública e Universitária, editados aqui sobre o título «Anciens Item».
3. Sobre o título «Autres écrits de linguistique générale: nouveaux documents» surgem os textos que os editores consideraram não ser possível inserir em nenhuma das outras partes.
4. Sobre o título «Notes préparatoires pour les cours de linguistique générale: nouveaux documents» encontram-se notas também encontradas nos fundos da Biblioteca Pública e Universitária de Genebra.

3.1. O signo e a linguagem¹

A obra *Écrits de linguistique générale* tem a parte primeira intitulada «De l'essence double du langage», onde começa por afirmar que é impossível opor a forma e o sentido, mais facilmente se opõe figura vocal, de um lado, a forma-sentido do outro². A partir daqui será então explorada esta dualidade presente no signo linguístico, também designado *identidade linguística*, uma vez que esta implica a associação de dois elementos

¹ A obra *Écrits de linguistique générale*, tal como referido, encontra-se criteriosamente dividida e subdividida em partes. Não obstante, nem sempre a nossa análise respeitará o percurso e a divisão em partes proposta pelos editores. Face ao nosso objecto de estudo que exige ter sempre presente o *Cours de linguistique générale*, por vezes seremos obrigados a andara a *saltar páginas* para que consigamos comparar ideias, temas e conceitos.

² “Il est faux (et impraticable) d'opposer la *forme* et le *sens*. Ce qui est juste en revanche c'est d'opposer la *figure vocale* d'une part, et la *forme-sens* de l'autre” (Saussure 2002: 17).

heterogéneos¹.

Antes de avançar, Saussure alerta para a dificuldade e absurdo da tarefa do linguista que não sabe por onde começar: se, primeiro, pelas *ideias* para ocupar-se depois das *formas*; se, inversamente, partir das *formas* para depois estudar as *ideias*, acabando por não saber em que consiste exactamente o seu **objecto de estudo**:

Cette tâche absurde est précisément celle devant laquelle il faut que le linguiste comprenne qu'il est d'emblée et dès l'abord placé. Il essaie d'y échapper, qu'on nous permette une expression vraiment trop juste ici, en partant par la tangente, c'est-à-dire en classant comme il semble logique les *idées* pour voir ensuite les formes, - ou au contraire les formes pour voir ensuite les *idées*; et dans les deux cas il méconnaît ce qui constitue l'objet formel de son étude et de ses classifications, à savoir exclusivement le point de jonction des deux domaines (Saussure 2002: 18).

Contrariamente ao *Cours*, no qual C. Bally e A. Sechehaye apresentam a língua como objecto de estudo da linguística, Saussure não demonstra aqui estar assim tão certo disso.

No atinente à dualidade acima referida, a palavra representa não uma dualidade do domínio físico – formas, e do psicológico – ideias, mas uma dualidade simultaneamente do domínio espiritual, da consciência. Deste modo, o signo não é constituído por uma parte física e outra psicológica, mas todo ele é “est un fait de conscience pur” (*Ibidem*: 19) e não somente a significação / significado. Por isso, uma sucessão de sons vocais, como por exemplo *mar* (m+a+r) só será uma entidade linguística quando se lhe associar uma ideia; caso contrário, pertenceria somente ao domínio da acústica ou da fisiologia. Desta constatação, o linguista genebrino declara que:

- Não há nenhuma entidade linguística que possa ser fornecida somente pelos sentidos, pois nenhuma existe fora da ideia a que se une.

- Nenhuma entidade linguística é simples, já que por mais simples que seja obriga a ter em conta o signo² e a significação. Discutir ou esquecer este facto, lança a entidade para fora da linguística.

- A unidade de cada facto da língua resulta de um facto mais complexo que consiste na união de factos, embora cada unidade resulte da união de um tipo particular: uma união em que, na sua essência, nada existe de comum entre o signo e o que significa [arbitrariedade].

- Por último, a tarefa de classificar os factos da língua depara-se com um problema: ter que classificar os emparelhamentos de objectos heterogéneos (signos-ideias). Haverá por isso duas gramáticas, uma que partiria do signo, outra da ideia. No entanto, ambas seriam incompletas (*Ibidem*: 19 – 20).

¹ “Une identité linguistique a cela d'absolument particulier qu'elle implique l'association de deux éléments hétérogènes” (*Ibidem*: 18).

² Signo aparece aqui como sinónimo do que Bally e Sechehaye referiam como significante.

No fundo, este binarismo que divide a linguagem não reside no dualismo entre som e ideia, fenómeno vocal e fenómeno mental, reside na dualidade do fenómeno vocal enquanto tal e do fenómeno vocal enquanto signo, isto é, entre o facto físico e objectivo (fenómeno vocal enquanto tal) e o facto físico-mental e subjectivo (signo):

Le dualisme profond qui partage le langage ne réside pas dans le dualisme du son et de l'idée, du phénomène vocal et du phénomène mental; c'est là la façon facile et pernicieuse de le concevoir. Ce dualisme réside dans la dualité du phénomène vocal COMME TEL, et du phénomène vocal COMME SIGNE – du fait «physique» (objectif) et du fait «physico-mental» (subjectif), nullement du fait «physique» du son par opposition au fait «mental» de la signification (*Ibidem*: 20 – 21).

Assim, haverá um primeiro domínio – interior / psíquico – no qual existe o signo como significação, sendo que um é indissociável do outro. Haverá ainda um outro domínio – exterior – no qual não existe mais que o signo, sendo que nesse momento o signo não passará de uma mera sucessão de ondas sonoras, que somente recebe o nome de figura vocal:

Il y a un premier domaine, intérieur, psychique, où existe le signe autant que la signification, l'un indissolublement lié à l'autre; il y en a un second, extérieur, où n'existe plus que le «signe», mais à cet instant le signe réduit à une succession d'ondes sonores ne mérite pour nous que le nom de figure vocale (*Ibidem*: 21).

Deste modo, um signo só existe em virtude da sua significação e uma significação só existe em função do signo. Por isso, signos e significações só existem pela diferença existente entre os signos (*Ibidem*: 37). Portanto, a língua baseia-se em oposições e diferenças:

Il n'y a pas la forme et une idée correspondante; il n'y a pas davantage la signification et un signe correspondant. Il y a des formes et des significations possibles (nullement correspondantes); il y a même seulement en réalité des différences de formes et des différences de significations; d'autre part chacun de ces ordres de différences (par conséquent de choses déjà négatives en elles-mêmes) n'existe comme différences que grâce à l'union avec l'autre (*Ibidem*: 42 – 43).

Por conseguinte, tomado de forma isolada, o signo não tem qualquer valor, não sendo mais que uma figura vocal¹.

Desta forma, a língua não terá simplesmente termos duplos, isto é, comportando uma forma, um corpo, um ser fonético, e uma significação, uma ideia, algo espiritual, dizendo-se por isso que a uma *forma* corresponde uma *significação*. Esses termos terão de ser vistos de forma quádrupla:

- diferença geral de significações (que não existe se não houver diferença de formas);
- diferença geral de formas (que não existe se não houver diferença de significações);
- na diferença geral de significações, uma significação é relativa a uma forma;

¹ “Prendre pour base le signe (seul) n'est pas seulement inexact mais ne veut absolument rien dire puisque, à l'instant où le signe perd la totalité de ses significations, il n'est rien qu'une figure vocale” (*Ibidem*: 44).

- na diferença geral de formas, uma forma é sempre relativa a uma significação.

Estes quatro aspectos estão presentes na figura vocal que lhes serve de forma ou formas (*Ibidem*: 42).

Por conseguinte, qualquer signo da língua tem um valor puramente não positivo, quer dizer, essencialmente e sempre negativo, sendo primeiramente apreendido pela diferença de formas¹. Saussure admite ainda que esta oposição de valores enquanto facto negativo pode transforma-se em **facto positivo** porque cada signo, ao invocar uma antítese no conjunto dos outros signos comparáveis, torna o signo delimitável, isto é, determina-o:

Cette opposition de valeurs qui est un fait PUREMENT NÉGATIF se transforme en fait positif, parce que chaque signe en évoquant une antithèse avec l'ensemble des autres signes comparables à une époque quelconque, en commençant par les catégories générales et en finissant par les particulières, se trouve être délimité, malgré nous, dans sa valeur propre (Ibidem: 87 -88).

Neste contexto, Saussure acrescenta que a palavra é um todo, considera-a um *kénôme* à qual se junta um sema associativo². O *kénôme* representa, numa perspectiva onomasiológica, o significado aberto perante significantes indeterminados; por sua vez, o sema associativo aponta para o signo linguístico contextualmente definido (Rastier 2005: 3). Também no emprego destes termos, Saussure encaminha-se para a sua teoria da negatividade e das diferenças.

3.1.1. Sema, apossema e parassema

Saussure apresenta aqui um novo termo para substituir o de signo no domínio da *parole*/do discurso – *sema*. O sema é então definido como um signo que contém os diferentes caracteres que se reconhecem nos signos que compõem a língua vocal. O termo *sema* procura, desta forma, eliminar qualquer ideia de separação entre a vertente vocal e a vertente ideológica do signo. Pode ser ainda substituído por *terme*, pois “*Terme* serait du rest assez ce que nous voulons dire par *sème*” (Saussure 2002: 107). No fundo, o *sema* pretende representar o signo no seu todo:

Entre autres, le mot *sème* écarte, ou voudrait écarter, toute *prépondérance* et tout séparation initiale entre le côté vocal et le côté idéologique du signe. Il représente *le tout du signe*, c'est-à-dire signe et signification unis en une sorte de personnalité (*Ibidem*: 105).

¹ “Tout espèce de signe existant dans le langage (...) a une valeur *purement* par conséquent non positive, mais au contraire essentiellement, éternellement NÉGATIVE” (*Ibidem*: 48).

² “Vous pouvez seulement constater le kénôme \cap et le sème associatif” (*Ibidem*: 93).

O mestre genebrino apresenta ainda mais dois termos de importância capital: *parasema* e *apossema*. O *apossema* é o envelope vocal do *sema*, não da significação. Não se pode esquecer que o *sema* não existe pela fonação nem pela significação, mas pela correlação com outros *semas*. Portanto, no discurso, pode falar-se de *apossemas* enquanto figuras vocais. Saussure compara-os mesmos a um cadáver do *sema* (*Ibidem*: 107). Também neste contexto o termo *forma* pode ser utilizado por *apossema*, *sema* e mesmo pela parte material do *sema* sincrónico.

Por sua vez, o *parasema* é qualquer palavra que faça parte da língua, uma segunda palavra, que não tem nenhum «parentesco» com a primeira, é um *parasema* (*Ibidem*). A única qualidade do *parasema* é fazer parte do mesmo sistema psicológico dos signos:

Pour un mot quelconque faisant partie de la langue, un second mot, même n'ayant avec le premier aucune «parenté», est un parasème. La seule et simple qualité du parasème est de faire partie du même système psychologique de signes, de manière que si l'on trouve, après observation, qu'un signe donné a sa complète existence hors des signes concurrents du système, qu'il n'y a point d'importance à observer pour un signe donné l'ensemble des signes concurrents, le mot de parasème devra tomber, et réciproquement il devra subsister si on constate qu'un mot n'est point complètement autonome dans le système dont il fait partie (*Ibidem*: 106 – 107).

No caso da analogia, Saussure diz que não há mudança de uma parte do primeiro *sema*, o que há é criação de um outro *sema*, um *parasema*, o qual tem naturalmente um *apossema*:

Faire grande attention que dans le changement analogique il n'y a pas de changement d'*aposème*. (...) On crée un autre *sème*, un parasème, lequel a naturellement de son côté un *aposème*. Il n'y a pas changement d'*une partie* du premier *sème*. Le changement est entièrement dans le domaine des *sèmes*. Il est tout entier guidé par le sens. C'est une création parasémique (*Ibidem*: 108).

Estes novos termos apresentados só fazem sentido analisados sincronicamente, pois só existem num momento dado e no sistema que os envolve e nessa medida “le *sème* dépend dans son existence de tout l'entourage parasémique de l'instant même” (*Ibidem*: 109).

No que diz respeito aos falantes, estes não têm consciência dos *apossemas* que pronunciam, por um lado, nem da ideia, por outro. Eles só têm consciência do *sema* e é, por isso, que as transformações do *apossema* ao longo dos séculos é feita mecanicamente:

Les sujets parlants n'ont aucune conscience des *aposèmes* qu'ils prononcent, pas plus que de l'*idée pure* d'autre part. ils n'ont conscience que du *sème*. C'est là ce qui assure la transformation parfaitement mécanique de l'*aposème* à travers les siècles (*Ibidem*: 109).

3.1.2. A diversidade do signo

Para Saussure o sentido pode variar consoante o contexto em que o signo apareça sem,

no entanto, alterar a unidade do signo¹. Efectivamente, existe «diversidade do signo na ideia» (*Ibidem*: 51), mas Saussure admite também diversidade dos dois, tanto do signo como da ideia. É o caso da **sinonímia**.

Não obstante, Saussure precisa estes termos, afirmando que só se pode falar em *diversidade do signo na ideia una* ou em *diversidade do signo na ideia diversa*. Embora diferentes, entrecruzam-se na realidade linguística de forma momentânea. Por isso, Saussure considera: a diversidade do signo que corresponde a significações diferentes (ou empregos diferentes); a diversidade do signo que corresponde a uma significação una (ou de um só emprego), ou seja, a unidade do signo existe pela oposição a uma diferença de ideias (*Ibidem*: 52). Por outro lado, considera a diversidade de significação que corresponde a uma unidade de signo. Neste caso, há a eliminar dois aspectos:

1.º diversos sentidos de uma palavra – que não seriam diversos, uma vez que eles são exactamente definidos cada um por outra palavra;

2.º o sentido de duas homófonas (*Ibidem*: 53).

Neste seguimento, Saussure afirma que não há diferença entre o sentido próprio e sentido figurado das palavras, pois o sentido das palavras é eminentemente negativo, isto é, opositivo². Portanto, também a sinonímia é caracterizada pela negatividade, uma vez que os signos intervenientes só têm valor pela oposição negativa que estabelecem nas relações com os outros³.

Saussure afirma então que qualquer que seja o sistema de signos existe sempre sinonímia. Já que o signo só é limitado negativamente pela presença de outros signos, ele pode conter em si várias significações e não sentidos figurados:

Le fait primaire et fondamental, c'est que, dans n'importe quel système de signes qu'on mettra en circulation, il s'établira instantanément une synonymie, car le contraire est impossible et reviendrait à dire qu'on n'accorde pas de valeurs opposées aux signes opposés. (...)

Aucun signe n'est donc limité dans la somme d'idées positives qu'il est au même moment appelé à concentrer en lui seul; il n'est jamais limité que négativement, par la présence simultanée d'autres signes; il est donc vain de chercher quelle est la somme des significations d'un mot (*Ibidem*: 78).

No entanto esta sinonímia nunca é absoluta, porque haverá, por mais pequenas que sejam, diferenças de valor, pois na língua, enquanto sistema, os signos só existem pela oposição que estabelecem entre si.

¹ “Car d’abord le sens peut varier dans une mesure infinie sans que le sentiment de l’unité du signe soit même vaguement atteint par ces variations” (*Ibidem*: 50).

² “Il n’y a pas de différence entre le sens propre et le sens figuré des mots (...) parce que leur sens est éminemment négatif” (*Ibidem*: 72).

³ “Et chacun de ces mots n’a toujours de valeur que par la position négative qu’il occupe par rapport aux autres” (*Ibidem*: 74).

3.1.3. Características do signo

Nos *Écrits*, podemos depreender algumas características do signo linguístico: a arbitrariedade, a negatividade, a continuidade e a alteração do signo. Para todas elas, as explicações são breves.

No atinente à arbitrariedade, Saussure afirma que o signo é arbitrariamente fixado no sistema linguístico, uma vez que sendo este um sistema de oposições, o signo só existe pela diferença que estabelece com os outros signos. Nesta medida, o signo tem também um carácter eminentemente negativo. De facto, o signo existe pela sua diferença com outros signos que existem no mesmo momento e pela diferença com outros signos que podem ocupar o seu lugar:

1) de sa différence avec les autres signes figurant au même moment, 2) de sa différence avec les signes qui auraient pu être hissés à sa place, et à la place des signes qui l'accompagnent. Hors de ces deux éléments négatifs, si l'on demande où réside l'existence positive du signe, on voit tout de suite qu'il n'en possède aucune (*Ibidem*: 54).

Por outro lado, o signo, enquanto significante, é também arbitrário pois não tem qualquer relação com a ideia que expressa, embora só exista na medida em que exista simultaneamente com esta.

O signo é também convencional (*Ibidem*: 228) porque se impõe ao indivíduo da colectividade linguística através da transmissão e da tradição, sem que possa ser questionado por este. Nesta perspectiva, é aqui assumida uma segunda existência do signo (através do tempo).

Recapitulando: o signo existe pela associação que é feita pelo espírito entre a parte acústica e a ideia; por outro lado, pode considerar-se uma segunda existência que acontece por causa do devir temporal. Nesta, o signo só existe através do tempo, isolando-o da sua significação e de toda a significação possível que possa receber:

Cette seconde existence, il est essentiel de le remarquer, ne se manifeste ou ne se trouve de sanction tangible qu'à l'instant où il y a l'un en face de l'autre un *passé* et un *présent*, tandis que la première est immédiatement contenue dans le présent. Par compensation, l'existence deuxième du signe (*à travers le temps*) ne saurait être soutenue qu'en isolant le signe de sa signification, et de toute signification quelconque qui lui arrive (*Ibidem*: 54)

Entramos aqui no facto de o signo poder mudar.

No que concerne à continuidade e à alteração, Saussure começa por postular que o signo, sendo uma forma de assegurar a continuidade da língua, através da sua transmissão de

geração em geração, é por isso sujeito a alteração¹. Essa alteração ocorrerá também por acção do tempo e constituir-se-á na mudança da relação total que se estabelece entre o significante e o significado, quer a alteração ocorra no significante quer no significado². Havendo uma alteração na relação entre as partes de um signo, decorrente do tempo, haverá também um “*déplacement du rapport global des termes et des valeurs*” (*Ibidem*: 330) para repor o equilíbrio do sistema.

No fundo, sendo parte integrante da língua e sendo mesmo a língua, o signo adota as suas características à primeira vista contraditórias: continuidade e transformação.

3.2. Valor, sentido, significação e forma

Tal como ficou explícito na análise do *Cours*, valor, sentido e significação são termos com diferentes significados na teoria saussureana. Não obstante, nestes *Écrits*, Saussure começa por afirmar que usa os três termos – valor, sentido e significação – sem estabelecer qualquer distinção. Porém, alerta que o termo valor exprime melhor que algum outro a essência do facto linguístico:

Nous n'établissons aucune différence sérieuse entre les termes *valeur*, *sens*, *signification*, *fonction* ou *emploi* d'une forme (...); ces termes sont synonymes. Il faut reconnaître toutefois que *valeur* exprime mieux que tout autre mot l'essence du fait, qui est aussi l'essence de la langue, à savoir qu'une forme ne *signifie* pas, mais *vaut*: là est le point cardinal. Elle *vaut*, par conséquent elle implique l'existence d'autres *valeurs* (*Ibidem*: 28).

Por outro lado, uma palavra tem determinado *valor* porque existe em correlação com todas as outras do sistema linguístico e é, dessa forma, que se fala em diferentes *valores*.

Da mesma forma, o *sentido* de cada forma em particular é a mesma coisa que a diferença das formas entre si, isto é, o *sentido* é o mesmo que *valor diferente* (*Ibidem*). Por isso, os *valores* que compõem o sistema da língua ou um sistema de sinais não consistem nem nas formas, nem nos sentidos, nem nos signos, nem nas significações. Consistem, sim, numa espécie de relação geral entre os signos e as significações, baseada na diferença geral dos signos mais a diferença geral das significações, mais a atribuição prévia de certas significações a certos signos e vice-versa:

On ne saurait assez insister sur ce fait que les valeurs dont se compose primordialement un

¹ “Nous avons dit, et je tiens à souligner encore, qu'elle n'est qu'une forme de la continuité, que c'est par le fait même que les signes se continuent qu'ils *arrivent* à s'altérer” (*Ibidem*: 329).

² “J'ai dit que le fait total ne pouvait traduire avec sûreté que par le mot de *déplacement du rapport* total entre signifiant et signifié, soit que l'altération soit dans le signifiant et signifié, soit qu'elle soit dans le signifié” (*Ibidem*).

systeme de langue (un systeme morphologique), un systeme de signaux ne consistent ni dans les formes ni dans les sens, ni dans les signes ni dans les significations. Elles consistent dans la solution particulière d'un certain rapport general entre les signes et les significations, fondee sur la difference generale de signes *plus* la difference generale des significations *plus* l'attribution préalable de certaines significations à certains signes ou réciproquement (*Ibidem*: 28 – 29).

No atinente ao que entende por *forma*, o linguista genebrino refere que, para esta ser entendida como *forma* e não como figura vocal, deve ter duas condições:

- que essa *forma* não seja entendida separada da sua oposição com as outras formas simultâneas;

- que essa *forma* não seja separada do seu sentido.

Estas duas condições são uma só, na medida em que, na realidade, não se pode falar de *formas opostas* sem supor que essa oposição resulta tanto do sentido como da forma.

Por isso, não se pode definir uma forma com a ajuda da figura vocal que ela representa, nem tão pouco quanto ao sentido que contém. Saussure vê-se então obrigado a considerar como aspecto primordial o facto geral e complexo e composto de **dois factos negativos**: a **diferença geral das figuras vocais** e a **diferença geral dos sentidos** que a elas se ligam (*Ibidem*: 29). A forma é então a figura vocal que está na consciência dos falantes de forma determinada e delimitada, deixando de ser algo físico e concreto a partir do momento crucial em que entra no domínio dos signos da língua. Do mesmo modo, a palavra só existe no nosso espírito, pois "le *lieu* du mot, la sphère où il acquiert une réalité, est purement l'ESPRIT, qui est aussi le seul *lieu* où il ait sons sens" (*Ibidem*: 83).

3.3. A língua como sistema

Tal como já foi referido sobre o *Cours*, a língua tem um lado físico e outro psíquico. Mas tal como menciona Saussure, é um erro crer que o lado psíquico corresponde à ideia, enquanto o lado físico, ao som, à forma. Não é tudo tão simples e linear:

Mais l'erreur irrémissible (...) est de croire que le côté psychique soit l'*idée* pendant que le côté physique est le *son*, la *forme*, le *mot*.
Les choses sont un peu plus compliquées que cela (*Ibidem*: 64).

Efectivamente, em primeiro lugar, Saussure ressalva que não há qualquer oposição entre som e ideia, mas que contrariamente são indissolivelmente unidos. Assim, haverá, por um lado, a palavra (enquanto entidade física) e, por outro, a significação (entidade psíquica), mas tidos como uma união.

Neste seguimento, ao encarar a língua, o linguista depara-se com quatro termos

arraigados e três relações inabaláveis e que formam entre eles um todo na mente: (um signo / sua significação) = (um signo / e outro signo) e mais ainda (uma significação / outra significação) (*Ibidem*: 39). No fundo, o que Saussure pretende mostrar é que a língua se baseia numa série de relações e de diferenças. Por isso, afirma que o sujeito falante de uma língua não apreende nem a forma A, nem a ideia *a*, ele percebe, sim, a relação que se estabelece entre elas e, conseqüentemente, as relações que se podem estabelecer entre essas relações (*Ibidem*: 39 - 40).

De forma sucinta, quer dizer que o falante quando pensa na língua e mais especificamente num signo, não destringe o que é a forma e o que é a ideia no signo; ele vê o signo como a relação coexistente entre ideia e forma. Por sua vez, quando fala, isto é, quando utiliza a língua, ele não diferencia signo a signo, ele percebe e diferencia-os pelas relações que eles podem estabelecer entre si.

Portanto, a língua caracteriza-se pela sua negatividade e diferença, uma vez que cada um dos elementos da língua se distingue pela diferença relativamente aos outros. Por sua vez, “ces différences résultent d’une combinaison de la forme et du sens perçu” (*Ibidem*: 66). Assim sendo, para Saussure não existe nenhum facto na língua por si mesmo, somente em função da oposição que estabelece com todos os factos:

Nous nions au contraire qu’aucun fait de langue, depuis [] n’existe un seul instant pour lui-même hors de son opposition avec d’autres, et qu’il soit autre chose qu’une manière plus ou moins heureuse de résumer un ensemble de différences en jeu (*Ibidem*: 66).

Por isso, tal como no jogo de xadrez, no qual as peças não têm significado fora do jogo, os elementos da língua também não têm significado por si mesmos, só em oposição com os outros:

De la même façon que dans le jeu d’échecs il serait absurde de demander ce que serait une dame, un pion, un fou, ou un cavalier, si on le considérait hors du jeu d’échecs, de la même façon il n’y a pas de sens, si l’on considère vraiment *la langue*, à chercher ce qu’est chaque élément par lui-même. Il n’est rien d’autre qu’une pièce valant par son opposition avec d’autres selon certaines conventions (*Ibidem*: 67).

Desta forma, a língua não é um conjunto de valores positivos e absolutos, mas negativos e relativos, uma vez que não existem senão pela oposição¹.

Enquanto sistema de signos, a língua só tem sentido enquanto inserida numa e para uma colectividade. Saussure, para explicar esta asserção, recorre à comparação com um navio: o navio só é navio e só é funcional para os seus marinheiros quando está em alto mar; da mesma forma, a língua só existe enquanto língua numa colectividade:

¹ “La langue ne consiste pas en un ensemble de valeurs positives et absolues mais dans un ensemble de valeurs négatives ou de valeurs relatives n’ayant d’existence que par le fait de leur opposition” (*Ibidem*: 77).

Assurément il n'y a que le vaisseau sur mer qui soit instructif pour ce qu'est un vaisseau, un objet proprement offert à l'étude comme vaisseau. (...) C'est seulement le système de signes devenu chose de la collectivité qui mérite le nom de, qui *est* un système de signes (...)
Un système de signes proprement fait que pour la collectivité comme le vaisseau pour la mer (*Ibidem*: 289 - 290).

Nesta medida, está também aqui presente a importância da sociologia na altura enquanto ciência em florescimento.

A partir do momento que o sistema de signos pertence à colectividade prova-se que aquilo que rege a relação do signo com a ideia é algo superior ao indivíduo¹. Saussure aponta então para a importância da **arbitrariedade** no sistema linguístico. A língua não é então uma nomenclatura (*Ibidem*: 327) que dá nome aos objectos. O **termos** da língua, designação para signos no seu sentido de totalidade, não têm qualquer relação com os objectos que nomeiam – há, assim, uma relação arbitrária. Os termos da língua só estabelecem relações entre si, pois só pela diferença têm valor no sistema linguístico (*Ibidem*: 328). Neste, a arbitrariedade toma duas formas: arbitrariedade absoluta e arbitrariedade relativa. Embora reduzida, a explicação desta diferenciação vai ao encontro do que está presente no *Cours*.

Por outro lado, a língua é também um sistema de valores e é partindo da noção de valor que se fala em fenómenos na língua². Também neste ponto, é a colectividade que cria o *valor*, o que significa que este não existe fora daquela. Desta forma, nenhum valor é estabelecido isoladamente ou de forma individual, tendo sempre como base o meio e o poder sociais:

En effet tout espèce de valeur quoique usant d'éléments très différents n'a sa base que dans le milieu social et la puissance sociale. C'est la collectivité qui est créatrice de la valeur, ce qui signifie qu'elle n'existe pas *avant* et *en dehors* d'elle, ni dans ses éléments décomposés ni chez les individus (*Ibidem*: 290 – 291).

Correntemente a noção de valor implica a noção de troca. Também no sistema linguístico, a noção de valor implica que os termos daquele se relacionem e se oponham para determinar o seu valor no sistema. Assim, tal como o signo, “toute valeur a deux côtés” (*Ibidem*: 333): o valor vale por si, mas só na medida em que se opõe a outros. Efectivamente, o valor de um termo só é determinado pela diferença com os termos que o rodeiam, por isso se fala que a língua é um sistema de diferenças e/ou oposições. Portanto, tal como acontece com as peças do jogo de xadrez, o traço principal do valor é dado pela relação que estabelece com os outros. Assim, no jogo cada peça vale pela relação que estabelece com as outras

¹ “Parce qu'en rien ne garantit plus depuis le moment où le système de signes appartient à la collectivité que ce soit une raison intérieure, une raison faite à l'image de notre raison individuelle, qui va continuer à gouverner le rapport du signe et de l'idée” (*Ibidem*: 289).

² “Quelle que soit sa nature plus particulière la langue, comme les autres sortes de signes, est avant tout un *système de valeurs*, et cela fixe sa place au phénomène” (*Ibidem*: 290).

“selon certaines conventions” (*Ibidem*: 67). É através dele que distinguimos num sistema termos muito semelhantes e é também por ele que não existe sinonímia absoluta, pois cada termo do sistema tem valor pela oposição que estabelece com os outros:

Valeur est éminemment synonyme à chaque instant de terme situé dans un système de termes similaires, de même qu’il est éminemment synonyme à chaque instant de chose échangeable. [] Prenant la chose échangeable d’une part, de l’autre les termes co-systématiques, cela n’offre aucune parenté. C’est le propre de la *valeur* de mettre en rapport ces deux choses (*Ibidem*: 335).

Por isso, a língua é um sistema de termos e valores, mas, acima de tudo, de oposições e diferenças porque os primeiros só existem pela diferença que estabelecem entre si.

Por último, como a língua está sujeita ao devir temporal e, conseqüentemente, à transformação, o valor ou valores, enquanto elementos constantes do sistema linguísticos, também a ela estão submetidos. Por isso, em cada época ou estado de língua, o que há são valores relativos, uma vez que a língua está constantemente a adaptar-se à mudança, moldando o seu sistema de oposições e valores¹.

Do exposto, a língua surge como um sistema de signos e valores regidos pela negatividade dos seus elementos².

3.3.1. As unidades da língua

Saussure considera como verdade capital o facto de a língua comportar divisões – unidades delimitáveis³. Por exemplo, a particularidade da palavra é ser um *sema* agrupável, que, por sua vez, se baseia numa sucessão de sílabas. A propósito da divisão em sílabas, o mestre genebrino aponta o *princípio da uni-espacialidade* que propugna que o *sema* se divide em secções (sempre dentro do mesmo sentido e por cortes idênticos) e não numa divisibilidade multiforme (*Ibidem*: 110). Saussure enuncia já uma espécie de teoria da silabação, tal como aparece no *Cours de linguistique général*.

Assim, embora se creia que as unidades da língua são todos organizados, elas são subdivisíveis no tempo e, paralelamente, em funções que se podem atribuir a cada fragmento de tempo (*Ibidem*: 111). O *sema* linguístico faz, portanto, parte de uma família geral dos *semas uni-espaciais*, dos quais toma parte todo o *sema* baseado na transmissão acústica. Contudo, o importante não é a transmissão acústica, mas a *uni-espacialidade*. Por isso, a

¹ “Plutôt que dans chaque époque il n’y a que des oppositions, des valeurs RELATIVES” (*Ibidem*: 67).

² “L’essence purement négative, purement différentielle, de chacun des éléments du langage” (*Ibidem*: 64).

³ “Le fait le plus capital de la langue est qu’elle comporte des divisions, des unités délimitables” (*Ibidem*: 109).

representação escrita é a melhor forma de apreendermos a palavra nas suas várias secções, embora as formas acústicas sejam de mais fácil memorização que as visuais:

C'est pourquoi le mot écrit tout entier sur l'écran de droite à gauche ou de gauche à droite *spatialement* est une meilleure représentation pour nous du mot, lequel est cependant temporel.

Le sème acoustique est fondé en grande partie sur la cent fois plus facile mémorisation des formes acoustiques que des formes visuelles (*Ibidem*: 112).

Assim, retomando a comparação com o jogo de xadrez, tão corrente no *Cours*, neste caso, esta não é plausível visto que cada peça do jogo não é desmontável como a palavra, ou seja, a sua estrutura não se adequa à língua:

Dans la comparaison du jeu d'échecs, il y a ceci de juste que la fonction (valeur) est conventionnelle mais, pour ce qui est la *structure*, cette comparaison n'offre pas de base, attendue que chaque pièce est indémontable, ne contient pas comme l'unité du mot des parties diverses, avec fonctions diverses (*Ibidem*:114).

Deste modo, a palavra é uma unidade viva, independente do discurso, que pertence ao tesouro da língua. Por isso, o primeiro modo de existência da palavra não consiste em ser um elemento da frase; pode dizer-se que existe antes dela, independente dela. O mesmo não se passa com os elementos da palavra, respeitantes à unidade da palavra, que podem ser divididos e agrupados em sílabas. Por isso a nossa memória não guarda um conjunto de frases feitas, mas aprende a relacionar uma quantidade ilimitada de combinações possíveis de palavras (*Ibidem*: 117). Enuncia-se, desta forma, a teoria da dupla articulação, posteriormente explorada e sintetizada por André Martinet (1908 – 1995).

La mémoire en effet ne livre qu'un nombre *tout à fait restreint* de phrases toutes faites. Et il n'en saurait être autrement étant donnée la quantité illimitée de combinaisons possibles avec bien peu de termes (*Ibidem*).

Por outro lado, Saussure acaba por “constatar que toute la langue entre d'abord dans notre esprit par le discursif” (*Ibidem*: 118).

3.4. Sincronia e diacronia

Resultante da natureza dos factos da linguagem, Saussure postula a existência de dois pontos de vista para abordar a linguagem:

1. Ponto de vista do *estado da língua em si mesmo*, que se caracteriza por ser um ponto de vista instantâneo, semiológico (que encara o signo associado à ideia), anti-

histórico, morfológico ou gramatical, que analisa os elementos combinados. Estamos, portanto, no domínio do ponto de vista sincrónico, no qual as *identidades linguísticas* são fixadas pela relação que se estabelece entre a significação e o signo, ou as relações que os signos estabelecem entre si¹.

2. Ponto de vista das *identidades transversais*, que se identifica com o ponto de vista diacrónico, caracterizando-se por ser essencialmente fonético, analisando elementos isolados. De acordo com este ponto de vista, as *identidades linguísticas* são dados que têm que se relacionar e analisar tendo em conta as precedentes².

Por outro lado, seguindo os modos legítimos de considerar os factos da linguagem, Saussure apresenta mais dois pontos de vista:

3. O anacrónico, que sendo basicamente artificial e didáctico, é a projecção de uma morfologia ou de um estado de língua antigo sobre uma morfologia ou estado de língua posterior. O modo com o qual ele opera esta projecção tem em consideração as identidades transversais combinando-as com a morfologia³). No fundo, este ponto de vista vai ao encontro do anacrónico retrospectivo e do etimológico.
4. O histórico, que estabelece dois estados de língua sucessivos, tomados primeiramente cada um em si mesmo e sem subordinação um ao outro, depois segue-se a explicação.

Tal como é implicitamente referido no *Cours*, na altura só se utilizavam o segundo e o terceiro pontos de vista⁴. No entanto, Saussure postula aqui que a melhor maneira de estudar o mecanismo de uma língua, tomada num momento dado, será através do estudo sincrónico:

Le mécanisme de la langue – prise partout À UN MOMENT DONNÉ, ce qui est la seule manière d’en étudier le mécanisme – sera un jour, nous en sommes persuadé, réduit à des formules relativement simples (*Ibidem*: 43).

Este constituir-se-á como um estudo científico, no qual não intervém nem necessita do ponto

¹ “Les *identités* dans ce domaine sont fixées par le rapport de la signification et du signe, ou par le rapport des signes entre eux, ce qui est non différent” (*Ibidem*: 21).

² “Les *identités* de ce domaine sont *donnés* d’abord nécessairement par celle du précédent; mais après cela deviennent le *deuxième ordre d’identités* linguistiques, irréductible avec le précédent” (*Ibidem*).

³ “Le moyen à l’aide duquel peut s’opérer cette projection est la considération des *identités transversales*, II, combinée avec la considération morphologique du premier état selon I” (*Ibidem*: 22).

⁴ “De ces quatre points de vue légitimes (hors desquels nous avouons ne rien reconnaître), il n’y a guère que le deuxième et le troisième qui soient cultivés” (*Ibidem*).

de vista histórico, fazendo tábua rasa de toda a espécie de terminologia histórica:

Nous soutenons en effet précisément à l'inverse qu'il existe une étude scientifique relative à chaque état de langue pris en lui-même; que cette étude non seulement ne nécessite pas l'intervention du point de vue historique et n'en dépend point, mais a pour condition préliminaire qu'il soit fait table rase systématiquement de toute espèce de vue et de notion historique comme de toute terminologie historique (*Ibidem*: 46).

Nesta medida, nada há num estado de língua que seja do domínio da fonética. Num determinado estado de língua, só se considerará fonético um facto comparativamente a um outro de outra época (*Ibidem*: 47). Só nesta circunstância se misturam pontos de vista.

De facto, embora considere que tudo o que é língua resulta da sua transmissão no tempo, Saussure não considera pertinente que se substitua o estudo dessa transmissão (diacronia) pelo estudo da própria língua¹.

Assim, de acordo com o estudo centrado num estado de língua (sincronia), o objecto de estudo do linguista é a relação que se estabelece entre as formas e as ideias, uma vez que “un *état de langue* n'offre à l'étude du linguiste qu'un seul objet central: rapport des formes et des idées qui s'y incarnent” (*Ibidem*: 86). Por sua vez, segundo um estudo de uma sucessão de estados (diacronia), o objecto central de estudo será o passado da língua em comparação com o actual:

Une succession d'états d'examiner n'offre à l'attention du linguiste qu'un seul objet central également, et qui est avec l'objet précédent, non pas dans une opposition flagrante et abrupte, mais dans une rapport de radicale disparité, abolissant d'emblée toute espèce de comparaison (*Ibidem*: 86).

Não obstante, Saussure desvaloriza o estudo comparativo das línguas, considerando-o um método acessório no estudo linguístico². Nas notas para o artigo sobre Whitney, o mestre genebrino afirma ainda que, para que se faça ciência da língua, é preciso fazer uma abstracção do que precede a língua no momento dado e o que a liga a outras épocas³. Esta seria a condição para se compreender tudo o que se passa em determinado estado de língua. E só desta forma se poderiam realizar estudos de linguística geral. É nesta medida que Saussure refere, neste artigo, a anti-historicidade da língua (*Ibidem*: 216 – 218).

¹ “En réalité tout ce qui est dans la langue vient souvent des accidents de sa TRANSMISSION, mais cela ne signifie pas qu'on puisse substituer l'étude de cette transmission à l'étude de la langue” (*Ibidem*: 55).

² “Il est très facile de voir, Messieurs, que la comparaison, loin d'être pour le linguiste la méthode fondamentale et préférée, n'est précisément que le dernier moyen auquel il recourt par nécessité en certains cas” (*Ibidem*: 173).

³ “Il n'y a de «langue» et de science de la langue qu'à la condition initiale de faire abstraction de ce qui précède, de ce qui relie entre elles les époques” (*Ibidem*: 217).

3.5. A continuidade e a transformação da língua

Numa das conferências proferidas em Genebra em 1891, Saussure propugna que a ciência da linguagem é uma ciência histórica, uma vez que a própria língua é um facto histórico:

À mesure qu'on a mieux compris la véritable nature des faits de langage, qui sont si près de nous, mais d'autant plus difficiles à saisir dans leur essence, il est devenu plus évident que la science du langage est une science historique et rien d'autre chose qu'une science historique.

(...) Plus qu'on étudie la langue, plus on arrive à se pénétrer de ce fait que *tout* dans la langue *est histoire*, c'est-à-dire qu'elle est un objet d'analyse historique, et non d'analyse abstraite, qu'elle se compose de *faits*, et non de *lois*, que tout ce qui semble *organique* dans le langage est en réalité *contingent* et complètement accidentel (*Ibidem*: 148 – 149).

Por isso, a língua é considerada um importante meio de conhecer uma época, uma sociedade, uma vez que, para todos os efeitos, a língua se encontra mesclada na vida dos povos, na vida política, social, literária, etc. (*Ibidem*: 149). Consequentemente, “La langue se différencie dans le temps, et en même temps elle se différencie ou se diversifie dans l'espace” (*Ibidem*: 151). Embora admita a transformação da língua, Saussure argumenta que uma grande prova de que a língua tem história é o facto da sua continuidade no tempo. Por isso, Saussure afirma que “il n'y a pas de langues filles ni de langues mères, il n'y en a nulle part, il n'y en a jamais eu” (*Ibidem*: 153). Apresenta então o exemplo por muitos apresentado: que o francês vem do latim, como no caso em que *chanter* vem do verbo latino *cantare*; para Saussure, tal não é plausível: *chanter* não vem do latim, mas é latim, o francês não deriva do latim, mas é latim:

Le français ne vient pas du latin, mais il *est* le latin, le latin qui se trouve être parlé à telle date déterminée et dans telles et telles limites géographiques déterminées. *Chanter* ne vient pas du latin *cantare*, mais il *est* le latin *cantare* (*Ibidem*).

Para Saussure, uma língua nunca morre, somente se o povo que a falar for exterminado, o que é uma causa exterior à língua e à sua continuidade, “ce ne sont pas là des causes *linguistiques*” (*Ibidem*: 154). A língua não é então um organismo, como até então muitos linguistas haviam defendido.

Por outro lado, ao lado da continuidade da língua, Saussure também considera um segundo princípio (apresentado na segunda conferência em Genebra, em Novembro de 1891): a transformação da língua através do tempo, que não entra em contradição com o primeiro:

Nous arrivons ainsi au second principe, de valeur universelle comme le premier, dont la possession peut faire connaître ce qu'est l'histoire des langues: c'est le point de vue du

mouvement de la langue dans le temps, mais d'un mouvement qui à aucun moment, *car tout est là*, n'arrive à être en conflit avec le premier principe de l'unité de la langue dans le temps (*Ibidem*: 157).

Embora considere que existe transformação, Saussure continua a negar a existência de línguas mães e línguas filhas, de línguas que nascem de outras línguas. No fundo, pretende mostrar que não há características permanentes na língua, somente transitórias e delimitadas no tempo¹. Deste modo, “il n’y a pas que des états de langue qui sont perpétuellement la transition entre l’état de la veille et celui du lendemain” (*Ibidem*: 165). E é nesse ponto que se dá a transformação: sempre que se produz algo na língua que conduza à transição de um estado a outro, este último estado de língua nunca permanecerá igual ao anterior². Desta forma, o acontecimento (*événement*) linguístico é a causa de determinado estado e o que o explica (*Ibidem*: 225). No entanto, a língua mantém-se a mesma e, nesse sentido, o princípio da transformação caminha ao encontro do princípio da continuidade (*Ibidem*: 166).

Para Saussure, nunca haverá um equilíbrio na língua pois haverá sempre transição de estados na língua³. Por outro lado, é nestes estados que a língua tem o poder de significar, pois é neles que os termos do sistema se relacionam e se diferenciam, “d’autre part, la langue hors de ce «pouvoir [de] signifier» cesserait d’être quoi que ce soit” (*Ibidem*: 226).

O princípio da transformação incessante das línguas é tido como absoluto, uma vez que não existe nenhuma língua que se caracterize pela sua imobilidade:

Il tombe régulièrement dans le sophisme de l’immobilité; il suppose naturellement qu’entre deux de ses sauts imaginaires la langue est dans un état d’équilibre et de repos, ou au moins d’équilibre opposable à ces sauts, tandis qu’il n’y a jamais en réalité un équilibre, un point permanent, stable dans aucun langage. Nous posons donc le principe de la transformation incessante des langues comme absolu. Le cas d’un idiome qui se trouverait en état d’immobilité et de repos ne se présente pas (*Ibidem*: 157 – 158).

No entanto, a língua escrita é considerada uma forma de coarctar a transformação da língua (*Ibidem*: 158).

Saussure considera que as modificações / transformações se produzem por uma necessidade constante de todas as línguas e que têm as mesmas características em todas as línguas (*Ibidem*: 159). Distingue então dois fenómenos distintos e independentes de modificações nas línguas: por um lado, há a modificação fonética; e, por outro, a modificação analógica. Estes dois fenómenos aparecem como os dois grandes factores de renovação linguística, representando o primeiro o lado fisiológico e físico da *parole*, e o segundo, o lado

¹ “Il n’y a jamais de caractères permanents, mais seulement transitoires et de plus délimitées dans le temps” (*Ibidem*: 165).

² “Chaque fois que se produit dans la langue un *événement*, petit ou grand, la conséquence en est, par évidence, que l’état réciproque des termes pris après l’événement n’est plus le même qu’auparavant” (*Ibidem*: 222).

³ “Un équilibre, une position réciproque des termes, n’est jamais donné” (*Ibidem*: 225).

psicológico (*Ibidem*). Estes dois fenómenos são caracterizados de forma opositiva. O primeiro diz respeito aos sons e o outro às formas gramaticais; o primeiro é inconsciente, o segundo consciente; um diz respeito ao som, o outro à ideia; um representa operações puramente mecânicas, o segundo operações inteligentes (*Ibidem*: 159 – 160).

Para perceber o fenómeno da analogia, Saussure afirma que o melhor será ouvir um miúdo de três ou quatro anos a falar. A sua linguagem é um verdadeiro conjunto de formações analógicas. Entre muitos exemplos que poderíamos referir, o miúdo dirá *eu dizi*, em vez de *eu disse*. A analogia é, assim, mais que uma transformação, uma criação, porém também é uma transformação porque todos os elementos do termo novo estão contidos e são dados nas restantes formas existentes na memória dos indivíduos. Assim, cada inovação analógica não será mais que uma aplicação nova dos elementos fornecidos pelo estado anterior da língua, não havendo “jamais de création *ex nihilo*” (*Ibidem*: 160). Nesta medida, tal como é apresentado também no *Cours*, mais do que alterar a língua, a analogia preserva-a:

C'est ainsi que le renouvellement analogique qui dans un sens est très destructif ne fait cependant jamais que continuer sans jamais pouvoir briser la chaîne des éléments transmis depuis l'origine des langues (*Ibidem*).

Portanto, apesar de parecer que as novas formas introduzidas pela analogia são em número reduzido, a verdade é que a língua envolve uma vasta rede de formações analógicas, umas mais recentes, e outras tão antigas que não se conseguem depreender:

Les formations nouvelles par analogie fussent réduites à presque rien dans la vie du langage. Mais en fait ce n'est pas le cas, et une langue quelconque à un moment quelconque n'est pas autre chose qu'un vaste enchevêtrement de formations analogiques, les unes absolument récentes, les autres remontant si haut qu'on ne peut les deviner (*Ibidem*: 161).

No atinente às transformações fonéticas, também estas ocorrem em todas as línguas e dizem respeito à transformação a nível do som das palavras.

Para além destes dois factores de transformação da língua, Saussure apresenta ainda como influentes nessa transformação o espaço, ou seja, a distância geográfica, que se vem associar à distância cronológica, nas palavras saussureanas¹. Efectivamente, para o linguista de Genebra, a língua não é igual /idêntica nas diferentes regiões em que é falada e, por isso, também as modificações fonéticas não ocorrem de forma semelhante nas diferentes regiões:

Le résultat de ce changement inévitable au bout de cent ou deux cents ans n'est *pas le même* sur les différents points de ce territoire (...). Les phénomènes arrivés dans l'instant sont toujours absolument précis et définissables, par exemple changement de *s* en *h*, mais ils ne sont pas les mêmes dans les différentes parties de l'aire géographique qu'on a à

¹ “Le facteur que nous avons jusqu'à présent systématiquement omis est celui de l'*espace*, de la distance *géographique*, venant se combiner avec la distance *chronologique*” (*Ibidem*: 166).

considérer; - et par conséquent la langue n'est plus identique dans les différents régions qu'on traversera (*Ibidem*: 167).

Deste modo, Saussure fala em descontinuidade geográfica (*Ibidem*: 291), admitindo a existência de dialectos e subdialectos, ou seja, fragmentação dialectal e, por isso, "tout idiome que l'on peut citer n'est généralement qu'une des multiples formes géographiques sous lesquelles se présente le même parler dans une région un peu étendue" (*Ibidem*: 167). No entanto, tal como o autor alerta, não há razão para se pensar que haja desordem na língua:

Au milieu de cette immense multiplicité de formes, je fais cette remarque pour éviter une fausse représentation, il serait faux de supposer que nous ayons de la peine à nous retrouver, et qu'on ait devant soi le tableau d'un immense désordre (*Ibidem*: 168).

Porém, Saussure prefere falar em **características dialectais** em vez de dialectos, uma vez que considera impossível delimitar os dialectos geograficamente e, portanto, também "il n'y a pas de langues délimités dans les conditions normales" (*Ibidem*: 172). Da mesma forma, falar em línguas distintas e separadas é uma noção que só faz sentido à distância, pois a pouca distância (nas zonas limítrofes) não se sabe bem onde termina uma e começa a outra¹.

Para Saussure, os dialectos estariam na origem/distinção das línguas dentro das designadas famílias de línguas. No indo-europeu surgiriam o germânico, o eslavo, o celta, etc. As línguas mais próximas geograficamente seriam também mais semelhantes, pois haveria uma transição entre dialectos². Porém, no caso do eslavo e do germânico existem diferenças bruscas, embora vizinhos. Saussure explica esse facto através da afirmação de que dialectos haviam perecido porque tanto os eslavos como os germânicos eram povos que nunca se mantinham no seu território:

Mais en attendant, prenons frontière germano-slave, saut brusque. (...) Possible, mais ces dialectes ont péri, et une des causes qui ont pu cent fois les faire périr, c'est que ni Germains ni Slaves ne sont restés en place dans leur propre territoire. La région intermédiaire est depuis longtemps couverte par des dialectes qui ne sont pas de cette région (*Ibidem*: 317).

Nesta citação está presente a noção de *intercomunicação* (*intercourse*) entre povos diferentes com línguas diferentes, na medida em que estes se influenciam linguisticamente.

Assim, numa superfície geográfica multilingue o que acontece é um fraccionamento da língua primitiva, formando as chamadas famílias de línguas, que no início eram a mesma³.

¹ "Dans un tel état, la notion de langues séparées n'est qu'une notion de distance. À petite distance, on ne sait pas si l'on [est] dans l'un ou dans l'autre" (*Ibidem*: 316).

² "Grand exemple de la famille indo-européenne. D'une manière générale, on remarque fort bien que chacun des idiomes est la transmission entre deux ou plusieurs autres" (*Ibidem*: 317).

³ "Une surface géographique unilingue est fatalement vouée à devenir une surface multilingue par fractionnement du type de langue primitif" (*Ibidem*: 318).

Do mesmo modo que a língua não se pode definir no tempo, também não se pode definir no espaço (*Ibidem*: 172). No entanto, com o passar do tempo, consegue perceber-se uma certa separação geográfica no que concerne às diferenças de determinado idioma. Essas diferenças podem ser de todo o tipo e de “tout ordre classées vocabulaire, grammaire, phonétique, prononciation” (*Ibidem*: 291). Não obstante, esta ideia de diferença geográfica apela sempre à ideia de unidade, que se encontra no passado e no tempo¹.

As diferenças geográficas dão ainda origem a diferenças evolutivas (*Ibidem*: 293) e, por isso, se fala em famílias de línguas que, no fundo, é a mesma língua, pois o que acontece é a “diversification d’une langue *originaiement* une” (*Ibidem*: 309). Não obstante, Saussure admite a comparação de línguas, não uma comparação histórica, mas uma comparação sobre a organização gramatical das mesmas², ou seja, um estudo mais virado para a sincronia.

Efectivamente, a primeira constatação que o linguista faz é a pluralidade de formas de língua existentes na terra. Com efeito, embora a variação da língua não seja perceptível desde logo à observação do linguista, o oposto acontece com a variação no espaço:

Tandis que la variation de la langue dans le temps échappe forcément d’abord à l’observateur, il est impossible que la variation dans l’espace lui échappe (*Ibidem*: 307).

Na verdade, esta variação no espaço está também muito próxima da variação no tempo (*Ibidem*), uma vez que a modificação jamais conduz a um resultado idêntico em determinado espaço:

C’est que la modification n’aboutit jamais à un résultat identique pour toute la surface. Il arrive toujours qu’au moins une partie de modifications prenne des directions différentes dans les différents points de la surface; et ainsi à la modification dans le Temps correspond toujours du même coup une diversification dans l’espace (*Ibidem*: 310)

O linguista de Genebra acrescenta ainda que o grande facto seguro e verdadeiro relativamente ao tempo concerne ao facto de que qualquer língua, decorrido um período mais ou menos largo de tempo (por exemplo 500 anos), nunca permanecerá a mesma. Com efeito, não há exemplo de imobilidade absoluta na língua. Para Saussure, um princípio que se revela absoluto e universal é o movimento da língua através do tempo³. Este movimento da língua, diverso ou semelhante, rápido ou lento, nunca é parado. No entanto, em períodos agitados por guerras, por perturbações civis ou por crises nacionais, este movimento de mudança pode ser

¹ “Différence géographique appelle l’idée d’*unité*. Où se trouve cette unité? Elle se trouve dans le passé, donc dans le temps” (*Ibidem*: 293).

² “Toute comparaison est-elle interdite? Toute comparaison historique, oui, mais non toute comparaison sur l’organisation grammaticale” (*Ibidem*: 309).

³ “Il n’y a pas d’exemple d’immobilité absolue. Ce qui est absolu, c’est le principe du mouvement de la langue dans le temps. Mouvement qui se fait de façon diverse et plus ou moins rapide selon le cas, mas fatalement” (*Ibidem*: 311).

acelerado.

Por outro lado, este movimento das línguas é por vezes ocultado pelas línguas literárias, pois estas tendem a ser imóveis. Todavia, a língua literária não é a língua viva e verdadeira que se encontra no seio da massa social:

En effet toute langue littéraire, une fois qu'elle a réussi à se former quelque part, est relativement immobile, en tout cas n'est pas propre à nous faire sentir à quel point la langue vraie, la langue librement vivante au sein d'une masse sociale est une matière qui se modifie en fonction du temps (*Ibidem*: 312).

Na verdade, estas línguas literárias são consideradas um produto geográfico sobreposto a outro, ou seja, sobreposto à língua natural da massa social¹. O facto de as línguas literárias viverem sobrepostas, não tendo as mesmas condições de vida das línguas naturais, justifica em que medida elas resistem à mudança geral.

Desta forma, lembrando a mobilidade da língua no tempo e no espaço, Saussure afirma a esse respeito que a modificação é sempre uma coisa relativa unicamente no atinente ao tempo, uma vez que é diferente no que concerne ao espaço². Por conseguinte, o tempo, mesmo reduzido a um só lugar no espaço, produzirá modificação; pelo contrário, o espaço sem o tempo não produz nenhuma. No fundo, a diferença geográfica não é mais que a projecção de modificações no tempo e é aí que reside toda a formação dos dialectos ou características dialectais.

Desta forma, Saussure entra, à primeira vista, em confronto com a teoria de Johannes Schmidt (1843 – 1901), a *Wellentheorie* ou teoria das ondas. Para este, os fenómenos linguísticos propagavam-se em forma de ondas desde o centro até à periferia, extinguindo-se gradualmente (Černý 1998: 104). Esta teoria explica o facto de haver miscigenação entre as várias línguas que, aparentemente, nada têm em comum. Porém, este confronto minimiza-se, na medida em que o linguista suíço defende, simultaneamente, a continuidade e a alteração da língua:

Mais il fallut un écrit qui fit du bruit, publié en 1877 par Joh. Schmidt, *Die Verwandtschaftsverhältnisse der Indogermanischen Sprachen*. Ce n'est pas ici le lieu d'entrer dans le débat sur le fait: nous n'avons voulu qu'opposer les deux conceptions. Pour ce qui est du fait, il s'ajoute cette considération capitale que les idiomes indo-européens forment une chaîne de transitions, que la contiguïté de *a* e *b* correspond à des caractères communs plus ou moins marqués, ce qui est décisif pour croire à un développement dans la continuité géographique. Depuis cette date, à la théorie des migrations fut opposée en ce qui concerne la famille indo-européenne la théorie du développement continu (*Wellentheorie*).
Théoriquement, le développement séparé constitue forcément le cas secondaire et non le

¹ “La présence de ces langues littéraires a été signalée précédemment dans notre cours, comme représentant un produit géographiquement superposé à l'autre, géographiquement superposé à la langue naturelle” (*Ibidem*: 312).

² “On voit aussi la vérité de ce que nous disions: c'est que la modification reste une chose relative au temps seul, malgré qu'elle soit différente dans l'espace” (*Ibidem*).

cas primaire à considérer (...). On ne peut apprécier les effets de la discontinuité que par rapport à ceux de la continuité (Saussure 2002: 324 – 325).

Do exposto, podemos parafrasear Saussure e o seu artigo sobre Whitney e afirmar que, contrariamente aos linguistas anteriores a Bopp, a língua não é comparável a uma posição das peças numa partida de xadrez (que não tem nada que anteceda nem que se siga). A língua é como toda a partida do jogo de xadrez, que comporta várias posições, mudanças, diferentes valores, etc.:

Les théoriciens du langage avant la fondation et les praticiens de la linguistique après Bopp n'ont cessé de considérer la langue comme UNE POSITION d'échecs (qui n'aurait *ni antécédent ni suite*), se demandant quelle était, dans cette position, la valeur, la puissance, respective des pièces.

(...) Une langue n'est comparable qu'à la *complète* idée de la partie d'échecs, comportant à la fois les *positions* et les *coups*, à la fois des *changements* et d'*états* dans la succession (rien n'empêche, pour introduire dans la comparaison un trait assez essentiel, de supposer le joueur tout à fait absurde et inintelligent comme l'est le hasard des événements phonétiques et autres dans (*Ibidem*: 207).

Efectivamente, a língua é um produto histórico¹, reorganizando o seu sistema constantemente sem, no entanto, deixar de passar a ideia de estabilidade (*Ibidem*: 267).

3.6. A língua / linguagem como objecto de estudo

Enquanto no *Cours* a linguagem é claramente apresentada como objecto de estudo da linguística enquanto ciência, o mesmo não acontece nos *Écrits*. Com efeito, a indagação saussureana sobre a linguagem apresenta-nos esta última como algo desconhecido, misterioso e enigmático para quem se proponha estudá-la:

Compte des causes qui font du langage un objet situé hors de toute comparaison et *non classé* ni dans l'esprit des linguistes ni dans l'esprit des philosophes (*Ibidem*: 257).

A língua é apresentada por Saussure, na primeira conferência de Novembro de 1891 em Genebra, como tendo um valor próprio que, por isso, deve ser alvo de estudo adequado e conhecimento geral (*Ibidem*: 145).

Tal como surge no *Cours*, a linguagem é apresentada como algo complexo e de difícil análise:

Celui qui se place devant l'objet complexe qu'est le langage pour faire son étude abordera nécessairement cet objet par tel ou tel côté (*Ibidem*: 22).

¹ “Que le langage soit, à chaque moment de son existence, *un produit historique*, c'est ce qui est évident” (*Ibidem*: 209).

Por isso, há muitos pontos de vista que se podem adoptar, aumentando o grau de subjectividade e diminuindo a generalização do estudo:

Or il y a ceci de primordial et d'inhérent à la nature du langage que, par quelque côté qu'on essaie de l'attaquer – justifiable ou non –, on ne pourra jamais y découvrir d'*individus*, c'est-à-dire d'êtres (ou de quantités) déterminés en eux-mêmes sur lesquels s'opère *ensuite* une généralisation (*Ibidem*: 23).

Por isso, na conferência citada, Saussure se questiona sobre se vale a pena ou não ter a língua como objecto de estudo. A resposta é clara: vale a pena... principalmente pela importância que tem a linguagem articulada, que nos distingue dos restantes animais, visto que foi ela que nos fez evoluir:

Le langage ou la langue peut-il donc passer pour un objet qui appelle, par lui-même, l'étude? (...) Ce qui est clair, comme on l'a répété mille fois, c'est que l'homme sans le langage serait peut-être *l'homme*, mais qu'il ne serait pas un être se rapprochant même approximativement de l'homme que nous connaissons et que nous sommes, parce que le langage a été le plus formidable engin de l'action collective d'une part, et d'éducation individuelle de l'autre, l'instrument sans lequel en fait l'individu ou l'espèce n'auraient jamais pu même aspirer à développer dans aucun sens ces facultés natives (*Ibidem*: 145).

Porém, o que acontece, e é criticado em termos saussureanos, é que se tem transformado o estudo das línguas num estudo da linguagem, considerada como faculdade do homem e, portanto, encarada do ponto de vista antropológico¹. Para Saussure, o estudo da linguagem está contido no estudo das línguas², pois, no fundo, a “*langue et langage ne sont qu'une même chose; l'un est la généralisation de l'autre*” (*Ibidem*: 146). Dessa forma, estudar a linguagem sem estudar as suas diferentes manifestações (línguas) é para, o linguista genebrino, “*une entreprise absolument vaine, et chimérique*” (*Ibidem*). No entanto, estudando estas línguas ter-se-á em consideração que estas são regidas por alguns princípios que são resumidos na ideia de linguagem – universais linguísticos.

No que diz respeito à *parole*, Saussure defende que ela só é estudada por meio do estudo das diferentes línguas³. Efectivamente, na conferência de Genebra de 1981, o linguista advoga que não há separação entre o estudo da linguagem e o estudo das línguas, ou o estudo de diferentes línguas, uma vez que cada língua importa para compreender o facto universal da linguagem:

Qu'il n'y a pas de séparation entre l'étude du langage et l'étude des langues, ou l'étude de

¹ “Vous transformez l'étude des langues en l'étude du langage, du langage considéré comme faculté de l'homme, comme un des signes distinctifs de son espèce, comme caractère anthropologique” (*Ibidem*: 145 – 146).

² “C'est qu'en effet l'étude du langage comme fait humain est tout entier ou presque tout entier contenu dans l'étude des *langues*” (*Ibidem*: 146).

³ “À supposer même que l'exercice de la parole (...) n'est abordable pour la science que pour le côté de la langue ou par le côté des langues *existantes*” (*Ibidem*).

telle ou telle langue ou famille de langues; mais que d'un autre côté chaque division et subdivision de langue représente un document nouveau, et intéressant au même titre que tout autre, pour le fait universel du langage (*Ibidem*: 147).

No entanto, Saussure salienta ainda nos *Écrits* que a linguística não tem um objecto de estudo definido, visto existirem tantos pontos de vista no estudo linguístico:

Rappelons-nous en effet que l'*objet* en linguistique n'existe pas pour commencer, n'est pas déterminé en lui-même. Dès lors parler d'un objet, *nommer* un objet, ce n'est pas autre chose qu'invoquer un point de vue A déterminé.

(...)

Dans le langage, de quelque côté qu'on l'aborde, il n'y a point d'individus délimités et déterminés en soi, et qui se présentent nécessairement à la attention (*Ibidem*: 23 e 26).

Por outro lado, a língua é um objecto de estudo tão complexo que todas as imagens ou comparações que se façam dão uma imagem errada da língua:

Il n'existe pas d'objet tout à fait comparable à la langue qui est un être très complexe, et c'est ce fait que toutes les comparaisons et toutes les images dont nous nous servons habituellement aboutissent régulièrement à nous en donner une idée fautive par quelque point (*Ibidem*: 152).

Assim, todo o trabalho do linguista culmina na delicada tarefa de propor a definição das *unidades*. Para o linguista de Genebra, há uma unidade absoluta, que é a *identidade*, e *unidades possíveis*, das quais se distinguem duas ordens:

- aquelas que resultam da divisão racional ou não da cadeia sonora, ou sintagma, em diferentes fracções e que serão as unidades do mesmo corpo concreto;

- aquelas que resultam da classificação das unidades da primeira ordem em relação com outras unidades da mesma ordem, tomadas de outros sintagmas e tidas como semelhantes em nome de tal ou qual característica. Desta forma, obtém-se uma unidade abstracta, mas que pode considerar-se unidade tal como as anteriores.

Nenhuma destas duas séries de unidades obtidas são mais que uma, por isso se considera tão difícil a tarefa do linguista de definição das unidades (*Ibidem*: 26).

Do explanado, a língua é encarada como constituindo um conjunto de oposições ou diferenças que ela própria reconhece, não se preocupando com o valor absoluto de cada um dos termos opostos, uma vez que poderão variar sem que o estado de língua se perca. A margem que existe para reconhecer determinado valor é denominada por Saussure como «flutuação». Dessa forma, em todos os estados de língua, podem verificar-se «flutuações»:

Nous tirons de là, d'une manière générale, que la langue repose sur un certain nombre de *différences* ou d'*oppositions qu'elle reconnaît* et ne se préoccupe pas essentiellement de la valeur absolue de chacun des termes opposés, qui pourra considérablement varier sans que l'état de langue soit brisé.

La latitude qui existe au sein d'une valeur reconnue peut être dénommée «fluctuation». Dans tout état de langue on peut rencontrer des *fluctuations* (*Ibidem*: 36).

Do mesmo modo, poderá existir *flutuação fonética* associada a uma *latitude de pronúnciação*, uma vez que os indivíduos não pronunciam as palavras de forma igual, sem, no entanto, impedir a compreensão da mensagem:

On peut distinguer au premier d'abord dans le langage, celui que nous appellerons la FLUCTUATION phonétique, mérite d'être dès le début tiré de la masse et posé à la fois comme unique en son genre, et tout à fait caractéristique du principe négatif qui est au fond du mécanisme de la langue.

Il existe probablement dans toute langue certains éléments ou certains groupes qui offrent, on ne sait pourquoi, une *latitude de prononciation*, pendant que la grande majorité est absolument inflexible dans la façon de se prononcer (*Ibidem*: 71)

Embora diferentes, os sons pronunciados são aceites pela comunidade linguística “comme valant la même chose” (*Ibidem*: 72), isto é, como tendo o mesmo valor.

3.7. Linguagem, língua e fala

Indo ao encontro do que surge no *Cours*, a linguagem surge nesta obra definida como um fenómeno, o exercício de uma faculdade inerente ao homem¹. Por sua vez, a língua faz parte da linguagem mas é tomada como um conjunto de formas partilhadas numa colectividade e numa época determinada². Com efeito, a linguagem é uma espécie de generalização da língua ou línguas (*Ibidem*: 306).

Portanto, a língua é caracterizada como um facto social, uma vez que o indivíduo só usa a língua porque está inserido numa colectividade que o preparou para falar essa língua³. A linguagem surge ainda, nas notas para um artigo sobre Whitney, caracterizada como sendo regida por relações e “des formules mathématiques” (*Ibidem*: 206). Remetendo para a bibliografia saussureana, está aqui presente e reiterada a influência das ciências exactas, nomeadamente a matemática.

Sublinhando o artigo supra citado, nele Saussure enaltece Whitney por ter transformado a linguística ao afirmar que a linguagem é *uma instituição humana*. Também para o mestre de Genebra, a linguagem é uma instituição humana, mas distinta das demais por não ser baseada em relações naturais com as coisas como as outras. Foi neste aspecto que Whitney falhou. Não sublinhou que a linguagem é uma instituição sem comparação:

¹ “Le langage est un phénomène; il est l'exercice d'une faculté qui est dans l'homme” (*Ibidem*: 129).

² “La langue est l'ensemble des formes concordantes que prend ce phénomène chez une collectivité d'individus et à une époque déterminée” (*Ibidem*).

³ “La langue est un fait social. L'individu, organisé pour parler, ne pourra arriver à utiliser son appareil que par la communauté qui l'environne” (*Ibidem*: 178).

Les autres institutions, en effet, sont toutes fondées (à des degrés divers) sur les rapports NATURELS des choses, sur une convenance (...)
Mais le langage et l'écriture ne sont PAS FONDÉS sur un rapport naturel des choses. Il n'y a aucun rapport à aucun moment entre un certain son sifflant et la forme de la lettre S, et de même il n'est pas plus difficile au mot *cow* qu'au mot *vacca* de désigner une vache.
C'est ce que Whitney ne s'est jamais lassé de répéter pour mieux faire sentir que le langage est une institution pure. Seulement cela prouve beaucoup plus, à savoir que le langage est une institution SANS ANALOGUE (*Ibidem*: 211).

Nos *Écrits*, dentro da *parole*, Saussure estabelece a distinção entre *parole* efectiva e *parole* potencial. Por *parole* efectiva entende o que chama *sintagma*, ou a combinação dos elementos contidos num segmento de fala real ou ainda o regime no qual os elementos se encontram unidos entre eles pelo que lhes segue e pelo que lhes precede. Por seu turno, a *parole* potencial, também designada *paralelia*¹, seria a colectividade de elementos concebidos e associados pela mente ou o regime no qual um elemento leva uma existência abstracta entre outros elementos possíveis (*Ibidem*: 61).

Deste modo, todo o elemento vocal e também morfológico está submetido a existir sobre dois regimes: um no qual se define em relação com o que o segue ou precede, e outro no qual é definido em relação a todos os elementos possíveis. Este último regime diz respeito à *paralelia*, que só existe e é determinada “par la présence d'autres” (*Ibidem*: 62). No fundo, a *paralelia* é dada pela diferença com as outras *paralelias*.

Deste modo, a língua */langue* e a fala */parole* é outra dualidade presente na linguagem. Por sua vez, o signo, de essência dupla em si mesmo, comporta também outra dualidade pela sua existência em dois sistemas, nos quais é manipulado². Portanto, a língua está consagrada socialmente e não depende do indivíduo. A *parole*, por seu turno, pertence à esfera individual e é a partir dela que existe *fonação*³.

3.8. Discurso e frase

O discurso, do domínio da *parole*, assume nos *Écrits* um papel de relevo que no Cours nem mereceu sequer menção. No fundo, a língua só existe na medida em que cria o discurso⁴. Qual é então a diferença entre o discurso e a língua? – é a questão saussureana. A resposta define o discurso como o laço que se estabelece entre dois conceitos que se apresentam

¹ *Parallélie* em francês.

² “le signe, préalablement double par l'association intérieure qu'il comporte et double par son existence en deux systèmes, est livré à une manutention double” (*Ibidem*: 299).

³ “La langue est consacrée socialement et ne dépend pas de l'individu. Est de l'Individu, ou de la Parole: a) Tout ce qui est Phonation” (*Ibidem*).

⁴ “La langue n'est créée qu'en vue du discours” (*Ibidem*: 277).

revestidos de forma linguística; a língua só realiza conceitos isolados, que estão à espera de ser relacionados entre si [através do discurso] para que haja significação de pensamento:

Le discours consiste, fût-ce rudimentairement, et par des voies que nous ignorons, à affirmer un lien entre deux des concepts qui se présentent revêtus de la forme linguistique, pendant que la langue ne fait préalablement que réaliser des concepts isolés, qui attendent d'être mis en rapport entre eux pour qu'il y ait signification de pensée (*Ibidem*: 277).

A frase pertence também à *parole*, enquanto *lingua discursiva* (*Ibidem*: 117). Saussure começa por distinguir a frase do rito, porque, enquanto o segundo se limita a uma repetição de uma sequência de actos, a frase tem sempre algo de criador (*Ibidem*: 94 – 95). Para explicar melhor esta asserção, o linguista serve-se da analogia com a actividade de um compositor de música, que é em tudo distinta dos executantes (*Ibidem*: 95).

Tal como se leu no *Cours*, também nesta obra as modificações, sejam fonéticas, sejam analógicas, ocorrem exclusivamente no domínio do discurso, isto é, da *parole*, pois toda a inovação surge por improvisação, falando, e depois é que é introduzida na língua:

Toutes les modifications, soit phonétiques, soit grammaticales (analogiques) se font exclusivement dans le discursif. Il n'y a aucun moment où le sujet soumette à une révision le trésor mental de la langue qu'il a en lui, et crée à tête reposée des formes nouvelles (...). Toute innovation arrive par improvisation, en parlant, et pénètre de là soit dans le trésor intime de l'auditeur ou celui de l'orateur, mais se produit donc à propos du langage discursif (*Ibidem*).

Saussure distingue na frase o sujeito, o predicado e a conjunção (*Ibidem*: 101). Estes nada têm a ver com as partes do discurso, distinguidas de acordo com outro princípio. Assim, o sujeito pode ser um substantivo, ou um pronome, ou um adjetivo, ou mesmo um verbo no infinitivo; o predicado pode ser também tudo atrás enunciado; e a conjunção pode ser uma conjunção ou um advérbio:

Dans la proposition tout se réduit au sujet et au prédicat et 3°, à ce que je crois, à la conjonction (vocatifs à réserver).

Mais le sujet et le prédicat n'ont rien à voir avec les «parties du discours», distinguées sur un autre principe:

a) Le sujet peut être un substantif, ou un pronom, ou un adjectif ou un non de nombre comme immédiate évidence. Mais de même un verbe (infinitif), car voyez plus bas pourquoi l'infinitif ne change pas la nature du verbe.

b) Prédicat peut être également tout cela.

c) Conjonction peut être «conjonction» ou adverbe (*Ibidem*).

O linguista de Genebra advoga ainda que uma frase pode conter uma só palavra, realçando o valor da palavra (*Ibidem*: 102).

3.9. Semiologia

Procurando delimitar a linguística enquanto ciência, o linguista suíço relembra as discussões contemporâneas para saber se a linguística se inseria nas ciências naturais ou nas ciências históricas ou sociais. Para ele, não pertencia a nenhuma das duas ordens. Melhor se inseriria num *compartimento* próprio que a existir deveria designar-se *semiologia*. Esta seria a ciência dos signos, ou seja, o estudo do que se produz quando o homem procura expressar / significar o seu pensamento por meio de uma convenção necessária:

On a discuté pour savoir si la linguistique appartenait à l'ordre des sciences naturelles ou des sciences historiques. Elle n'appartient à aucun des deux, mais à un compartiment des sciences qui, s'il n'existe pas, devrait exister sous le nom de *sémiologie*, c'est-à-dire science des signes ou étude de ce qui se produit lorsque l'homme essaie de signifier sa pensée au moyen d'une convention nécessaire (*Ibidem*: 262).

A par da língua, existem outros sistemas semiológicos, no entanto a língua (tal como a escrita) é o único sistema que está sob influência do tempo (ao ser transmitida de geração em geração) e, por isso, muitos linguistas continuam a acreditar que a linguística é eminentemente histórica, quando não é nada mais do que semiológica:

Et ce même fait accapare en revanche tellement l'attention des linguistes que ceux-ci en sont à croire pour cela que leur science est historique ou éminemment *historique*, n'étant rien autre que *sémiologique* (*Ibidem*).

Nesta medida, tendo em conta os princípios de todo o sistema semiológico, a linguística terá também definido alguns princípios (*Ibidem*: 263):

1. Na linguística não há diferentes pontos de vista, somente dois obrigatórios: o sincrónico e o metacrónico;
2. O facto linguístico não distingue *elemento* e *carácter*, isto é, não distingue uma coisa e o que a constitui;
3. Todo o facto linguístico consiste numa relação e nada mais do que isso;
4. Todo o facto linguístico supõe dois termos, os quais podem ser sucessivos ou sincrónicos;
5. As entidades linguísticas existem pela diferença que estabelecem entre si;
6. Nenhuma lei que exista para termos contemporâneos tem sentido obrigatório;
7. Há três maneiras de existir e analisar a língua: pancronicamente, idiossincronicamente e diacronicamente.

Neste seguimento, Saussure apresenta a linguagem como tendo duas características universais e primordiais. A primeira é que a linguagem vive por meio de diferenças; a

segunda é que este jogo destas diferenças é a cada momento excessivamente restringido comparativamente ao que poderia ser:

Le premier caractère universel du langage est de vivre au moyen des différences et des *différences seules*, sans aucune mitigation comme celle qui proviendrait de l'introduction d'un terme positif quelconque à un moment quelconque. Toutefois le second caractère est que le jeu de ces différences est à chaque moment excessivement restreint comparativement à ce qu'il pourrait être (*Ibidem*: 264).

Portanto, não existe nenhum elemento na linguagem que tenha valor por si mesmo. Da mesma forma, corrobora-se “*l'impossibilité de créer un synonyme, comme étant la chose plus absolue et la plus remarquable qui s'impose parmi toutes les questions relatives au signe*” (*Ibidem*: 265).

3.10. Fonética e fonologia

O linguista entra no domínio da fonética quando se dedica ao estudo do plano fisiológico e acústico da língua, fazendo abstracção de todo e qualquer sentido que as palavras possam ter:

Ainsi bien des linguistes pensent s'être placés sur le terrain physiologico-acoustique en faisant abstraction du sens du mot pour en considérer les éléments vocaux, disant que le mot *champ* au point de vue vocal est identique au mot *chant* en disant que le mot comporte une partie vocale qu'on va considérer, plus une autre partie, etc. (*Ibidem*: 24).

Assim, a fonética estuda o domínio dos sons, das figuras vocais, que em si mesmas e por si mesmas, não significam nada. Contudo, convém ressaltar que estuda os sons, “*mais de sons dans leur succession régulière*” (*Ibidem*: 297).

Para Saussure, o som é o elemento mais irreduzível da estrutura da língua¹. Por isso, é a presença de determinado som em oposição a outros presentes que determina o seu **valor**. Aqui está presente já o **princípio das oposições**, também designado pelo linguista genebrino, dos **valores recíprocos**, ou das **quantidades negativas e relativas** que existem num estado de língua (*Ibidem*: 25). A partir daqui, Saussure entra no campo da fonologia, referindo-se aos sons já como fonemas. Assim, é a correlação que se estabelece entre dois ou mais fonemas que define o seu valor na língua. Do mesmo modo, a correlação de dois fonemas com a conexão de significações diferentes estabelece o seu valor recíproco, deixando entrever a identidade, isto é, a diferença da significação e do valor:

¹ “*La présence d'un son dans une langue est ce qu'on peut imaginer de plus irréductible comme élément de sa structure*” (*Ibidem*: 25).

Présence d'un phonème = son opposition avec les autres phonèmes présents, ou sa *valeur* par rapport à eux.

Corrélation de deux sons (sans «signification») = leur opposition mutuelle, leur *valeur* l'un par rapport à l'autre.

Corrélation de deux phonèmes avec corrélation de «significations» différents = toujours simplement leur *valeur* réciproque. C'est ici que l'on commence à entrevoir l'identité de la *signification* et de la *valeur* (*Ibidem*).

Porém, Saussure não considera que o estudo da fonética seja assim tão linear. É evidente que, para estudar os sons, a fonética tenha também de recorrer e ocupar-se em primeiro lugar das formas. Efectivamente, os sons não se transmitem de uma geração a outra de forma isolada; os sons só existem e se modificam no seio das palavras:

Il est évident d'abord que la phonétique, tout en s'occupant des sons, et pour pouvoir le faire, est obligée en premier lieu de s'occuper des formes. Les sons ne se transmettent pas d'une génération à l'autre à l'état isolé; les sons n'existent, ne vivent et ne se modifient qu'au sein des mots (*Ibidem*: 180).

Deste modo, separar o estudo fonético do morfológico não é assim tão linear.

No atinente a regras, Saussure afirma peremptoriamente que as regras de fonética instantânea se constituem sempre como a substituição de determinado elemento por um outro:

Toutes les règles de phonétique instantanée ont en réalité pour sempiternelle substance de dire qu'un élément β (dans les circonstances qu'on indique) est le substitut d'un élément a (*Ibidem*: 58).

Efectivamente, todas as regras de fonética instantânea giram à volta de dois elementos que mudam¹.

Não obstante admitir a existência de regras impostas pelos gramáticos, Saussure tem uma posição muito crítica relativamente àquelas e àqueles, defendendo que existe uma grande falta de método e direcção no estabelecimento de qualquer regra (*Ibidem*: 56). Por outro lado, sendo que a regra fonética gira à volta de dois elementos, ela é a expressão de uma alternância, sendo um “fait essentiellement morphologique” (*Ibidem*: 59).

Desta forma, como características essenciais da regra fonéticasurge o facto de esta supor dois termos e de eles serem simultâneos. Por isso, Saussure afirma que é sempre teoricamente impossível formular uma regra de fonética instantânea, também porque esta carecerá sempre de regularidade, pois o sistema linguístico considerado num momento dado nada tem de fonético:

Une règle de «phonétique instantanée» est toujours *théoriquement* impossible à formuler d'une manière satisfaisante et rationnelle, mais sera toujours en outre *pratiquement* sans aucune garantie de «régularité».

¹ “Toute règle de phonétique instantanée se mouvant entre deux termes $a - \beta$ qui s'échangent” (*Ibidem*: 58).

Dans un système considéré dans un moment donné, il est évident que rien ne peut être *phonétique* (*Ibidem*: 61).

Deixando de lado a fonética instantânea, Saussure afirma que acreditar-se que, para analisar um facto fonético, é necessário ter presente duas épocas é um dos erros mais típicos da linguística contemporânea. Para ele, as duas épocas são necessárias para constituir o facto fonético, para o modificar e, a partir daí, estabelecer leis:

Bornons-nous à affirmer que bien avant qu'il faille deux époques pour *expliquer* un fait phonétique, c'est-à-dire le ramener à une loi, il faut déjà régulièrement deux époques pour le constituer et le modifier régulièrement pour lui permettre d'*exister*, et d'*être* un des objets que nous ramenons à des lois (*Ibidem*: 177).

A fonologia, por sua vez, é encarada por Saussure como o estudo da fonação, da fisiologia do som (*Ibidem*). Totalmente independente e distinto da fonética e da própria linguística, a fonologia, tal como escreve nas notas para uma artigo sobre Whitney (*Ibidem*: 205 -206), constitui-se como uma ciência auxiliar muito importante da linguística (*Ibidem*: 82), uma vez que nos ajuda a compreender como são produzidos os sons¹.

3.10.1. As modificações fonéticas

Saussure estabelece a distinção entre duas espécies de modificação que podem ocorrer no tempo:

- uma palavra pode mudar de significação;
- e uma palavra pode mudar de forma (ou de som), isto é, altera-se materialmente.

Para Saussure, a mudança de significação não tem qualquer valor como facto que resulte do tempo, uma vez que essa alteração é possível em todos os instantes e não exclui a significação precedente que se torna concorrente da seguinte. Embora a modificação de forma consista na substituição de um termo por outro, supõe a presença sucessiva de duas épocas. Por outro lado, como a significação não é mais que uma maneira de expressar o valor de uma forma, valor este que depende totalmente das outras formas coexistentes em cada momento, é, pois, quimérico pretender ver a modificação somente na significação em si mesma. Já que uma forma se modifica e com ela outras demais, e com estas todas as significações, só se poderá falar em modificação de significação em relação ao conjunto. Por conseguinte, não se poderá falar de modificação semântica isoladamente, somente se ocorrer uma modificação

¹ “Je crois au contraire qu'il y aurait intérêt (...) en quoi la connaissance de la production des sons contribuerait pour une part plus ou moins grande à notre connaissance de la langue” (*Ibidem*: 177).

fonética (ao nível da forma) poderá haver alteração de significação (*Ibidem*: 41). É nesta medida que a fonética se insere na sucessividade da língua, que é exterior à significação¹.

Por outro lado, é na medida em que existem estas modificações que se pode falar em história da língua tomada em duas perspectivas, quer da forma, quer do sentido. Por isso, a modificação ocorre, em termos saussureanos, de forma quadruplamente combinada: há mudança das figuras vocais, da sua combinação geral como signos, da sua combinação geral com a ideia e da sua combinação particular:

Il existe une histoire de la langue prise par le double côté de la forme et du sens (c'est-à-dire une morphologie historique): ou une possibilité de suivre le mouvement quadruplement combiné du changement des figures vocales, de leur combinaison générale comme signes, de leur combinaison générale avec l'idée, et de leur combinaison particulière (*Ibidem*).

As modificações fonéticas, isto é, modificações ao nível dos sons, têm um carácter matemático e, por isso, se fala comumente em lei fonética².

3.10.2. A alternância

Para Saussure, a alternância tem um carácter universal. Embora sendo atribuída a condições fonéticas, a alternância é do domínio morfológico, visto que os termos presentes na alternância são instantâneos:

Tantôt est possible discerner dans quelles conditions (dites «phonétiques») se produit chacun des termes de l'alternance, ou au moins l'un des deux ainsi [] (note: en réalité pour nous, comme il résulte de tout ce travail, on les considère comme éminemment *morphologiques* puisqu'elles sont instantanées) (*Ibidem*: 63).

A alternância é aqui apresentada como as diferenças vocais (e não fonéticas) que existem no mesmo momento entre formas que se considera que representam, por alguma razão, uma unidade morfológica mais ou menos grande, mas excluindo a unidade última, que é a identidade morfológica (*Ibidem*: 30). Saussure fornece o exemplo *couloir* e *vouloir*, no qual existe alternância de *c* e *v* (*Ibidem*: 261). No entanto, nem sempre a alternância é tão linear e entendida como a permutação de letras em palavras diversas. A alternância pode também ser entendida como a coexistência de signos diferentes, sejam equivalentes ou sejam opostos na sua significação (*Ibidem*: 36).

¹ “Il n’y a rien de *successif* qui ne soit *phonétique* (ou hors de la signification), et qu’il n’y a rien de phonétique qui ne soit *successif*” (*Ibidem*: 41).

² “Le *changement phonétique* s’opère avec une régularité mathématique et reçoit souvent pour cette raison le nom de *loi phonétique*” (*Ibidem*: 269).

3.10.3. A analogia

Tal como acontece no *Cours*, nos *Écrits* a analogia é diferenciada das modificações fonéticas, pois não se constitui como modificação ou mudança:

Le «changement analogique» que l'on compare au *changement phonétique* comme étant le second facteur de la transformation de la langue dans le temps ne lui est pas comparable et n'est pas un changement (*Ibidem*: 85).

Nos *Écrits*, a analogia é entendida, não como algo que se existe e se transforma (modificação fonética), mas como uma relação entre o pensamento e a expressão que se alterou:

C'est bien un changement pour la langue prise comme une seule masse, ou pour le rapport général de la pensée et de l'expression, si l'on nous démontre que ce rapport est l'objet central dont le linguiste cherche à suivre la trame à travers du temps (*Ibidem*: 85 – 86)

Relativamente à analogia, estas são as poucas considerações registadas nos *Écrits*.

3.11. A articulação e a teoria da sílaba

Saussure já havia falado da importância da linguagem articulada como forma de distinção do homem relativamente aos animais. Agora, ocupar-nos-emos sobre o que entende pelo termo *articulação*. Este termo surge, desde logo, associado à forma *como articulamos/ dizemos* as palavras. Não obstante, não podemos esquecer que as palavras quando pronunciadas têm uma significação e só existem enquanto associação de ambos. Assim, a articulação também tem em conta a significação (*Ibidem*: 237). Na articulação, Saussure distingue dois momentos, o implosivo e o explosivo, que se associam de diversas formas na articulação das palavras ou acto fonatório, uma vez que em cada um deles admite vários fonemas. O momento implosivo implica um crescendo na fonação; o explosivo, o contrário.

Tendo em conta o grau de abertura dos fonemas, é apresentada uma divisão dos fonemas. Assim, citando os *Escritos*, são considerados (*Ibidem*: 239):

Abertura zero: *p t k; b d g*

Abertura um: *m*

Abertura dois: *s f P, etc.; z v d, etc.*

Abertura três: *i u ü*

Abertura quatro: *e o ö*

Abertura cinco: *a*

Independentemente do seu grau de abertura, todas as formas fonológicas acima citadas podem ter a forma de implosivas ou explosivas¹. Saussure salienta que os fonemas *i* e *u* são os únicos que podem ter duas notações diferentes, caso surjam sob a forma implosiva (como *i*, *u*) ou sob a forma explosiva (enquanto *j* e *w*, isto é, semi-vogais). Neste seguimento, a partir da análise das formas implosiva e explosiva, verifica-se uma alternância de vogal e consoante, considerada por Saussure um fenómeno produzido pela articulação bucal e não pela qualidade dos sons (*Ibidem*: 240 – 241). Por isso, considera-se que algumas combinações são impossíveis na cadeia sonora (como por exemplo *ksrj*). Por outro lado, Saussure afere que na representação da cadeia sonora, as letras têm um sentido completamente diferente das de um tratado de fonologia, isto é, “letras” ou “símbolos” propriamente da fonologia (*Ibidem*: 242). Haveria então necessidade de criar outro género de unidades que representasse o tempo da articulação do som².

Partindo das noções de fonologia anteriormente apresentadas, Saussure desenvolverá uma teoria da sílaba, a partir da qual afirma primeiramente que cada sílaba tem sempre uma sonante, ou seja, uma vogal, de modo que cada sílaba depende da sonante e a sonante da sílaba, formando-se um “*cercle vicieux*” (*Ibidem*: 238). Há assim uma dependência recíproca destes dois termos (*Ibidem*: 242). Saussure, distingue, desta forma, sons consoantes e soantes, acrescentando ainda que os sons são sonantes quando recebem o acento silábico (*Ibidem*: 238). Ao conjunto de consoantes e soantes que surgem agrupados na fala, Saussure chama *cadeia sonora*. Quando se separam dois segmentos fonatórios consecutivos na cadeia sonora, estes representam forçosamente as seguintes combinações: implosão + explosão, explosão + implosão, implosão + implosão, explosão + explosão (*Ibidem*: 250).

Dentro da teoria da sílaba, o linguista distingue: a **sílaba “articulada”** (isto é, das unidades ou dos contrastes que resultam da abertura e do fechamento dos órgãos bucais, independentemente da voz e da expiração); a **sílaba “vocalizada”** (isto é, das unidades ou dos contrastes que resultam da plenitude do som laríngeo quando chega ao ouvido – não independente da articulação e do seu mecanismo, mas independente do seu efeito); a **sílaba “expiratória”** (isto é, resultante da distribuição da expiração). Estes são os três principais modos de estabelecer a divisão silábica³.

¹ “La forme IMPLOSIVE ou EXPLOSIVE que peuvent avoir constamment les mêmes espèces phonologiques, quel que soit leur degré d’aperture” (*Ibidem*: 239).

² Cf. “Quel es cet autre genre d’unités? C’est l’espace de temps remplis (...) dans la chaîne sonore, où les lettres marquent des espaces de temps occupés” (*Ibidem*: 242).

³ “Les sonantes et syllabes qui correspondent à LA FOIS aux divisions à établir pour l’articulation, aux divisions à établir pour le son vocal (*perçu*) et aux divisions à établir pour le souffle sont l’immense majorité” (*Ibidem*: 243).

Neste seguimento, Saussure afirma que a sílaba repousa sobre bases fisiológicas, mas, para que se perceba, tem que se recorrer à impressão acústica que corresponda a tais actos fisiológicos. Estes últimos, por sua vez, seriam incapazes por si mesmos de encontrar uma ordem e uma delimitação. Só a sensação acústica permite delimitar a sílaba:

La syllabe peut reposer et doit reposer sur des bases physiologiques, mais le problème n'est jamais que de chercher en quoi une impression acoustique comme celle de la syllabe correspond à tels ou tels faits physiologiques. Ces faits physiologiques en eux-mêmes seraient incapables de trouver un ordre et une limitation. C'est la sensation acoustique seule qui dit qu'il y a ici une unité comme la syllabe (*Ibidem*: 248).

Para o linguista de Genebra seria demasiadamente ingénuo querer estabelecer uma fonologia com base no facto fisiológico enquanto causa das figuras acústicas. Pelo contrário, são as figuras acústicas a causa dos factos fisiológicos (*Ibidem*: 249). Assim sendo, o acto fonatório não representa nem o facto fisiológico, nem o facto acústico, mas um equilíbrio entre ambos, pois os dois estão presentes:

Nous reconnaissons ainsi que le fait phonatoire ne commence ni dans l'ordre acoustique ni dans l'ordre physiologique, mais représente, de sa plus essentielle nature, une balance entre les deux, constituant une propre ordre (*Ibidem*).

No fundo, a natureza do facto fonatório constitui-se à semelhança do facto linguístico que repousa sempre sobre um equilíbrio.

Desta forma, Saussure sintetiza definindo a unidade fonatória como sendo uma divisão do tempo marcada simultaneamente pelo facto fisiológico e pelo facto acústico. Quando se faz uma divisão baseada só no ouvido ou somente no movimento muscular, abandona-se o terreno fonatório. Por último, recorda-se que a relação que une o som à ideia linguística é arbitrária; por sua vez, o que une o movimento fisiológico ao som é uma lei de ordem física. Esta é a diferença entre o facto fonatório e o linguístico:

La seule différence est que le rapport par lequel en linguistique le son éveille l'idée, ou réciproquement, est un rapport arbitraire dans sa première origine au lieu que le lien du mouvement physiologique avec le son dont s'occupe la phonologie reste tout le temps réglé par une loi physique (*Ibidem*: 250).

Do mesmo modo, também a palavra só existe enquanto unidade pela combinação dos factos bucais com uma operação mental¹. Parafraseando Saussure, a palavra é uma operação algébrica que combina o aspecto fonatório e o mental (*Ibidem*: 282). Por outro lado, tal como o valor que representa é incorpóreo, também a palavra é uma unidade incorpórea (*Ibidem*: 287).

¹ “Puisqu'il n'y aura jamais un mot qui réalise son unité ou son «existence» autrement que par la combinaison de faits boucaux avec une opération mentale d'une ordre entièrement différent” (*Ibidem*: 282).

3.12. Morfologia

A morfologia estuda as formas /as palavras, estabelecendo a sua distinção e os diferentes usos em que podem ser aplicadas:

Car il m'est impossible de voir que le mot, au milieu de tous les usages qu'on en fait, soit quelque chose de donné, et qui s'impose à moi comme la perception d'une couleur. Le fait est que, tant que l'on parle du mot *a*, du mot *b*, ou simplement du mot, on reste fondamentalement dans le donné MORPHOLOGIQUE, en dépit de tous les points de vue qu'on prétend introduire, parce que le mot est une distinction qui relève de l'ordre d'idées morphologiques, et qu'il n'y a pas de distinctions linguistiques indépendantes (*Ibidem*: 24).

Não obstante, tal como acontece com o estudo fonético, “d'autre part, la morphologie, qui est censée ne s'occuper que des formes, s'occupe parfaitement des sons” (*Ibidem*: 180). Assim, de acordo com as palavras de Saussure, definimos a morfologia como a ciência que trata das unidades de som que correspondem a uma parte da ideia e ao agrupamento dessas unidades, por sua vez, a fonética seria a ciência que trataria das unidades de som que se estabeleceriam a partir de caracteres fisiológicos e acústicos:

La morphologie est la science qui traite des unités de sons correspondant à une partie de l'idée et du groupement de ces unités. – La phonétique est la science qui traite des unités de sons à établir d'après des caractères physiologiques et acoustiques (*Ibidem*: 182).

Deste modo, o verdadeiro nome da morfologia seria teoria dos signos, e não das formas. Seria semiologia. À morfologia caberá então definir e delimitar cada signo e o seu papel no seio dos outros signos do mesmo sistema¹. Neste seguimento, Saussure considera que a morfologia não pode estudar ou combinar épocas diferentes; a sua actividade é abstrair-se de cada época para evitar confundir-se factos fonéticos com morfológicos:

Une fois de plus, nous voyons que la morphologie ne peut jamais combiner et mêler plusieurs époques différentes; qu'elle doit exercer son activité séparément au sein de chaque époque, sous peine de confondre les faits phonétiques et les faits morphologiques” (*Ibidem*: 185).

Por isso, a morfologia verdadeiramente científica deve primeiramente separar as diferentes épocas e só deve envolver-se exclusivamente no seio de cada uma delas separadamente (*Ibidem*: 187). No entanto, este estudo seria demasiado incompleto, conduzindo a que a morfologia misture por vezes épocas para melhor compreender as diferentes formas da língua - *anacronia morfológica* ou *análise morfológica retrospectiva* (*Ibidem*: 185 – 187).

¹ “Il faut absolument à la morphologie, pour définir, délimiter chaque signe et lui assigner son rôle, qu'elle ait des points de repère dans les autres signes du même système” (*Ibidem*: 182).

No domínio morfológico, pode falar-se de *identidade de sentido* e *identidade de valor*, tal como *identidade de uso* e *identidade de forma*. Nenhuma destas expressões terá, no entanto, sentido se não subentendermos a identidade de sentido, de valor e de uso, pois todas elas são solidárias. Por conseguinte, em morfologia, não se pode falar em *identidade* se só se toma em conta o sentido e a forma.

Deste modo, de acordo com as palavras saussureanas, todo o estudo de uma língua como sistema, isto é, de uma morfologia, significa estudar o *emprego/uso das formas* ou a *representação das ideias*. É, pois, falso pensar em *formas* (existentes por elas mesmas fora do seu uso), bem como em *ideias* que existem por si mesmas fora da sua representação. Por isso, a *forma* tida separada do seu uso constitui-se como mera *figura vocal*, que pertence ao domínio da fisiologia e da acústica. O facto de existirem muitas *formas* idênticas de som constitui a melhor prova da vanidade da *forma* fora do seu uso.

Assim, Saussure sucintamente afirma que a *forma* implica: diferença, pluralidade, simultaneidade e valor significativo. No fundo, a forma não é uma entidade positiva de qualquer ordem, mas sim uma entidade negativa e complexa, resultante da diferença com outras formas combinada com a diferença de significação de outras formas:

FORME = Non pas une certaine entité *positive* d'un ordre quelconque, et d'un ordre simple; mais l'entité à la fois *negative* et *complexe*: résultant (sans aucune espèce de base matérielle) de la *différence* avec d'autres formes COMBINÉE avec la *différence* de signification d'autres formes (*Ibidem*: 36).

A forma poderá ser entendida como um elemento da alternância (*Ibidem*).

Do exposto, Saussure conclui que no estudo morfológico não há nenhuma outra *identidade* que não seja a identidade de uma forma no seu emprego / uso; daí a complexidade de uma *identidade morfológica*:

Il n'y a point d'autre identité dans le domaine morphologique que l'identité d'une forme dans l'identité de ses emplois (ou l'identité d'une idée dans l'identité de sa représentation). L'IDENTITÉ MORPHOLOGIQUE, il serait inutile de se dissimuler, est donc une notion excessivement complexe (*Ibidem*: 31).

No que diz respeito às *entidades de ordem vocal*, ou seja, os factos da fala, Saussure não as considera como entidades linguísticas¹, uma vez que não existem diferenças/oposição entre elas. Saussure exemplifica com a entidade vocal *aka*, *aka* em termos de entidade vocal é igual em qualquer língua e, por isso, afirma que estudar a língua do ponto de vista vocal seria certamente muito simples, mas que na realidade não é um modo de abordar a língua:

Prendre la langue par le côté du phénomène vocal est certainement la manière la plus

¹ “Par conséquent les entités de l'ordre vocal ne sont pas des entités linguistiques” (*Ibidem*: 33).

simple de toutes de l'aborder, tellement qu'en réalité (...) ce n'est pas même une manière de l'aborder; or admettant même ce procédé, il est extrêmement frappant que d'emblée il devient impossible de raisonner sur des INDIVIDUS donnés, pour généraliser ensuite; qu'au contraire il faut *commencer par généraliser* en linguiste, si l'on veut obtenir quelque chose qui tienne lieu de ce qu'est ailleurs l'individu (*Ibidem*: 33).

A morfologia existe em diferentes graus num dado estado de língua, pois, tal como se afirma nos *Écrits*, estamos perante a mesma ordem de factos: conhecer os signos por meio das suas diferenças num momento dado e também as formas na medida daquilo que coincide ou difere nos signos de acordo com as ideias:

Dans un état de langue donné, il n'y a ni *règle phonétique*, ni phonétique d'aucune espèce. Il n'y a rien que de la *morphologie* à différents degrés, lesquels ne sont pas séparables par une ligne de démarcation quelconque (...) – appartiennent de par une profonde et indestructible liaison, au MÊME ORDRE DE FAITS: savoir *le jeu des signes, au moyen de leurs différences à un moment donné*. (...) D'autre part les *formes* (ce qui signifie simplement la *différence* ou la *coïncidence* des signes *selon les idées*) (*Ibidem*: 35).

Por outro lado, enquanto que na fonética há um limite bem definido quanto à alteração indefinida de uma figura vocal, a morfologia, ou seja, no domínio dos signos, é completamente impossível distinguir entre quando há presença do signo, quando há alteração do signo ou quando há o completo desaparecimento no tempo. Em cada uma destas situações o signo tem o seu valor, pois existe porque existe envolto de outros. Efectivamente, cada signo tem o seu valor em relação a todos os outros e só em função da oposição que estabelece com os outros determina o seu valor:

Morphologiquement, ou dans le domaine des *signes*, il est complètement impossible de distinguer entre les trois termes: de la *présence* d'un signe, de sa *modification*, plus ou moins grande *après un temps*, ou de son *annihilation après un autre temps*. Présence, absence, ou formes successives ont parfaitement la même valeur: c'est-à-dire chacune à chaque moment une valeur quelconque, impossible à prévoir, résultant simplement et de minute en minute de ce qui existe autour de cela (*Ibidem*: 68).

Neste seguimento não podemos esquecer que no domínio da morfologia nada intervém de diacrónico¹. Nesta perspectiva, Saussure admite a variabilidade do signo ao longo do tempo, “lesquels sont éternellement variables et de forme et de valeur” (*Ibidem*: 69). Reitera-se, desta forma, o que Saussure vai afirmando ao longo dos *Écrits*: a nível morfológico, não há nem signos, nem significações, mas diferenças de signos e diferenças de significações, não existindo umas sem as outras sem se corresponderem directamente:

Il n'y a morphologiquement ni *signes* ni *significations*, mais des *différences de signes* et des *différences de significations*, 1° n'existant les unes absolument que par les autres, donc inséparables, mais 2° ne se correspondant pas directement (*Ibidem*: 70).

¹ “Le principe sémiologique ou morphologique (...) ne comporte pas un seul instant, nous ne cesserons de l'affirmer, la perspective diachronique applicable aux faits phonétiques” (*Ibidem*: 69).

Pode concluir-se então que tudo é negativo na língua, repousando unicamente sobre a oposição. Este princípio da negatividade dos signos e das significações pode verificar-se, segundo Saussure, nos substratos mais elementares da língua¹. De facto, a língua fundamentalmente baseia-se em diferenças e/ou oposições.

Saussure também admite a **inovação morfológica** na medida em que existe analogia e mudanças do valor dos signos associadas às modificações fonéticas das figuras vocais. Efectivamente, se não houvesse inovação morfológica, a linguística seria uma ciência relativamente simples, na qual não faria sentido separar, no seu estudo, o que se passa em determinada época e através do tempo:

S'il n'y avait que ce fait, que chaque chose dans la langue doit être considérée séparément dans son époque et à travers le temps sans donner sur l'autre à aucun des deux points de vue la moindre prééminence, la linguistique serait une science relativement simple, quoique déjà bien différente par cette seule séparation de ce que nous avons dit (*Ibidem*: 87).

3.12.1. Mudança morfológica

A mudança morfológica implica recordarmos a *morfologia retrospectiva* ou *anacronia morfológica*, pois só percebemos a mudança se tivermos pelo menos duas épocas de referência. Por outro lado, a mudança morfológica necessita de um estudo especial que toma o nome de *morfologia histórica* (*Ibidem*: 188). Enquanto que a morfologia retrospectiva mistura as épocas e as confunde, a morfologia histórica separa as épocas e compara-as².

Portanto, a modificação morfológica que se realiza entre uma época e outra consiste, primeiramente, na diferente análise das mesmas formas, ou o valor diferente que a língua lhes atribui, ou a relação diferente que se estabelece entre elas (factos do domínio psicológico); em segundo, na criação de novas formas. No primeiro caso trata-se da diversidade ou da relação de formas simultâneas; no segundo trata-se de uma criação nova que substitui a antiga (*Ibidem*: 189). Quando surgem formas novas, tudo ocorre por decomposição das formas existentes e recomposição de outra forma por meio dos processos proporcionados pelas primeira, pois não é possível que uma língua seja completamente criadora e crie uma forma *do nada*:

Mais jamais il n'est possible à la langue de construire une forme de bute n blanc et par un acte véritablement créateur. Toujours les éléments de la forme nouvelle sont empruntés au fonds acquis" (*Ibidem*: 191).

¹ "Le principe de la négativité de signes ou des significations (...) se vérifie dès les plus élémentaires substructions du langage" (*Ibidem*: 70 – 71).

² "Elle sépare les époques et les compare, tandis que la morphologie rétrospective les confond" (*Ibidem*: 188).

Desta forma, podemos explicar e diferenciar a modificação morfológica partindo da palavra *cantor*, por exemplo. Embora a unidade fundamental da morfologia seja a palavra, os falantes têm consciência da existência de unidades inferiores à palavra. Assim, *cantor* pode decompor-se em *can-tor*. Da mesma forma, temos *rei-tor*, *instru-tor*, *consul-tor*, etc.. partindo de sub-unidades da palavra como estas, poder-se-ão criar formas novas. Aqui está a mudança morfológica que depreendemos da análise da mesma língua num momento dado. Pelo contrário, no que concerne à mudança fonética, esta envolveria palavras como: *cantor*, *cantorem*, *cantare*...uma vez que entraríamos no domínio da análise de várias épocas linguísticas.

Desta forma, Saussure afirma que o estudo fonético consiste em considerar uma mesma forma em épocas diferentes; já o estudo morfológico consiste em considerar formas diversas numa mesma época. Assim, um trata do que é sucessivo e idêntico perante a substituição e o outro do que é diverso mas simultâneo:

Toute étude phonétique revient à considérer une même forme à des époques diverses et toute étude morphologique revient à considérer des formes diverses à une même époque. L'une traite de ce qui est successif et identique par la substitution. L'autre de ce qui est divers et en revanche simultané (*Ibidem*: 194).

3.13. Representação da língua pela escrita

Na escrita da língua e das suas palavras, o sentido está representado pelo som e, por sua vez, o som está representado por traços gráficos. Esta relação entre o traço gráfico e o som falado é o mesmo que existe entre o som falado e a ideia. No entanto, o sentido não está unido à figura vocal, uma vez que uma palavra pode ter sentidos diferentes consoante o contexto em que é utilizada (*Ibidem*: 50). Além disso, a palavra pode ganhar sentidos diferentes com o decorrer do tempo – estamos então perante a *sucessão de estados* da língua.

Assim, a escrita pode ser alvo de um estudo semiológico e histórico [não esqueçamos que este último é, tal como diz Saussure, equivalente à fonética no estudo da língua (*Ibidem*: 50)].

3.14. Estilística

Charles Bally (1865 – 1947) foi o discípulo de Saussure que trabalhou no ramo da estilística, nomeadamente através das suas obras: *Précis de stylistique* (1905); *Stylistique et*

linguistique générale (1912) *Le Langage et la Vie* (1925), *Traité de linguistique française* (s/d). O que ainda não se sabia era que também o seu mestre, Ferdinand de Saussure, meditou sobre o tema, chegando a citar o trabalho de Bally, tal como provam os *Écrits*.

Saussure começa por advogar que o nome de estilística surgiu pela falta de outro, pois tanto estilística como estilo constituem-se como um equívoco. Para o linguista genebrino, a palavra estilo evoca a ideia de uma pessoa / indivíduo, de um procedimento individual. Pelo contrário, a estilística, tal como foi concebida e ilustrada nos trabalhos de Charles Bally, propõe-se estudar os modos de expressão da língua porque constituem a ramificação de um uso comum, uma vez que entram na categoria do facto social e, por conseguinte, saem do âmbito do indivíduo:

Style et stylistique font une équivoque malheureuse. (...)

1º Le mot de style évoque l'idée d'une personne, d'un individu, de procédé individuel. (Le style, c'est l'homme, etc.). Justement au contraire la stylistique conçue de la manière dont l'ont illustrée les travaux de M. Bally entend étudier les moyens d'expression de la langue dans la mesure où ils ont la consécration de l'usage commun, dans la mesure où ils tombent dans la catégorie du fait social et sont fixés hors de l'individu (*Ibidem*: 272).

Ou seja, o estilo depende do indivíduo e a estilística, de acordo com o ponto de vista dos contemporâneos de Saussure, situa-se para além do indivíduo, na esfera linguística e social¹.

Por outro lado, Saussure acrescenta que a palavra estilo evoca a ideia do que é literário ou, pelo menos, do que é escrito; a estilística, por seu turno, sem se desinteressar pelo que se escreve, tem como objecto de observação, acima de tudo, o que se fala, as formas vivas da linguagem, recolhidas ou não de um texto. No fundo, enquanto o estilo se situa no domínio da escrita / do texto escrito, a estilística trata preferencialmente do domínio da fala.

Desta forma, a estilística não tem como objecto de estudo o estilo. A estilística é uma ciência de pura observação dos factos que classifica. Porém, não dita regras nem pretende ser normativa:

La stylistique n'a pas non plus pour *but* le style, *quoique pouvant être d'une utilité*. Elle n'est pas une science normative, édictant des règles. Elle prétend et a droit de prétendre être une science de pure observation, consignnant les faits et les classant (*Ibidem*).

Por último, Saussure alerta que o que se tem feito em estilística não passa simplesmente de linguística². Efectivamente, o campo da linguística é muito vasto, comportando duas partes: por um lado, a língua, enquanto depósito passivo, e, por outro, a fala / *parole*, que é a parte activa e origem dos fenómenos que se percebem na outra parte.

¹ “Le style dépend de l'individu, et la stylistique se place initialement au-dessus de l'individu dans la sphère linguistique ou sociale” (*Ibidem*: 272).

² “L'objection consistant à dire: mais alors, c'est tout simplement de la linguistique qu'on nous offre sous le nom de stylistique. Oui, messieurs, tout simplement de la linguistique” (*Ibidem*: 273).

Do apresentado, o linguista de Genebra arremata que a estilística não diz respeito ao individual, mas ao que está ratificado pelo uso social (ou seja, o que reúne as condições para que uma coisa seja linguística); não diz respeito ao que se escreve, mas preferencialmente ao que se fala; não tem como finalidade ser normativa ou postular regras de boa expressão, mas generalizar as suas observações e chegar a uma teoria aplicável a todas as línguas.

Deste modo, tal como pondera Charles Bally, Ferdinand de Saussure foi também aquele que lançou as bases desta nova disciplina:

Le maître dont la science pleure aujourd'hui la perdre douloureuse, Ferdinand de Saussure, a été le premier à jeter les bases de cette discipline nouvelle (Bally 1965: 25).

De facto, o ponto de vista de Charles Bally relativamente à estilística vai ao encontro do de Saussure, afirmando que aquela abarca todo o domínio da linguagem, sendo, por isso, linguística:

La stylistique embrasse le domaine entier du langage. Tous les phénomènes linguistiques, depuis les sons jusqu'aux combinaisons syntaxiques les plus complexes, peuvent révéler quelque caractère fondamental de la langue étudiée; tous les faits linguistiques, quels qu'ils soient, peuvent manifester quelque parcelle de la vie de l'esprit et quelque mouvement de la sensibilité. La stylistique n'est pas l'étude d'une partie d langage, c'est celle du langage tout entier, observé sous un angle particulier (*Ibidem*: 62).

Deste modo, verificamos que embora não esteja presente no *Cours*, Saussure expôs as suas teorias sobre a estilística, uma vez que é delas que Bally parte para a redacção das suas obras sobre estilística.

4. Nova visão do ideário linguístico de F. de Saussure

Após a análise das obras *Cours de linguistique générale* e *Écrits de linguistique générale*, podemos apresentar algumas reflexões, aspirando enriquecer, não só o nosso, mas também o conhecimento do pensamento linguístico saussureano.

Efectivamente, continuando a concordar com Tullio de Mauro, que considera que o *Cours* é o texto mais completo da doutrina saussureana, a verdade é que este levanta algumas questões, que partem sempre do facto de não ter sido redigido por Ferdinand de Saussure. Por conseguinte, a leitura dos *Écrits* revela-se de uma importância crucial para contactar com o pensamento, com as reflexões e mesmo com o modo de encadear ideias e teorias do linguista suíço.

Assim, após a leitura desta última obra, percebemos, desde logo, uma familiaridade de temas e assuntos com o *Cours*. No entanto, o grau de complexidade das obras é bastante diferente. O modo de apresentação das ideias e teorias do *Cours* é bem mais simples, porém não podemos esquecer que esse era o propósito dos seus editores¹. Deste modo, a obra *Écrits de linguistique générale* surge como uma “filosofia da linguística”, na qual se reflecte filosófica e metafisicamente sobre a linguagem. Portanto, apesar da complexidade, verifica-se que os *Écrits* reiteram que os editores do *Cours* procuraram seguir o pensamento do genebrino. Porém, não o acompanharam cabalmente, sendo disso exemplos: a forma como definem o objecto de estudo da linguística; o modo como colocam de lado a realidade extra-linguística do signo; a importância que atribuem à sincronia e ao estado da língua; a desvalorização do tempo e da transformação nas línguas, entre outros...

4.1. Delimitação do objecto de estudo

No que concerne à delimitação do objecto de estudo da linguística, as posições das duas obras são distintas. Após uma série de reflexões, o *Cours* apresenta, na frase que fecha a obra, a linguagem/a língua como o único e verdadeiro objecto de estudo da linguística enquanto ciência². O mesmo não acontece nos *Écrits*. Porém, também sabemos pelo estudo de Robert Godel que esta frase é da autoria dos próprios editores. Com efeito, a indagação saussureana

¹ “Les éditeurs se sont bornés à des modifications de détail destinées à rendre, sur certains points, la rédaction plus claire et plus précise” (Bally e Sechehaye 1915: 11).

² “La linguistique a pour unique et véritable objet la langue envisagée en elle-même et pour elle-même” (Saussure 2005^a: 317).

sobre a linguagem apresenta-nos esta última como algo desconhecido, misterioso e enigmático para quem se proponha estudá-la:

Celui qui se place devant l'objet complexe qu'est le langage pour en faire son étude abordera nécessairement cet objet par tel ou tel côté (Saussure 2002: 22).

Rappelons-nous en effet que l'objet en linguistique n'existe pas pour commencer, n'est pas déterminé en lui-même (*Ibidem*: 23).

Il n'existe pas d'objet tout à fait comparable à la langue qui est un être très complexe, et c'est ce fait que toutes les comparaisons et toutes les images dont nous nous servons habituellement aboutissent régulièrement à nous en donner une idée fautive par quelque point (*Ibidem*: 152).

Compte des causes qui font du langage un objet situé hors de toute comparaison et *non classé* ni dans l'esprit des linguistes ni dans l'esprit des philosophes (*Ibidem*: 257).

Por outro lado, o *Cours* atribui o primeiro lugar à língua no estudo da linguagem, sendo que é a primeira é que faz a unidade da segunda.

Pour attribuer à la langue la première place dans l'étude du langage, on peut enfin faire valoir cet argument, que la faculté – naturelle ou non – d'articuler des paroles ne s'exerce qu'à l'aide de l'instrument créé et fourni par la collectivité; il n'est donc pas chimérique de dire que c'est la langue qui fait l'unité du langage (*Ibidem*: 27).

Nos *Écrits*, Saussure defende que o estudo da linguagem está contido no estudo das línguas (*Ibidem*: 146), pois, no fundo, a língua e a linguagem são a mesma coisa, só que uma é a manifestação da outra¹. Dessa forma, estudar a linguagem sem estudar as suas diferentes manifestações (línguas) é para, o linguista genebrino, absolutamente infrutífero (*Ibidem*: 146).

4.2. Distinção entre linguagem, língua e *parole*/fala

À semelhança do que lemos no *Cours*, também nos *Écrits* Saussure estabelece esta distinção tripartida. Nesta última obra, a linguagem surge definida como um fenómeno, o exercício de uma faculdade inerente ao homem². Por sua vez, a língua “est l'ensemble des formes concordantes que prend ce phénomène chez une collectivité d'individus et à une époque déterminée” (*Ibidem*: 129). Com efeito, a linguagem será uma espécie de generalização da língua ou línguas (*Ibidem*: 306).

A dualidade *langue*/língua e *parole*/fala está também nos *Écrits* consagrada. Enquanto que a fala é do domínio do social, a *parole* depende do indivíduo, pertencendo, pois, à esfera individual. No entanto, a fala assume nesta obra mais relevo porque lhe é atribuído um papel

¹ “Langue et langage ne sont qu'une même chose; l'un est la généralisation de l'autre” (Saussure 2002: 146).

² “Le langage est un phénomène; il est l'exercice d'une faculté qui est dans l'homme” (*Ibidem*: 129).

fundamental no estudo da fonologia que Saussure desenvolveu (*Ibidem*: 299).

Pertença da *parole*, o discurso assume também nos *Écrits* um função de relevo, uma vez que a língua só existe na medida em que se cria discurso (*Ibidem*: 277). Saussure distingue o discurso e a língua: o primeiro é o laço que se estabelece entre dois conceitos que se apresentam revestidos de forma linguística; a segunda só realiza conceitos isolados, que estão à espera de ser relacionados entre si [através do discurso] para que haja significação de pensamento:

Le discours consiste, fût-ce rudimentairement, et par des voies que nous ignorons, à affirmer un lien entre deux des concepts qui se présentent revêtus de la forme linguistique, pendant que la langue ne fait préalablement que réaliser des concepts isolés, qui attendent d'être mis en rapport entre eux pour qu'il y ait signification de pensée (*Ibidem*: 277)

No *Cours*, o discurso foi um termo utilizado pelos seus editores para estabelecer a distinção entre relações sintagmáticas e relações associativas que se criam na língua. Nesta obra, as relações sintagmáticas decorrem da linearidade do discurso e da possibilidade de combinação de termos:

D'une part, dans le discours, les mots contractent entre eux, en vertu de leur enchaînement, des rapports fondés sur le caractère linéaire de la langue, qui exclut la possibilité de prononcer deux éléments à la fois. (...) Ces combinaisons qui ont pour support l'étendue peuvent être appelées *syntagmes* (*Idem* 2005^a: 170).

Por sua vez, as relações associativas ocorrem por associação mental de termos que apresentam qualquer coisa de comum (*Ibidem*: 173 – 174).

O mesmo não ocorre nos *Écrits*.

4.3. Distinção entre *parole* efectiva e *parole* potencial

Nos *Écrits*, a diferenciação ente relações sintagmáticas e relações associativas ocorre no domínio da *parole*. Saussure estabelece então a distinção entre *parole* efectiva e *parole* potencial. Por *parole* efectiva entende o que chama *sintagma*, ou a combinação dos elementos contidos num segmento de fala real ou ainda o regime no qual os elementos se encontram unidos entre eles pelo que lhes segue e o que lhes precede:

Nous appelons *syntagme* la parole effective,
- ou la combinaison d'éléments contenus dans une tranche de parole réelle,
- ou le régime dans lequel les éléments se trouvent liés entre eux par leur suite et précédence (*Idem* 2002: 61).

Por *parole* potencial, também designada *paralelia*, julga o conjunto de elementos

concebidos e associados pela mente ou o regime no qual um elemento leva uma existência abstracta entre outros elementos possíveis:

Par opposition à la *parallélie* ou parole potentielle, ou collectivité d'éléments conçus et associés par l'esprit, ou régime dans lequel un élément mène une existence abstraite au milieu d'autres éléments possibles (*Ibidem*).

Deste modo, a partir do momento em que se está no domínio da *parole*, todo o elemento vocal e também morfológico está submetido a existir sobre dois regimes: um em que se define em relação com o que o segue ou precede, e outro em que é definido em relação a todos os elementos possíveis. Este último regime diz respeito à *paralelia*, que só existe e é determinada em função da presença de outras (*Ibidem*: 62).

No fundo, Saussure pretende mostrar que só a partir do momento em que o indivíduo fala se estabelecem relações e oposições entre os signos da língua.

4.4. O signo

À semelhança do *Cours*, o signo é encarado de forma metafísica, segundo a qual existe pela relação que se estabelece entre a imagem acústica e o conceito, sendo que ambos só existem ao nível da consciência/ do espírito do indivíduo.

No entanto, contrariamente ao *Cours*, onde Bally e Sechehaye estabeleceram a distinção entre signo (totalidade), significante (imagem acústica) e significado (significação, sentido), nos *Écrits* há um certo mesclar de termos e definições. Em primeiro, o signo é utilizado ao longo da obra como tendo dois sentidos: primeiro, designa o signo enquanto totalidade da relação significado/significante e, por outro, designa o significante. Estamos então perante um problema de escolha terminológica que se deve essencialmente ao facto de Saussure considerar que qualquer palavra que escolhesse para designar a entidade linguística global acabaria por ser confundida e seria tida em conta como designando somente a imagem acústica (Bouquet 1997: 109). Devido a esta dificuldade terminológica, Saussure utiliza ao longo dos *Écrits* uma série de outras palavras para designar entidade linguística na sua globalidade: *signo*, *sema*, *termo* e *palavra*. Juntamente com estas palavras surgem outras tantas para designar o significante e o significado. Assim aparecem: *apossema*, *parassema*, *soma*, *contra-soma* e *forma*.

Contudo, apesar das diferenças terminológicas, a teoria do signo presente em ambas as obras é semelhante. Desta teoria convém ressaltar mais uma vez que tanto o significado como o significante pertencem ao domínio psíquico. Por isso, se afirma nos *Écrits* que,

quando se aborda o signo, poder-se-ão considerar dois domínios: um primeiro – interior/psíquico – no qual existe o signo como totalidade de significação e significante; e outro – exterior – do qual não existe mais que o signo enquanto significante, sendo que nesse momento o signo não passará de uma mera sucessão de ondas sonoras, que somente recebe o nome de figura vocal:

Il y a un premier domaine, intérieur, psychique, où existe le signe autant que la signification, l'un indissolublement lié à l'autre; il y en a un second, extérieur, où n'existe plus que le «signe», mais à cet instant le signe réduit à une succession d'ondes sonores ne mérite pour nous que le nom de figure vocale (Saussure 2002: 21).

Neste sentido, o indivíduo falante, quando utiliza a língua, não destrinça o que é forma/figura vocal e o que é ideia/conceito no signo. Ele recorre a um signo porque é esse que representa a realidade extra-linguística e não outro. Estamos, deste modo, a estabelecer uma característica do signo linguístico, já enunciada no *Cours*: a **arbitrariedade**. Existe arbitrariedade na relação que se estabelece entre o significado e o significante, mas existe também arbitrariedade na relação que o signo estabelece com a realidade extra-linguística. De facto, relativamente às características do signo linguístico, contrariamente ao *Cours*, os *Écrits* são uma obra de parca exploração, limitando-se a referir brevemente a arbitrariedade, a convencionalidade e a mutabilidade e imutabilidade do signo, sem, no entanto, desenvolver os tópicos.

4.4.1. A realidade extra-linguística

Implícita no *Cours*, a realidade extra-linguística é nos *Écrits* várias vezes aflorada. Assim, a ideia de referente, noção posteriormente introduzida na linguística, surge na última obra na medida em que Saussure refere várias vezes que determinado termo representava determinado objecto da realidade material:

Par exemple un terme compliqué *akarma*, etc., mais qui représente pour la première fois un objet connaissable (*Ibidem*: 33).

Il n'y a pas un seul objet matériel, nous l'avons vu, auquel s'applique exactement et exclusivement un mot (*Ibidem*: 37).

Si ce mot au contraire se rapporte à un objet matériel, on pourrait dire que l'essence même de l'objet est de nature à donner au mot une signification positive. Ici ce n'est pas au linguiste de venir enseigner que nous ne connaissons jamais un objet que par l'idée que nous nous en faisons (*Ibidem*: 75).

No entanto, os factos materiais da realidade extra-linguística não se inserem no estudo

que o linguista faz da língua¹.

4.5. A língua como sistema de diferenças

O signo, de acordo com a teoria dos *Écrits* e também do *Cours*, só subsiste em virtude da sua significação e uma significação só existe em virtude do signo. Por isso, signos e significações só permanecem em virtude da diferença existente entre os signos [enquanto totalidade]. Portanto, a língua baseia-se em oposições e diferenças. Caracteriza-se, por isso, pela sua negatividade e diferença, uma vez que cada um dos elementos da língua se distingue pela oposição que estabelece com os outros.

Assim, mais que um sistema de signos, a língua é um sistema de oposições e diferenças. Assim sendo, para Saussure não existe nenhum facto na língua por si mesmo, somente em função da oposição que estabelece com todos os factos:

Nous nions au contraire qu'aucun fait de langue, (...) n'existe un seul instant pour lui-même hors de son opposition avec d'autres, et qu'il soit autre chose qu'une manière plus ou moins heureuse de résumer un ensemble de différences en jeu (*Ibidem*: 66).

Deste modo, a ideia comumente divulgada da definição da língua como sistema de signos pode ser corrigida e substituída pela de sistema de oposições e diferenças. Embora esta última definição de língua esteja no *Cours*, a que saiu sobrevalorizada foi a primeira: a língua como sistema de signos.

4.6. A noção de valor

Presente em ambas as obras, a noção de valor implica que a língua seja também um sistema de valores. De facto, também no sistema linguístico, esta noção implica que os termos daquele se relacionem e se oponham para determinar o seu valor no sistema. Assim, tal como está presente nos *Écrits*, à semelhança do signo, o valor tem duas faces (*Ibidem*: 333), ou seja: primeiro, o valor vale por si, segundo, só vale na medida em que se opõe a outros.

Neste sentido, é através dos valores que diferenciamos termos muito semelhantes no sistema. Por isso, tal como também foi afirmado no *Cours*, não existe sinonímia absoluta, pois cada termo tem valor no sistema pela oposição que estabelece com os outros:

¹ “Ainsi l’existence des faits matériels est, aussi bien que l’existence des faits d’une autre ordre, indifférente à la langue” (*Ibidem*: 76).

Valeur est éminemment synonyme à chaque instant de terme situé dans un système de termes similaires, de même q'il est éminemment synonyme à chaque instant de chose échangeable. [] Prenant la chose échangeable d'une part, de l'autres les termes co-systématiques, cela n'offre aucune parenté. C'est le propre de la *valeur* de mettre en rapport ces deux choses (*Ibidem*: 335).

Portanto, enquanto o *Cours* considera a língua como um sistema de valores puros¹, nos *Écrits* afirma-se que a língua não é um conjunto de valores positivos e absolutos, mas negativos e relativos, pois não existem senão pela oposição². Mais uma vez se realça nos *Écrits* as oposições e diferenças que se estabelecem na língua.

4.7. A continuidade e a transformação das línguas

Nos *Écrits*, Saussure admite claramente que a língua tem como características principais a continuidade e a transformação no tempo. No entanto, estas também estão presentes no *Cours*. De facto, em ambas as obras se afirma que a primeira constatação que qualquer linguista faz é a diversidade de línguas.

Efectivamente, para o autor dos manuscritos, a língua diferencia-se no tempo e no espaço³. O linguista admite assim a transformação da língua, argumentando também que a língua continua no tempo. Para ele, a língua nunca morre, pois não é um organismo que nasce, se desenvolve e perece, como alguns linguistas, como Schleicher, haviam defendido. O mestre genebrino afirma também que, nesse sentido, não se pode falar em línguas mães e em línguas filhas (*Ibidem*: 153.). Explica então esta afirmação declarando que o francês, por exemplo, não deriva do latim, mas é latim, no entanto, alterado no tempo.

Embora não tão contundente, a ideia exposta é também afluída no *Cours*, no capítulo relativo à linguística geográfica, ou seja, domínio da linguística externa. Aqui afirma-se que a unidade da diversidade dos idiomas encontra-se no tempo⁴.

No atinente à transformação da língua, o linguista não considera que este princípio entre em contradição com o da continuidade da língua. Assim, nos *Écrits*, Saussure postula que não existem características permanentes na língua e, por isso, não há mais do que estados de língua em constante transição⁵. No fundo, o princípio da transformação incessante das línguas

¹ “La langue ne peut être qu'une système de valeurs pures” (Saussure 2005^a: 155).

² “La langue ne consiste pas en un ensemble de valeurs positives et absolues mais dans un ensemble de valeurs négatives ou de valeurs relatives n'ayant d'existence que par le fait de leur opposition” (Saussure 2002: 77).

³ “La langue se différencie dans le temps, et en même temps elle se différencie ou se diversifie dans l'espace” (*Ibidem*: 151).

⁴ “L'unité des idiomes apparentés ne se retrouve que dans le temps” (*Ibidem*: 272).

⁵ “Il n'y a pas que des états de langue qui sont perpétuellement la transition entre l'état de la veille et celui du

é tido como absoluto, uma vez que não existe nenhuma língua que se caracterize pela sua imobilidade.

As transformações que ocorrem na língua devem-se essencialmente a dois fenómenos que acontecem em todas as línguas: por um lado, a modificação fonética, e, por outro, a modificação analógica. Estes dois fenómenos, enunciados e explorados também no *Cours*, aparecem como os dois grandes factores da renovação linguística.

Para além destes dois factores, Saussure considera pertinente para a transformação a distância geográfica. Nos *Écrits* fala-se em descontinuidade geográfica. Com efeito, para o linguista genebrino, a língua não é igual nas diferentes regiões em que é falada e, por isso, também as transformações linguísticas não ocorrem de igual forma nas diferentes regiões. Desta forma, em ambas as obras, admite-se a existência de dialectos ou subdialectos. No entanto, nos *Écrits*, Saussure alerta para o facto de preferir falar em características dialectais. Por outro lado, seriam estas características dialectais que estariam na origem da distinção das línguas.

Contudo, convém sublinhar que, embora presente em ambas as obras, a noção de dialecto não foi tão valorizada no *Cours* como aparece nos *Écrits*. Na verdade, embora admita a existência de dialectos, o *Cours* não os considera pertinentes para o estudo da língua, para o estudo da linguística geral. Por isso, são relegados para o estudo da linguística externa, considerada subalterna da linguística geral.

Por último, Saussure acrescenta que perante o princípio absoluto e universal do movimento da língua através do tempo, nenhuma língua consegue resistir. Contudo, pode ser ocultado pelas línguas literárias e escritas, que tendem a ser imóveis. Nos *Écrits*, estas línguas literárias são consideradas um produto geográfico sobreposto à língua natural (*Ibidem*: 312).

4.8. Fonética e Fonologia

Em ambas as obras, os termos fonética e fonologia são empregues de forma indiferenciada e confusa para designar uma ou outra ciência. Assim, tendo em conta os seus objectos de estudo, podemos definir fonética como o estudo dos sons de uma língua na sua realização concreta, independentemente da sua função linguística; a fonologia, como o estudo dos sons de uma língua tendo em conta a sua função dentro do sistema de comunicação.

Independentemente da troca de termos, a fonética é realmente aquela que Saussure

valoriza. De facto, o estudo da fonética, designada nos *Écrits* fonologia, constitui-se como uma ciência auxiliar muito importante da linguística, uma vez que ajuda a compreender como são produzidos os sons¹.

E devido à importância que dá a esta obra que o linguista vai traçar uma série de princípios (de fonologia, como ele designa), embora afirme que vai recorrer à terminologia corrente com a qual não concorda. Estes princípios estão então presentes em ambas as obras. Porém, é nos *Écrits* que se realça a importância da *parole* para este conhecimento (*Ibidem*: 299). Para enriquecer e desenvolver estes princípios, Saussure desenvolve uma teoria da articulação e da silabação, também presente no *Cours*, na qual afirma que cada sílaba tem sempre uma sonante, ou seja, uma vogal, de modo que cada sílaba depende da sonante e a sonante da sílaba, formando-se um ciclo vicioso². Saussure distingue, assim, sons consoantes e soantes, acrescentando ainda que os sons são sonantes quando recebem o acento silábico. Ao conjunto de consoantes e soantes que surgem agrupados na fala, Saussure chama *cadeia sonora*.

4.9. Quatro pontos de vista para analisar a língua

De modo diferente do *Cours*, Saussure apresenta nos *Écrits* quatro pontos de vista, agrupados em dois, para analisar a língua.

O *Cours* postula paulatinamente que os pontos de vista com que se pode estudar a língua podem resumir-se a dois: o sincrónico e o diacrónico. O primeiro estuda a língua no momento presente, sem ter em conta a história e a influência do tempo. Por sua vez, o segundo estuda a língua tendo em conta a história e a passagem do tempo. No *Cours*, é apresentado ainda um terceiro ponto de vista, o pancrónico, de carácter meramente teórico, que procuraria os universais linguísticos.

Nos *Écrits*, por seu turno, decorrente da natureza dos factos da linguagem, Saussure examina o ponto de vista sincrónico e o diacrónico e, resultante dos modos legítimos de considerar os factos da linguagem, pondera o anacrónico e o histórico.

No atinente ao sincrónico, Saussure entende que este diz respeito ao estado de língua em si mesmo. É, portanto, um ponto de vista instantâneo e anti-histórico, considerado

¹ “Je crois au contraire qu’il y aurait intérêt (...) en quoi la connaissance de la production des sons contribuerait pour une plus ou moins grande à notre connaissance de la langue” (*Ibidem*: 177).

² “À part ce fait qu’il y a toujours une sonante dans chaque syllabe, de sorte que la syllabe dépend de la sonante et que la sonante dépend de la syllabe, sans que rien permette de briser sur u point quelconque ce cercle vicieux” (*Ibidem*: 238).

semiológico, morfológico ou gramatical. Já o ponto de vista diacrónico ou das *identidades transversais* analisa a língua tendo em conta o que é precedente.

Por outro lado, relativamente ao segundo par de pontos de vista, o anacrónico, opera-se pela projecção de uma morfologia antiga sobre outra posterior. No fundo, vai ao encontro da etimologia. O ponto de vista histórico estabelece a distinção entre dois estados de língua.

Neste seguimento, Saussure acrescenta que na altura só se utilizavam o segundo e o terceiro pontos de vista (*Ibidem*: 22). Porém, à semelhança do *Cours*, Saussure postula aqui que a melhor forma de estudar o mecanismo de uma língua, tomada num momento dado, será através do estudo sincrónico:

Le mécanisme de la langue – prise partout À UN MOMENT DONNÉ, ce qui est la seule manière d’en étudier le mécanisme – sera un jour, nous en sommes persuadé, réduit à des formules relativement simples (*Ibidem*: 43).

De facto, embora considere que tudo o que é língua resulta da sua transmissão no tempo, Saussure não considera pertinente que se substitua o estudo dessa transmissão (diacronia) pelo estudo da própria língua¹.

4.10. Semiologia

À semelhança do que foi transcrito para o *Cours*, nos *Écrits* também se procura delimitar a linguística enquanto ciência. Para tal, o linguista genebrino alude às discussões suas contemporâneas para saber se a linguística se inseria nas ciências naturais ou nas ciências históricas ou sociais. A conclusão foi uma: ela não pertencia a nenhuma. Para o linguista deveria inserir-se numa ciência de carácter mais geral que tratasse dos signos e que deveria designar-se *semiologia*.

De facto, como a língua é um sistema de signos, o mais importante entre os demais, tal como afirma Saussure, a língua constitui-se como objecto de estudo da semiologia, devendo, por isso, o linguista adoptar o ponto de vista semiológico para estudar os fenómenos linguísticos pois alargaria, deste modo, o seu conhecimento da língua.

O facto de a semiologia não existir como ciência garante a pertinência da ideia saussureana que postula a necessidade da sua existência visto que se deve considerar a língua sobre o ângulo das características que tem em comum com outros sistemas semiológicos; por outro lado, realçar o que ela tem de único relativamente aos outros sistemas; e, por último,

¹ “En réalité tout ce qui est dans la langue vient souvent des accidents de sa TRANSMISSION, mais cela ne signifie pas qu’on puisse substituer l’étude de cette transmission à l’étude de la langue” (*Ibidem*: 55).

justificar porque é que a língua é considerada o mais importante sistema de signos.

Deste modo, esta nova ciência viria responder às questões atrás colocadas e enriquecer o conhecimento linguístico. Nesta medida, Ferdinand de Saussure foi considerado por muitos, como Barthes, Eco, Kristeva, Todorov, Greimas, o fundador desta nova ciência, que urgia criar. Contudo, também Charles Sanders Peirce (1839 – 1914), na mesma altura, criou a semiótica (Pignatari 2004: 15 – 17). Por isso, a ciência ou teoria geral dos signos é designada simultaneamente semiótica e semiologia.

4.11. Morfologia

A morfologia e a exploração do seu campo de estudo aparece bastante indagada por Saussure ao longo dos seus *Écrits*, o mesmo não acontece no Cours. Tal como actualmente, a morfologia surge naquela obra como o estudo das formas /das palavras, estabelecendo a sua distinção e os diferentes usos em que podem ser aplicadas:

Car il m'est impossible de voir que le mot, au milieu de tous les usages qu'on en fait, soit quelque chose de donné, et qui s'impose à moi comme la perception d'une couleur. Le fait est que, tant que l'on parle du mot *a*, du mot *b*, ou simplement du mot, on reste fondamentalement dans le donné MORPHOLOGIQUE, en dépit de tous les points de vue qu'on prétend introduire, parce que le mot est une distinction qui relève de l'ordre d'idées morphologiques, et qu'il n'y a pas de distinctions linguistiques indépendantes (*Ibidem*: 24).

Não obstante, Saussure salienta que, tal como acontece com o estudo fonético, também a morfologia, que estuda as formas, necessita de ocupar-se dos sons (*Ibidem*: 180). Assim, de acordo com as palavras de Saussure, definimos a morfologia como a ciência que trata das unidades de som que correspondem a uma parte da ideia e ao agrupamento dessas unidades. Por sua vez, a fonética seria a ciência que trataria das unidades de som que se estabeleceriam a partir de caracteres fisiológicos e acústicos:

La morphologie est la science qui traite des unités de sons correspondant à une partie de l'idée et du groupement de ces unités. – La phonétique est la science qui traite des unités de sons à établir d'après des caractères physiologiques et acoustiques (*Ibidem*: 182).

Deste modo, a morfologia pode mesmo confundir-se com a semiologia, pois, no fundo, estuda os signos da língua. Com efeito, os *Écrits* atribuem à morfologia o papel de definir e delimitar cada signo e o seu papel no seio dos outros signos do mesmo sistema¹.

Assim, de acordo com as palavras saussureanas, todo o estudo de uma língua como

¹ “Il faut absolument à la morphologie, pour définir, délimiter chaque signe et lui assigner son rôle, qu'elle ait des points de repère dans les autres signes du même système” (*Ibidem*: 182).

sistema, isto é, de uma morfologia, significa estudar o *emprego/uso das formas* ou a *representação das ideias*. É, pois, falso pensar em *formas* (existentes por elas mesmas fora do seu uso), bem como em *ideias* que existem por si mesmas fora da sua representação. Por isso, a *forma* tida separada do seu uso constitui-se como mera *figura vocal*, que pertence ao domínio da fisiologia e da acústica. O facto de existirem muitas *formas* idênticas de som constitui a melhor prova da vanidade da *forma* fora do seu uso.

Uma vez que nada de diacrónico intervém no estudo morfológico e Saussure admite a variabilidade do signo ao longo do tempo, a morfologia não considera nem signos nem significações, mas diferenças de signos e de significações, não existindo umas sem as outras sem se corresponderem directamente:

Il n'y a morphologiquement ni *signes* ni *significations*, mais des *différences de signes* et des *différences de significations*, 1^o n'existant les unes absolument que par les autres, donc inséparables, mais 2^o ne se correspondant pas directement (*Ibidem*: 70).

Reitera-se, então, mais uma vez, que tudo é negativo na língua, uma vez que esta baseia-se em oposições e diferenças.

4.12. Estilística

Os *Écrits* vêm introduzir a estilística e, conseqüentemente a retórica, no domínio da linguística. Porém, nenhuma referência a este tema surge no *Cours de linguistique générale*.

Nos *Écrits*, Saussure nega que a estilística tenha como objecto de estudo o estilo, uma vez que este diz respeito ao individual. A estilística insere-se no campo do que está validado pelo uso social. Por outro lado, não se dedica ao que está escrito, mas ao que se fala e, por isso, não tem como finalidade postular regras, mas generalizar as suas observações para chegar a uma teoria geral que se aplique a todas as línguas.

Este ponto de vista saussureano pode ser considerado a base da posição tomada, mais tarde, por Charles Bally perante a estilística. Por alguns considerada uma posição controversa (Chiss e Puech 1999: 163), foi, no entanto, seguido por muitos estudiosos, nomeadamente pelo português Rodrigues Lapa. No prefácio da sua obra *Estilística da Língua Portuguesa* (1945), Rodrigues Lapa afirma que deve o seu livro essencialmente a Charles Bally, embora discorde da distinção rígida que este estabelece entre linguagem corrente e linguagem literária, tal como fez Ferdinand de Saussure:

Contudo, a quem mais deve é ainda a Carlos Bally, o sábio estilólogo suíço, que ergueu um monumento à nova ciência com o «Tratado de Estilística Francesa». Discordando embora

de Bally na separação demasiado rígida que faz de linguagem corrente e linguagem literária, a minha Estilística baseia-se fundamentalmente na sua, adopta a sua terminologia e é de quando em quando uma adaptação da sua (Lapa 1945: prefácio).

De facto, até ao aparecimento das teorias de C. Bally, a estilística era considerada uma retórica moderna vista de dupla forma: por um lado, como uma ciência da expressão e por outro, como uma crítica dos estilos individuais. Para Pierre Guiraud, seria desta forma que esta ciência do estilo se definiria:

La stylistique est une rhétorique moderne sous sa double forme, une science de l'expression et une critique des styles individuels; mais cette définition ne se dégage que lentement; et ce n'est que lentement que la nouvelle science du style reconnaît son objet, ses buts et ses méthodes (Guiraud 1979: 7).

Neste sentido, Michael Riffaterre (1973), embora admita que o veículo do estilo é a língua, ele pretende que a estilística seja uma ciência autónoma e independente da linguística. Tal não considera Saussure, que afirma que a estilística pertence ao domínio da linguística. Também Charles Bally (1965) defendeu esta teoria quando afirmava que a estilística abarcava todo o domínio da linguística¹ e, por isso, abarca também o estudo da fonologia, do vocabulário e da sintaxe. De facto, para Bally, a estilística era o estudo da fala do indivíduo, tendo em conta a afectividade e a subjectividade com que fala. Bally desvaloriza, deste modo, a influência da retórica e do texto literário.

Desta forma, o que Saussure postula é uma estilística que, sem colocar de lado o que é escrito, tem como objecto, acima de tudo, a observação do que é falado, consignado ou não por um texto:

Le stylistique, sans se désintéresser de ce qui est écrit, voit avant tout son objet dans l'observation de ce qui est parlé, dans les formes de langage vivantes, consignées ou non dans un texte. Le style dépend de la lettre, et la stylistique se place de préférence hors de la lettre, dans la sphère de pure parole (Saussure 2002: 272).

A estilística coloca-se, assim, na esfera da *parole*. Valoriza-se, desta forma, mais uma vez, o domínio da *parole* enquanto força activa e origem verdadeira dos fenómenos da língua. Não obstante, a estilística situa-se fora do indivíduo, num domínio linguístico ou social no qual são estudados os meios de expressão da língua consagrados pelo uso comum (*Ibidem*).

¹ “Que l'on adopte l'une ou l'autre de ces définitions, la stylistique embrasse le domaine entier du langage” (Bally 1965: 62).

Conclusão

Os resultados da investigação conduzida revelaram-se bastante frutíferos. Com efeito, as hipóteses colocadas inicialmente foram verificadas e revelaram-se bastante enriquecedoras para o conhecimento do ideário linguístico de Ferdinand de Saussure. De facto, a reflexão comparativa das obras *Cours de linguistique générale* (primeira edição de 1916) e *Écrits de linguistique générale* (2002) provou que a segunda, da autoria do próprio Ferdinand de Saussure, acrescenta novas ideias e temas à primeira, editada por dois discípulos do mestre genebrino.

Na verdade, a comparação destas duas obras teve como ponto de partida a questão autoral. O facto de o *Cours* não ter sido escrito pelo linguista suíço, mas por dois dos seus discípulos, que redigiram a obra a partir dos apontamentos dos alunos e poucas notas do professor, suscitou, desde logo, perguntas sobre em que medida aquela obra representava o pensamento de Saussure. Nesse sentido, vários críticos e estudiosos se debruçaram sobre o assunto e sobre as fontes do *Cours*. Assim, surgiu, por exemplo, em 1957, *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*, por Robert Godel e, em 1968, a edição crítica do *Cours*, feita por Rudolf Engler.

Não obstante, a investigação à volta de Saussure e das suas teorias não ficou por aqui e, em 1996, foi descoberta, na antiga casa de Saussure em Genebra, uma série de manuscritos sob o título «livre sur la linguistique générale». Estes manuscritos foram publicados, pela primeira vez, em 2002, juntamente com outros escritos saussureanos sobre linguística geral, guardados na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra. Editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, estudiosos da vida e obra de Saussure, estes textos, reunidos agora na obra *Écrits de linguistique générale*, são uma nova fonte de conhecimento linguístico e do ideário saussureano.

Efectivamente, a importância historiográfica destes manuscritos é grande, na medida em que confirmam o projecto de um livro teórico por parte de Saussure, tal como havia falado aos seus discípulos Antoine Meillet e L. Gautier (Vilkou-Poustovaïa 2003: 152). No entanto, este livro nunca surgiu. Na generalidade, este facto é justificado pela preocupação de Saussure na procura constante de perfeccionismo (Mounin 1971: 16) e, tal como transmitiu em carta a Meillet, pela consciência que tinha da dificuldade que consistiria escrever um livro sobre linguística geral, um campo onde, pela sua complexidade, não se sentia completamente à vontade:

Sans <cesse>, cette ineptie de la terminologie courante, la nécessité de la réformer, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gâter mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher vœu que de ne pas avoir à m'occuper de a langue en général.

Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme emploté en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé (Godel 1969: 31).

A complexidade que Saussure anuncia a Meillet está, assim, presente nos *Écrits*, que se constituem como uma verdadeira filosofia da linguagem, que procura ser uma epistemologia da linguagem baseada na metafísica e na matematização de todas as suas teorias. Aqui descobrimos abordadas as diversas áreas a serem tratadas pela linguística, nomeadamente a fonologia, a morfologia, a lexicologia, a sintaxe, a retórica e a estilística, e ainda a semiologia, ciência de carácter geral que estudaria os signos e os sistemas de signos verbais e não verbais e que, portanto, teria como objecto de estudo a língua. Por isso, os estudos linguísticos deveriam ter sempre em conta os princípios e as conclusões da semiologia.

No atinente a uma *nova visão do ideário linguístico de Ferdinand de Saussure*, esta cumpre-se essencialmente pela reflexão filosófica sobre a linguagem e a linguística geral presente nos *Écrits*. De facto, a similitude dos títulos das duas obras (*Cours de linguistique générale* e *Écrits de linguistique générale*) para isso apontam. Porém, esta semelhança é posta em causa pelo desenvolvimento teórico levado a cabo nos *Écrits*, que traz algumas novidades e novas formas de estudar a linguagem e a linguística.

No que diz respeito à linguística e à sua delimitação enquanto ciência, esta preocupação saussureana do *Cours* está também presente nos *Écrits*. Contudo, enquanto que na primeira obra, depois de levantadas várias hipóteses, se conclui, no final da obra, que “la linguistique a pour unique et véritable objet la langue envisagée en elle-même et pour elle-même” (Saussure 2005: 317), os *Écrits* não chegam a nenhuma delimitação do objecto de estudo. Na verdade, a linguagem, embora seja valorizada enquanto alvo de estudo da linguística, não se constitui como objecto de estudo desta ciência, visto que a linguagem é tão complexa que não tem comparação (Saussure 2002: 152). Por isso, “l'objet en linguistique n'existe pas” (*Ibidem*: 23).

Por outro lado, o estudo da linguagem está contido no estudo das diversas línguas. Embora diferencie a linguagem da língua, Saussure acaba por afirmar que a língua e a linguagem são a mesma coisa, só que uma é a generalização da outra (*Ibidem*: 146). Portanto, estudar a linguagem sem estudar as suas diferentes manifestações (línguas) não faz sentido para o linguista genebrino.

Por sua vez, à semelhança do *Cours*, há uma dualidade a ter em conta no estudo da linguagem: a dicotomia *langue / parole*. Porém, a importância do estudo da *parole* é, nos

Écrits, realçado na medida em que a fala assume um papel fundamental para o estudo da fonologia, uma ciência auxiliar da linguística muito importante. Decorrente também do estudo da *parole*, a noção de discurso é também explorada e desenvolvida, uma vez que é pelo discurso que se dá significação ao pensamento através do acto de relacionar conceitos isolados no sistema linguístico (*Ibidem*: 277).

Decorrente do estudo da *parole*, os *Écrits* estabelecem a distinção entre *parole* potencial, ou *paralelia*, e *parole* efectiva. Estes conceitos vão ao encontro do que os editores do *Cours* registaram como relações associativas e relações sintagmáticas, respectivamente. Assim, todo o elemento morfológico e lexical de uma língua é regido por dois regimes: um, no qual se define em função do que o segue e/ou precede – *parole* efectiva –, e outro, no qual é definido em relação a todos os elementos possíveis – *parole* potencial (*Ibidem*: 61 – 62).

No atinente à língua, esta surge, tal como no *Cours*, como um sistema de signos que se baseia em oposições e diferenças. Enquanto na obra de 1916, o que se valoriza é a noção de sistema, na de 2002, o que se valoriza são as noções de diferenças, oposição e negatividade. Estes três nomes surgem, nesta segunda obra de Saussure, para caracterizar não só o sistema linguístico, mas os signos e os valores que o compõem.

Deste modo, o signo, também designado, na obra mais recente, por sema e por termo, é encarado de forma metafísica, uma vez que existe na e pela relação que se estabelece entre o significado e o significante na esfera da consciência / espírito do falante (*Ibidem*: 21). Porém, os *Écrits* não ficam pela exploração metafísica do signo. Na exploração do conceito, apontam já para a realidade extra-linguística, que no *Cours* fica somente implícita.

Não obstante, o que se realça mais pertinentemente é que o significante só existe em função da sua significação e a significação só existe em virtude do significante. De igual modo, significantes e significações só existem em virtude da diferença que se estabelece entre os signos. Portanto, mais que um sistema de signos, é um sistema de oposições e diferenças e, por isso, não existe nenhum facto na língua por si mesmo, somente em função da oposição que estabelece com todos os factos.

Da mesma forma, a noção de valor também se rege pela opositividade e negatividade. A língua não é um sistema de valores positivos e absolutos, mas negativos e relativos, que não existem senão pela oposição que estabelecem entre si. Neste contexto, os *Écrits* apresentam o valor como tendo, à semelhança do signo, duas vertentes: o valor vale por si, mas só adquire esse valor na medida em que se opõe a outros (*Ibidem*: 333).

Ainda no que concerne ao estudo da língua, os *Écrits* valorizam quatro pontos de vista: o sincrónico, o diacrónico, o pancrónico e o histórico. À semelhança do que ocorre no *Cours*, embora não descure o ponto de vista diacrónico, Saussure valoriza bastante o que até então

era praticamente desconhecido ou pouco utilizado – o sincrónico. Por isso, embora admita a modificação da língua, Saussure argumenta, nos seus manuscritos, que uma outra característica é a sua continuidade no tempo. Consequentemente, afirma que não há línguas filhas, nem línguas mães. Para o linguista, uma língua nunca morre, pois não é um organismo, como alguns dos seus antecessores afirmavam.

Quanto à transformação da língua, Saussure considera que esta característica não entra em contradição com a continuidade, uma vez que a língua permanece. Para além da analogia e das modificações fonéticas, Saussure considera o espaço um factor primordial de mudança. Por conseguinte, admite a descontinuidade geográfica e a existência de dialectos, que prefere designar características dialectais.

Os *Écrits* valorizam ainda outras duas ciências: a semiologia e a estilística. No que diz respeito à primeira, já aludida no *Cours*, salienta-se a sua importância enquanto ciência dos signos verbais e não verbais e, por isso, mais abrangente que a linguística, que dela faria parte. Por outro lado, realça-se, mais uma vez, o pioneirismo de Saussure na definição do objecto de estudo desta nova ciência. De facto, a par de Charles Sanders Peirce, que criou a designação Semiologia, até então esta ciência era desconhecida.

No atinente à estilística, esta surge nos *Écrits* como fazendo parte da linguística, na medida em que o seu objecto de estudo não é o estilo, nem tão pouco os modelos de escrita, mas sim a fala. Tal como referiu mais tarde Coseriu, esta ciência não pode ser outra coisa que o estudo das possibilidades que o sistema oferece ao indivíduo para se expressar, ou seja, seria uma estilística da fala (Coseriu 1982:105). A estilística, embora não tenha sido explorada por Charles Bally e Albert Sechehaye no *Cours*, foi explorada pelo primeiro em várias das suas obras. Podemos, agora, afirmar que efectivamente as teorias de Bally foram beber no seu mestre. No entanto, não queremos aqui desvalorizar o seu trabalho, que conseguiu ir mais além do que ficou registado nos *Écrits*. De facto, Bally exclui a dimensão estática da retórica e tornou-a plenamente linguística (Chiss e Puech 1999:163). Para ele, a estilística estudava a língua falada, tendo em conta o seu conteúdo afectivo e subjectivo, retirando-lhe, portanto, toda a dimensão retórica e literária que muitos lhe atribuíam. No fundo, Charles Bally, para além de enaltecer a estilística, valorizou também a fala que, no prefácio do *Cours*, ele e Albert Sechehaye afirmaram estar em falta.

Deste modo, percebemos que o mestre genebrino engrandecia a *parole* e o discurso, a realidade extra-linguística, a diversidade de línguas e de características dialectais, a morfologia, a sintaxe e a estilística como fazendo parte dos estudos linguísticos, etc.

Assim, também estes manuscritos podem contribuir e complementar o objectivo traçado, há algumas décadas atrás, por Tullio de Mauro e Rudolf Engler, quando procuraram

desenterrar e estabelecer as fontes do *Cours*, prolongando o conhecimento e a compreensão do pensamento linguístico saussureano, uma vez que este é considerado por muitos o responsável por uma nova etapa nos estudos linguísticos, cujo legado ficou marcado pelo estruturalismo.

Não obstante, não pretendemos aqui desvalorizar o trabalho dos editores do *Cours de linguistique générale*: Charles Bally e Albert Sechehaye. De facto, é graças ao seu esforço e empenho que as ideias e teorias saussureanas sobreviveram e ficaram registadas. Foi também devido ao seu trabalho editorial que aquelas acabaram por ser valorizadas e difundidas por todo o mundo. E foi também devido ao texto editado por Bally e Sechehaye que Ferdinand de Saussure se tornou um marco incontornável na investigação linguística. Por outro lado, é também devido ao facto de o *Cours* não ter sido escrito e editado por Saussure que a investigação à sua volta é incansável, tal como atesta o nosso interesse pelo estudo realizado.

Com efeito, o Saussure dos *Écrits* incitou-nos a reler o *Cours* e conduziu a nossa investigação na procura não só do grau de fidelidade das teorizações presentes neste último, mas também no aprofundamento das teorias nele expostas. Por outro lado, a importância historiográfica destes manuscritos é inegável, uma vez que temos, por fim, a confirmação material de um suposto projecto saussureano de escrever um livro sobre linguística geral. Este, no entanto, não nos apresenta um professor preocupado com a didáctica, mas sim um filósofo da linguagem imbuído pela procura de cientificidade da linguística e marcado pela matemática que aplica às suas teorias. Na verdade, a língua é para si uma álgebra, portanto algo que deve ser objecto de estudo científico.

Do exposto, podemos concluir que a obra *Écrits de linguistique générale* surge como um texto paradigmático dos estudos linguísticos, nomeadamente no que diz respeito ao enriquecimento da sua história e conhecimento do pensamento de um dos grandes nomes da linguística moderna. Assim, o presente trabalho pretende, contribuir para a ampliação desse conhecimento. Na verdade, os *Écrits de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure revelam-se, deste modo, uma obra de referência para o estudo do pensamento e obra do linguista genebrino.

Referências Bibliográficas

Bibliografia activa:

- Saussure, Ferdinand de (1968): *Cours de linguistique générale*; édition critique par Rudolf Engler. Otto Harrassowitz – Wiesbaden.
- _____ (1879): *Recueil des Publications Scientifiques*. Lausanne: Payot.
- _____ (2002): *Écrits de linguistique générale* (texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler). Paris: Gallimard.
- _____ (2004): Escritos sobre *lingüística general* (Edición, introducción y notas de Simon Bouquet y Rudolf Engler, con la colaboración de Antoinette Weil). Barcelona: Editorial Gedisa.
- _____ (2005^a): *Cours de linguistique générale* (publié par Charles Bally et Albert Sécheyave avec la collaboration de Albert Riedlinger). 5.^a Edição. Paris: Payot.
- _____ (2005^b): *Curso de Lingüística Xeral* (Tradução, estudo introdutório e notas de Xosé Manuel Sánchez Rei). Santiago de Compostela: Ed. Laiovento.

Bibliografia passiva:

- AA.VV. (1992): *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Vol. IV. São Paulo – Lisboa: Editorial Verbo.
- AA.VV. (2006): *Dicionário Enciclopédico Português*, Vol. IX. Lisboa: Editorial Verbo.
- Amacker, René (1975): *Linguistique Saussurienne*. Genève – Paris: Librairie Droz.
- Assunção, Carlos (1996): *Para uma Gramatologia Portuguesa, I – Edição Crítica da «Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa» de António José dos Reis Lobato, II – António José dos Reis Lobato, gramático iluminista, III – Manuscritos e outros textos subsidiários*, Dissertação de doutoramento. Vila Real: UTAD.
- _____ (1997^a): *Gramática e Gramatologia*. Braga: Edições APPACDM.
- _____ (1997^b): *Para uma Gramatologia Portuguesa, Dos Primórdios do Gramaticalismo em Portugal a Reis Lobato*. Vila Real: UTAD.
- Auroux, Sylvian (Dir.) (1989): *Histoire des idées linguistiques*. Liège – Bruxelles: Pierre Mardaga Editeur.
- Bally, Charles (1965): *Le Langage et la Vie*. 3.^a Edição. Genève: Droz.

- _____ (s/d): *Traité de stylistique française* – 2 vols. Paris: Klincksieck.
- Baylon, Christian e Fabre, Paul (1979): *Iniciação à Linguística*. Coimbra: Almedina.
- Beaugrande, Robert de (1991): *Linguistic Theory*. London: Longman.
- Benveniste, Émile (1976): *Problèmes de Linguistique Générale I e II*. Paris: Gallimard.
- Bouissac, Paul (s/d): «Does Saussure still matter?». *Semiotic Revue of Books*. Internet. Disponível em <http://www.chass.utoronto.ca/epc/srb/bouissacsaussure.pdf> (consultado em 28 de Novembro de 2006).
- Bouquet, Simon (1990): «L'écriture et la langue dans le 'Cours de linguistique générale' de Ferdinand de Saussure». In: *History and Historiography of Linguistics*, 51, Vol.II. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 795 - 805.
- _____ (1997^a): *Introduction à la lecture de Saussure*. Paris: Payot.
- _____ (1997^b): «Benveniste et la représentation du sens: de l'arbitraire du signe à l'objet extra-linguistique». Disponível em http://revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Bouquet_Benveniste.html (consultado em 06 de Junho de 2007).
- _____ (1999): «La linguistique générale de Ferdinand de Saussure: textes et retour aux textes. *Texto!* Internet. Disponível em http://revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Bouquet_Linguist-gen.html (consultado em 17 de Março de 2006).
- Bronckart, J. P. (1995): *Théories du langage: une introduction critique*. 4.^a Edição. Liège: Mardaga.
- Calvet, Louis-Jean (1975): *Pour et contre Saussure*. Paris: Payot.
- _____ (1996): *Roland Barthes – Um Olhar Político sobre o Signo*. Lisboa: Vega.
- Câmara, João Bettencourt da (1995): *Saussure, chess and time – the role of an analogy in a scientific revolution*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso (1981): *Problemas de Linguística Descritiva*. 10.^a Edição. Petrópolis: Editora Vozes.
- _____ (1986): *História da Linguística*. 4.^a Edição. Petrópolis: Vozes.
- Carvalho, J. G. Herculano de (1983): *Teoria da Linguagem*, Vols. I e II. 6.^a Edição. Coimbra: Coimbra Editora.
- Černý, Jiří (1998): *Historia de la Lingüística*. Cáceres: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura.
- Chiss, Jean-Louis e Puech, Christian (1999): *Le langage et ses disciplines*. Bruxelles: Duculot.
- Chomsky, Noam (1980): *Essais sur la forme et le sens*. Paris: Éditions du Seuil.

- Collado, Jesus-Antonio (1980): *Fundamentos de Linguística Geral*. Lisboa: Edições 70.
- Coursil, Jacques (s/d): «Ce tu qui n'est pas l'autre». Internet. Disponível em http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_coursil.pdf (consultado em 19 de Abril de 2007).
- Coseriu, Eugenio (1991²): *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos.
- _____ (1982): *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 3.^a Edição. Madrid: Editorial Gredos, S.A..
- Cressot, Marcel (1947): *Le style et ses techniques*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Crystal, David (1977): *A Linguística*. 2.^a Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- _____ (1985): *What is Linguistics?*. 4.^a Edição. London: Edward Arnold Publishers.
- Culler, Jonathan (1979): *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix.
- Dortier, Jean-François (2001): *Le langage: nature, histoire et usage: les theories, les débats, les origins, les enjeux*. Auxerre: Sciences Humaines Editions.
- Eco, Umberto (1973): *O Signo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Engler, Rudolf (1968): *Lexique de la terminologie saussurienne*. Utrecht – Anvers: Spectrum Editeurs.
- _____ (1980): «Linguistique 1908: Un débat-clef de linguistique géographique et une question de sources saussuriennes». In: *Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science III – Studies in the History of Linguistics*, Vol. XX. Amsterdam: John Benjamins B. V., pp. 257 – 270.
- François, Frédéric (1980): *Linguistique*. Paris: Puf.
- Fernandes, Manuel Gonçalo de Sá (2002): *Amaro de Reboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Línguas*, Dissertação de Doutoramento. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Fodor, Jerry A. e Katz, Jerrold J. (1964): *The Structure of Language: Readings in the Philosophy of Language*. London: Prentice-Hall International, Inc.
- Fontanier, Pierre (1977): *Les figures du discours*. Paris: Flammarion.
- Gadet, Françoise (1987): *Saussure: une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Gandon, Francis (2001): «Le dernier Saussure: Double articulation, anagrammes, brahmanisme». *Semiotica* 133. Internet. Disponível em http://www.atypon-link.com/WDG/doi/pdf/10.1515/semi_2001.010 (consultado em 28 de Novembro de 2006).
- García, Encarnación Pérez (2006): «Bonifacios Sotos Ochando: La arbitrariedad del signo y la doble articulación en el *Proyecto de Lengua Universal*». In *Caminos Actuales*

de la Historiografía Lingüística, Tomo I. Murcia: Universidad de Murcia.

- García-Miguel, José M. (1996): «O princípio de arbitrariedade e a lingüística actual». In *Actas do IV Congresso Internacional de Língua Galego-Portuguesa na Galiza em Homenagem a Ferdinand de Saussure*. Ourense. Associação Galega da Língua, 415 – 422.
- Gleason, H. A. (1961): *Introdução à Linguística Descritiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Godel, Robert (1969): *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz.
- Guiraud, Pierre (1979): *La stylistique*. 9.^a Edição. Paris: Presses Universitaires de France.
- Harris, Roy e Taylor, Talbot J. (1997²): *The Western Tradition from Socrates to Saussure*. London – New York.
- Harris, Roy (1999): «Integrational linguistics and the structuralist legacy». In: *Language & Communication*, Vol. XIX. Oxford, pp. 45 – 68.
- _____ (2003): *Saussure and his Interpreters*. 2.^a Edição. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Hewson, Jonh (1990): «Un système où tout se tient: origin and evolution of the idea». In: *History and Historiography of Linguistics*, 51, Vol.II. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 787 – 794.
- Hirsbrunner, Marianne (1972): *Les Limites d'une Théorie Saussurienne du Discours et leurs Effects dans la Recherche sur l'Argumentation*. Neuchâtel – Paris: Centre de Recherches Sémiologiques.
- Holdcroft, David (1991): *Sausure: Signs, System, and Arbitrariness*. Cambridge: Cambridge University.
- Hormigo, M. T. Díaz (2006): «Releyendo a Saussure. Consideraciones en torno de la denominada teoría de la motivación lingüística». In *Caminos Actuales de la Historiografía Lingüística*, Tomo I. Murcia: Universidad de Murcia.
- Huisman, Bruno e Ribes, François (1986): *Les Philosophes et le Langage*. Paris: Sedes.
- Huisman, Denis (1984): *Dictionnaire des philosophes*, Vol. II. Paris: Presses Universitaires de France.
- Kearney, Richard (1994): *Routledge History of Philosophy*, Vol. VIII. London – New York: Routledge.
- Koerner, E. F. K. (1972): *Contribution au débat post-saussurien sur le signe linguistique*. Paris: Mouton.
- _____ (1975): «European Structuralism: early beginnings». In: *Current Trends in*

- Linguistics*. Paris: Mouton.
- _____ (1982): *Ferdinand de Saussure: genesis y evolución de su pensamiento en el marco de la lingüística occidental: contribución a la historia y a la teoría de la lingüística*. Madrid: Editorial Cremos.
- _____ (1990): “Leonard Bloomfield and the *Cours de linguistique générale*”. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 43: 55 – 63.
- _____ (2004): *Essays in the History of Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Koerner, E. F. K. e Asher, R. E. (Ed.) (1995): *Concise History of the Language Sciences: From the Sumerians to the Cognitivists*. Cambridge: Pergamon.
- Kristeva, Julia (1980): *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70.
- Lapa, M. Rodrigues (1945): *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova.
- Lepschy, G. C. (1976): *La Linguistique Structurale*. Paris: Payot.
- Leroy, Maurice (1967): *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*. São Paulo: Cultrix.
- Lyons, John (1970): *Linguistique Générale*. Paris: Larousse.
- _____ (1981): *Linguagem e Lingüística*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Malmberg, Bertil (1983): *Analyse du langage au XX^e siècle: théories et méthodes*. Paris: Presses Universitaires de France.
- _____ (1991): *Histoire de la linguistique*. Vendôme: Presses Universitaires de France.
- Martinet, André (1996): *Éléments de linguistique générale*. 4.^a Edição. Paris: Armand Colin / Masson.
- Meillet, Antoine (1949): *Introduction à l'étude comparative des langues Indo-Européennnes*. Paris: Hachette.
- _____ (1982): *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Champion.
- _____ (1984): *La Méthode Comparative en Linguistique Historique*. Genève – Paris: Slatkine Reprints.
- Mounin, Georges (1967): *Histoire de la Linguistique*. Paris: Puf.
- _____ (1969): *Saussure ou le Structuralism sans le savoir*. France: Éditions Seghers.
- _____ (1971): *Saussure: Presentación y textos*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- _____ (1972): *La Linguistique du XX^e siècle*. Paris: Puf.
- Normand, C. et al (1978): *Avant Saussure*. Bruxelles: Éditions Complexe.
- Normand, C. (2003): “Saussure - Benveniste”. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 56: 125 – 131.
- Oliveros, Luis Casteleiro (2000): *La revolución en Lingüística: Ferdinand de Saussure*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

- Pierce, Charles S. (1972): *Semiótica e Filosofia* (Trad. E Sel. De Octany Silveira da Mota e Leonidas Hegemberg). São Paulo: Cultrix.
- Pignatari, Décio (2004): *Semiótica e literatura*. 6.^a Edição. Brasil: Ateliê Eitorial.
- Rastier, Francois (2005): «Saussure au futur: écrits retrouvés et nouvelles receptions». *Texto! Mars 2005*. Internet. Disponível em http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Rastier_Saussure.html (consultado em 19 de Abril de 2007)
- Rey, Alain (1976): *Théories du signe et du sens*. Paris: Éditions Klincksieck.
- Riffaterre, Michael (1973): *Estilística Estrutural*. São Paulo: Cultrix.
- Robins, R. H. (1979): *A Short History of Linguistics*. 2.^a Edição. London: Longman.
- Sánchez, Manuel Martí (1998): *En torno a la cientificidad de la Lingüística: aspectos diacrónicos y sincrónicos*. S/l.: Universidad de Alcalá – servicio de Publicaciones.
- Sanders, Carol (1979): *Cours de linguistique générale de Saussure*. Paris: Hachette.
- Sazbón, José (1985): *Saussure y los fundamentos de la lingüística: Estudio preliminar, selección de textos y traducción*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- Sebeok, Thomas A. (1994): *An Introduction to Semiotics*. London: Printer Publishers.
- Starobinski, Jean (1971): *Les mots sous les mots: Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard.
- Sebeok, Thomas A. (Ed.) (1975): *Current Trends in Linguistics*. Paris: Mouton.
- Thibault, Paul J. (1997): *Re-reading Saussure: the dynamics of signs in social life*. London – New York: Routledge.
- Vilkou-Poustovaïa, Irina (2003): «À propos de Ferdinand de Saussure, *Écrits de linguistique générale*». In: *La Linguistique*, Vol. 39. Paris: Presses Universitaires de France, pp. 151 – 156.
- Whitney, W. D. (1980): *La Vie du Langage*. 3.^a Edição. Paris: Librairie Germer Baillière et C.^{ie}.
- Wunderli, P. (1983): “Problèmes et résultats de la recherche saussurienne”. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 36: 119 – 137.